



Santa Margarida Maria Alacoque

A esposa do Sagrado Coração de Jesus

HISTORIA DA SUA VIDA

Compilada pelo Servo de Deus

P. ANDRÉ BELTRAMI

da Pia Sociedade Salesiana

2ª edição Brasileira

S. PAULO

ESCOLAS PROFISSIONAES DO LYCEU C. DE JESUS

1932

NIHIL OBSTAT.

S. Pauli, 14 Octobris 1923

Can. Dr. Joannes Martins Ladeira

Censor

IMPRIMA-SE.

S. Paulo, 14 de Outubro de 1923

Mons. Dr. Emílio Teixeira

Vigário Geral

PREFÁCIO DOS EDITORES

O presente livro é a tradução da primeira obra de uma série de belíssimas produções literárias, históricas e religiosas do Servo de Deus, P. André Beltrami, da Pia Sociedade Salesiana, morto em odor de santidade a 30 de Dezembro de 1897, aos 27 anos e meio de idade.

Justamente apelidado "O Seráfico Adorador da Eucaristia, a vítima admirável de amor e sacrifício", foi André Beltrami uma dessas almas predestinadas por Deus ao amor e ao sofrimento. "*Nem sarar, nem morrer, mas viver para sofrer*", respondia ele sempre a quem, durante o longo martírio da sua penosíssima enfermidade, lhe perguntava se desejava reaver a saúde. Este mote dá bem a feição característica daquela alma privilegiada.

Ora, sendo o Sagrado Coração — a eterna vítima, do infinito amor — a mais perfeita escola de sofrimento, era natural que, a saciar-se nesse manancial perene, voasse sempre a alma sedenta de André Beltrami.

Entretanto ao P. Júlio Barberis, Diretor espiritual da Congregação Salesiana, que o encarregara de escrever um livro sobre o Sagrado Coração de Jesus, responde: "Acolhi, como uma ordem vinda do Céu, a sua palavra: pus mãos à obra com o melhor da minha vontade. Penso, porém, que o meio mais adequado para inflamar os homens nessa devoção é narrar-lhes a vida de Santa Margarida Maria, a qual foi criada expressamente para o Sagrado Coração de Jesus, e, vítima afortunada, finou-se nas chamas do seu santo amor".

Tinha razão o P. Beltrami. Quem quiser atingir a devoção ao Sacratíssimo Coração de Jesus nas suas fontes diretas, é ler e meditar a vida da sua seráfica adoradora, Santa Margarida Maria Alacoque.

E nós acrescentamos que a alma seráfica de André Beltrami transparece, como através de um cristal, das páginas deste livro, que, em comemoração do Congresso do Sagrado Coração de Jesus a realizar-se em Outubro no Liceu Salesiano de São Paulo, damos hoje à publicidade.

Permita o dulcíssimo Coração de Jesus seja este modesto trabalho a fagulha divina, que ateie um incêndio de amor santo nos corações dos seus piedosos leitores.

P. H. M.

S. Paulo, Setembro de 1923.

<http://alexandriacatolica.blogspot.com>

Dados biográficos do Servo de Deus, P. André Beltrami, autor desta obra

O servo de Deus P. André Beltrami, da Pia Sociedade Salesiana, nasceu em Omegna, diocese de Novara (Itália). Aos 9 anos fazia com edificante piedade a sua primeira Camunhão. Aos 13, entrava no Colégio Salesiano de Lanzo, onde foi um pequeno apóstolo entre os seus companheiros. Aos 16, terminou o curso ginásial e, reconhecendo-lhe o Venerável D. Bosco, fundador dos Salesianos, verdadeira vocação ao estado religioso, acolheu-o entre os seus clérigos. Durante o noviciado e nos anos seguintes entregou-se com entusiasmo ao estudo e a tudo quanto concorria para a sua perfeição religiosa. Professor, muito jovem ainda, já parecia educador provento. Aos 19 anos iniciou na Real Universidade de Turim o curso de belas letras. Os admiráveis progressos que, com o seu talento de escol, fazia nos estudos, ficavam muito longe dos que conseguia na obra da sua santificação. No entusiasmo do seu fervor espiritual, oferecera-se a Jesus como vítima de amor. A ardência deste amor divino chegou a tal ponto que se sentiram abaladas as suas forças físicas e, com pouco mais de 20 anos, caiu gravemente enfermo.

Os sete anos que lhe durou esta enfermidade, acompanhada de dores atrozes e contínuas, passou-os o Servo de Deus no Seminário Salesiano de Valsalice. Em 1893, quatro anos antes da sua morte, ordenava-se sacerdote. Qual outro Job, bendizia a Deus no meio dos seus grandes sofrimentos, e, com sublime heroísmo, sentia muitas vezes: *«Nem sarar, nem morrer; mas viver para sofrer.»*

Das 5 horas da manhã, até á meio noite, permanecia em adoração quase continua diante do SS. Sacramento. As mesmas horas que passava à sua mesa de trabalho, (e publicou durante esses anos cerca de 20 belíssimos livros, dos quais o primeiro foi exatamente o que agora traduzimos), passavá-as numa tribuna da Igreja, da qual avistava continuamente o santo Tabernáculo. Na celebração da Santa Missa empregava quase duas horas, devido aos seus êxtases de adoração a Jesus, desde a Elevação até a Consumação.

Morria em odor de Santidade em 30 de Dezembro e 1897, aos 27 anos e meio de idade. O seu corpo repousa, rodeado de veneração, no túmulo da família, em Omegna.

Têm-se alcançado muitas graças pela sua intercessão, Recorre-se a ele para conseguir a cura de graves enfermidades, para o bom êxito nos estudos, nas duvidas sobre a fé, na incerteza da vocação e noutras graves necessidades.

O desejo de ver quanto antes elevado ás honras dos altares a este digno filho do Venerável D. Bosco, animou a Cúria diocesana de Novara a instaurar o Processo informativo sobre a vida, virtudes, fama de santidade e milagres do Servo de Deus. E já foram remetidos a Roma as atas desse Processo.

PREFÁCIO DO AUTOR

As principais fontes, de que extraí as notícias contidas nesta biografia, são as “Memórias” escritas pela própria Santa no declínio dos seus dias, por ordem do P. Rollin, confessor do mosteiro e as “Cartas” enviadas a diversas religiosas da Visitação para fervorá-las na devoção ao Coração dulcíssimo de Jesus. As «Memórias» são uma como autobiografia, digna de figurar ao lado da que escreveu a Seráfica Santa Thereza, e das “Confissões” de Santo Agostinho. Sente-se em cada uma das suas páginas a luta entre a humildade e a obediência. O desejo de viver desconhecida levá-la-ia a quebrar a pena; mas a obediência a impele a escrever. Suplica, então, ao diretor da sua consciência que rasgue aquelas folhas, apenas as tenha lido e volta-se ao Divino Coração, rogando-Lhe que a sepulte num eterno esquecimento por parte dos homens, afim de só viver para o seu amor.

Estudei a fundo as cartas da Santa, que são a expressão dos seus pensamentos e afetos e nas quais ela, pouco a pouco e sem o perceber, traça a figura da sua grande alma, sempre inflamada, ou melhor, — para me servir das próprias palavras, — tiranizada por três amores; o amor a Jesus, o mais ardente e insaciável, o amor aos sofrimentos e o amor às humilhações.

Auxiliou-me também a vida compilada por Mons. Languet o qual conheceu e consultou as religiosas que viveram com Margarida e foram testemunhas das suas heróicas virtudes. Consultei outrossim a História publicada por Mons. Bourgaud, glória do episcopado francês, que dotou de preciosas obras a literatura católica. É o historiador, que melhor conheceu e retratou a grande figura da nossa Santa, projetando uma luz nova sobre alguns particulares que escaparam aos escritores precedentes.

Digne-se o Sagrado Coração de Jesus abençoar este meu humilde trabalho, cujo fim é torná-Lo conhecido e amado na contemplação das graças maravilhosas que concedeu à sua esposa dileta e me conceda a graça de viver sempre envolvido nas chamas do seu amor.

CAPÍTULO I

Nascimento da Santa — Primeiras palpitações de amor por Jesus — O berço enflorado de celestes favores — Pureza angélica da sua consciência — Doçuras do seu santo amor.

O dulcíssimo Coração de Jesus foi um como sol fulgurante de luz e calor que despontou no horizonte da Igreja, para iluminar e aquecer a piedade dos fiéis, entibiados pelo sopro glacial do jansenismo. Esta nefasta heresia, filha do Protestantismo, tinha corrido um véu sobre o mais belo dos atributos de Deus, — a sua misericórdia — e sobre o amor infinito, que Ele tom pelos homens, para pôr unicamente em relevo a sua inexorável justiça, espantando assim os cristãos e afastando-os dos Sacramentos.

O nosso amabilíssimo Redentor, sempre inflamado pela caridade que o acompanhou na sangrenta vereda do Calvário, abriu, então, o peito e mostrou ao mundo o seu Coração Divino, a transbordar de amor e abrasado de zelo pela salvação das almas, convidando a todos a se aproximarem dele para atingirem as inexauríveis riquezas de vida eterna. O mundo soltou um brado de alegria à vista daquele Coração adorável e correu após a fragrância que Ele exalava, rendendo-Lhe as mais vivas homenagens e ofertando-Lhe os mais odorosos incensos.

O instrumento privilegiado, de que se serviu Deus para tornar conhecida e propagada esta nova devoção, foi, em virtude de uma predestinação, que se perde nos profundos segredos da eternidade, Santa Margarida Maria Alacoque.

Lhautecour, quarteirão da Villa Verosvres, distante cerca de sete léguas de Paray, na Borgonha (França), foi o lugar abençoado que viu nascer e ouviu os primeiros vagidos da humilde virgem, no dia 22 de Julho de 1647, festa de Santa Maria Magdalena penitente.

Foram seus pais Cláudio Alacoque e Felisberta Lamyn, ambos dotados de grande virtude e verdadeiramente dignos de dar o nascimento a uma santa. Deus abençoou-lhes a união concedendo-lhes sete filhos, o quinto dos quais foi Margarida. Sua mãe cultivou-lhe a piedade com especial carinho, pois tinha um como pressentimento da sublime missão que a filha deveria desempenhar na Santa Igreja. Jesus, que a destinara a reacender no mundo o fogo do seu divino amor, quis que ela fosse por

este inflamada desde o alvorecer dos seus dias, e de bênçãos celestes mandou que os seus anjos lhe enflorassem o berço.

Ainda muito pequenina, já não respirava senão para o seu dulcíssimo Redentor e fugia de Lhe causar o menor desgosto. Contando apenas dois ou três anos, escreve o seu primeiro historiador, concebeu a Santa tamanho horror até á menor sombra de pecado que, quando seus pais queriam contrastar-lhe alguma das suas inclinações, bastava que lhe dissessem que aquilo podia causar desgosto a Deus. Não era preciso acrescentar mais, para que ela desistisse completamente do que a princípio queria.

Pouco antes de consumir o sacrifício da sua existência no altar da caridade, a nossa Santa por ordem do seu diretor, compilou as memórias da sua vida seráfica, precioso escrito, no qual passo a passo se sente a elevação de Santa Thereza e o coração e as lágrimas de Santo Agostinho, ao mesmo tempo que se admira a soberana beleza, a pureza angelical e a profunda humildade de que era ornada aquela grande alma.

Ouçamos reverentes como ela descreve os primeiros anos da sua vida. *«Oh! meu único Amor, como vos agradeço por me terdes prevenido com as vossas graças, tornando-vos Senhor do meu coração desde a minha mais tenra infância. Não apenas soube convencer-vos, Vós manifestastes à minha alma a fealdade do pecado, incutindo-me tal horror a ele, que o seu menor indício já me causava um tormento insuportável, tanto que, para moderar a vivacidade do meu caráter, bastava um simples aceno à provável ofensa de Deus: detinha-me, no mesmo instante, cheia de espanto.»*

Seu irmão Chrysostomo, que lhe sobreviveu e depôs no processo da sua beatificação, narra um fato que nos revela a grande delicadeza de consciência de Margarida.

Era dos últimos dias de carnaval; toda a galharda juventude da aldeia entregava-se a alegres folguedos. Enquanto reboavam na praça publica o canto e a música, propôs-lhe o irmão que se permutassem as roupas e se mascarassem. Margarida, que ainda não tinha completado cinco anos, opôs-se terminantemente e afastou-se do irmão, dizendo que aquilo podia ofender a Deus.

A esta delicadeza de consciência unia um amor ardente pela oração e pela solidão, e precoces instintos de penitencia, tais que enchiam de maravilha a quantos a rodeavam. Rezar e sofrer eram as supremas aspirações da sua alma virgem. O Espírito Santo ensinou-lhe os suaves segredos da oração, fazendo-lhe sentir as delícias celestes e iniciando-a nos inefáveis colóquios com o Céu, naquela idade em que as crianças geralmente ainda não têm o uso da razão, nem conhecem ao seu Criador. Seus pais e seus irmãos encontravam-na, não raro, nos lugares mais retirados

da casa, ajoelhada, absorta em oração e em ternos protestos de amor para com o seu doce Jesus. Ficava radiante de alegria, quando sua mãe a levava à Igreja para ouvir a Santa Missa, ou assistir as outras funções religiosas.

Sentia tal atração para o SS. Sacramento, que por sua vontade jamais se apartaria do lugar santo. Parecia que Jesus, da prisão do Tabernáculo, dardejasse setas de amor àquela alma inocente e a inebriasse das suas doçuras, ansioso por celebrar com ela o místico noivado e uni-la para sempre ao seu Sacratíssimo Coração.

CAPÍTULO II

O castello solitário de Corcheval — Celestes delicias aos pés do Tabernáculo — O lírio da virgindade — Os instantes de um coração puro — O manto da Virgem Maria.

Margarida crescia em idade, graça e perfeição enchendo de admiração os próprios anjos que perguntavam entre si: Quem é esta que vive no deserto do mundo, cheia de soberanas riquezas, bela como a lua, eleita como sol e terrível ao inferno como exército em ordem de batalha? É a predileta do Divino Coração, ornada de vestes peregrinas e enriquecida de adereços e pérolas preciosas. Chegada aos cinco anos de idade, a nossa Santa foi enviada para junto de sua madrinha Margarida, esposa de Fautrières, senhor de Corcheval, nobre dama, que amava, ternamente a afilhada, pelos dons celestes que nela via resplandecer. O castelo em que moravam, rodeado de bosques deliciosos e aprazíveis jardins, situado às faldas de um monte, sombreado por grandes árvores, era o que havia de mais próprio para a solidão e o recolhimento, ao qual se sentia atraída a nossa Santa para gozar das doçuras da oração. Todo o seu prazer era esconder-se em algum daqueles bosques, longe de todo o rumor, afim de falar com o seu Deus entre as harmonias dos passarinhos que cantavam, e o murmúrio do regato que corria mansamente. À porta do castelo erguia-se a Igreja, toda encoberta de densas árvores. Para lá se dirigia constantemente a pia virgenzinha, passando longas horas de joelhos, com as mãos juntas e os olhos fitos no santo altar. O seu olhar de águia, penetrando através dos véus do Tabernáculo, contemplava a beleza soberana do seu doce Senhor, de tal modo que devia fazer grande violência para se separar daqueles santos lugares e voltar ao castelo. Naquelas horas solitárias de oração, Jesus lhe revela os segredos inefáveis do seu amor e lhe imergia a alma predestinada num oceano de gozo, fazendo-lhe prelibar instantes de paraíso. E Jesus

começava a bater ao coração de Margarida, para ai entrar e apoderar-se inteiramente dele. Pedia-lhe insistentemente o lírio da virgindade, essa flor que lhe é a mais agradável e que eleva o homem a uma sublimidade tal, que o torna semelhante aos espíritos celestes.

A pia virgenzinha ainda não sabia bem o que era castidade e voto, e, entretanto, sentia-se suavemente apressada a prometer-lhe ao esposo das virgens e a consagrar-lhe inteiramente alma e corpo: pressentia que era essa a coisa mais agradável que lhe podia oferecer. Por fim, um dia, no momento mais solene do Santo Sacrifício da Missa, entre as duas elevações, afervorada mais que de costume, deixou-se transportar pela celeste fragrância do seu Jesus e lhe ofereceu a coroa da virgindade, exclamando num surto de entusiasmo: «*Deus do meu coração, consagro-vos a minha pureza; faço voto de perpetua castidade*». Margarida, já agora, é toda de Jesus e mais pertence ao Céu do que à terra.

E Jesus, desde aquele dia abençoado, considerou-a como sua filha predileta e escondeu-a no seu Coração adorável, para defendê-la de qualquer profano insulto, concedendo-lhe as mais preciosas graças.

A Senhora de Corcheval, não podendo, como era seu desejo, cuidar pessoalmente da educação da sua querida afilhada, confiou-a a duas das suas damas de companhia, para lhe ensinarem a rezar, ler, escrever e estudar o catecismo. Uma delas era carinhosa, amável, cheia de condescendência; a outra, pelo contrario, severa e inflexível. Coisa singular! Margarida preferia as maneiras rudes da segunda às amabilidades e carícias da primeira. Neste proceder, que então parecia inexplicável, viu-se mais tarde um daqueles secretos instintos que Deus concede aos corações puros. A governante, apesar de cheia de gentileza e condescência, não vivia vida cristã.

Acrescente-se a todos esses dotes uma terníssima devoção á gloriosa Rainha dos Anjos, Maria Santíssima e estará completo o retrato de Margarida nos dias da sua infância. O amor à excelsa Mãe de Deus é uma das características da santidade, e, quanto mais uma alma progride na perfeição, mais sente aumentar em si a veneração para com Ela.

Como se ha de amar a Jesus Cristo sem venerar ao mesmo tempo Aquela que no-Lo deu, revestido de carne humana?

Em suas «Memórias» escreve: «*Recorri a Maria Santíssima em todas as minhas necessidades e Ela me livrou de enormes perigos. Não me atrevia a recorrer diretamente ao seu Divino Filho: sempre o fazia por meio d'Ela. Oferecia-lhe o santo*

Rosário, rezando-o de joelhos, ou fazendo tantas genuflexões quantas são as suas Ave-Marias, ou beijando o chão outras tantas vezes».

E a Mãe do santo amor, que se delicia com as homenagens e as flores, levadas ao seu altar pelas almas inocentes, não se deixou vencer em generosidade e tomou sob o seu manto a virtuosa menina, guiando com ternura os seus passos e espargindo lírios e rosas no caminho da sua existência.

CAPÍTULO III

*A escola do sofrimento — Entre as Filhas de S. Clara — A mais bela aurora da vida
O primeiro amplexo de Jesus — Preciosas graças.*

Chegara a hora em que Margarida, juntamente com a coroa de rosas das celestes consolações, devia cingir a coroa de espinhos e beber a largos haustos no cálix da dor, destinado aos pobres filhos de Adão. Os sofrimentos, aliás, não são obstáculos à perfeição evangélica, mas sim o caminho mais breve para a atingir. A dor é aquele agulhão de ouro, que não permite nos detenhamos nas coisas da terra, para mendigar consolações efêmeras, mas, sem cessar, nos impele para a pátria celeste, onde, nos seus eternos esplendores, gozaremos alegrias inefáveis.

A Senhora de Fautrières de saúde sempre precária, declinava rapidamente para o túmulo e expirava no osculo do Senhor no ano 1655, depois de haver abraçado ternamente a Margarida, e de lhe haver feito salutares recomendações. A Santa derramou copiosas lágrimas sobre o ataúde da sua querida benfeitora e só encontrou conforto na oração e na conformidade com a vontade de Deus.

Terminados os funerais, reenviaram-na à sua família, onde a aguardava outra desventura ainda maior. No fim daquele mesmo ano, chamava Deus à glória eterna o extremoso pai que Margarida ternamente amava. Esta perda prematura afligiu-a profundamente e tanto mais por ficar a família privada do seu principal arrimo, num momento em que a numerosa prole, ainda em tenra idade, mais carecia dele. A boa menina, porém, soube conformar-se com a adorável vontade de Deus e sofrer a cruel desventura bendizendo ao Senhor, o qual tudo faz servir para sua maior glória e para o bem dos seus fiéis servos. Sua mãe, não podendo atender ao mesmo tempo aos seus afazeres e à educação dos seus filhos, resolveu internar Margarida no Convento das Clarissas, em Charolles. O silêncio do claustro, a austeridade e as orações continuadas, o levantar-se alta noite para psalmodiar em coro, a modéstia e o

recolhimento daquelas dignas filhas de Santa Clara, fizeram uma impressão profunda no seu coração e ela sentiu nascer-lhe o desejo de se consagrar a Deus.

As Irmãs perceberam desde logo os tesouros de graças, com que Deus havia aformoseado aquela alma inocente, e empregaram todo o empenho em desenvolver nela, fazendo-os crescer dia a dia, os gérmenes da santidade. Prepararam-na para a primeira Comunhão, quando ainda não havia completado nove anos, afim de que o Esposo celeste tomasse posse completa daquele coração virginal e o sigilasse com o seu sinete, excluindo dele qualquer outro amor terreno. O dia da primeira Comunhão é o mais belo da vida. Quem não recorda com saudade aquela manhã abençoada, a música e os cantos, as rosas e as flores de que se adornava o santo Altar e as suas emoções sentidas ao dar o primeiro amplexo ao Rei da Glória? Felizes aquelas almas que, revestidas da estola da inocência, ou purificadas no santo lavacro da Penitência, celebraram dignamente as primeiras núpcias com o esposo celeste! A criança que faz bem a sua primeira Comunhão tem um penhor da sua predestinação gloriosa; o primeiro beijo que dá a Jesus é o penhor do amplexo eterno com que a Ele se estreitará mais tarde na glória do Céu. Infeliz, mil vezes infeliz, porém, aquela alma que renova a traição de Judas. Já tem um pé no inferno; e será um milagre da graça, se dele o retirar, encaminhando-se pela vereda do Céu.

Para Margarida a primeira Comunhão, recebida com o fervor de um Serafim, nos transportes mais suaves de amor e com uma preparação de ardentes preces e prolongadas mortificações, assinalou o início de uma vida mais santa e de um novo rumo nos caminhos da perfeição. Ela própria nos narra os extraordinários frutos que colheu e as graças com que Jesus, naquele dia memorando, enriqueceu a sua alma. *«Esta primeira Comunhão, exclama ela, deu tal amargura aos pequenos prazeres e diversões da minha idade, que já não encontrava neles gosto algum, mesmo quando os procurava com grande avidez. Quando eu tentava recrear-me com as minhas companheiras, ouvia uma voz misteriosa que me afastava da recreação e me impelia a retirar-me sozinha em algum recanto do Convento; e essa voz não me deixava em paz, enquanto não lhe obedecesse. Depois, eu tinha que me pôr a orar quase sempre prostrada por terra, de joelhos, ou fazendo muitas genuflexões. Procurava, porém, que ninguém me visse, pois era para mini um tormento insuportável o encontrarem-me a praticar aqueles atos».*

Aquela voz misteriosa era a do Esposo Divino que lhe sitiava continuamente o coração para estimulá-la a esquecer as coisas da terra e viver vida celeste, em conversação continua com os anjos e santos do Céu. Cheia de fome da Santa Comunhão, de então por diante a recebia todas as vezes que lh'o permitia o seu

confessor. Aquele pão angélico lhe retemperava sobremaneira o espírito e lhe infundia novo vigor, para percorrer a grandes passos o caminho da perfeição.

As Irmãs pasmavam ao ver uma simples menina já tão provecta na virtude e cheia do Espírito de Deus. Diziam si a aurora da sua santidade é tão radiante e esplendida, que fulgores não terá a sua luz meridiana?

CAPÍTULO IV

Às portas da eternidade — A SS. Virgem cura-a milagrosamente — Sublime dom de oração — A corda de espinhos, a cruz e o Calvário

Breve tiveram as Clarissas que privar-se daquele tesouro que Deus lhes enviara e fazer voltar Margarida para o seio da sua família. A boa virgenzinha foi atacada de grave enfermidade, que pos em grande risco a sua existência. Desbotou-se-lhe o róseo colorido da face, amorteceram-se-lhe aqueles olhos vivazes, e toda a sua pessoa foi torturada de dores cruéis.

A mãe e as irmãs, que a amavam como a menina dos seus olhos, envidaram todos os esforços para sustar a marcha da enfermidade que fazia espantosos progressos: mas tudo foi baldado.

Parecia que Deus quisesse arrancar da terra aquela flor de peregrina beleza, para transpantá-la aos jardins do Céu.

Uma feliz inspiração acudiu ao espírito de sua mãe: consagrar a filha à gloriosa Rainha do Céu, prometendo, com voto, dedicá-la ao seu serviço, se ela a curasse. A Santa Virgem aceitou a oferta daquela alma inocente: sustou a violência do mal e fez-lhe readquirir a primitiva saúde.

A enfermidade corporal teve para Margarida grandes vantagens. Nas longas horas solitárias que passava na cama, no silencio do seu quarto e longe do ruído do mundo, o seu coração se emergia no seio de Deus e, quando a enfermidade lhe dava alguma trégua, entretinha inefáveis colóquios com o Céu.

Deixando o leito sentiu crescer-lhe n'alma uma devoção mais ardente para com a Mãe de Deus e desde aquele dia considerou-se sua filha predileta. Colhia sempre as mais belas flores para lhe adornar o altar.

Cresceu nela desmedidamente o amor a Deus, cujo nome só bastava para a arrebatá-la. Não sabendo fazê-la bem, suplicou ao seu Divino Mestre que lh'a ensinasse, e Jesus, com admirável bondade, instruiu-a, elevando-a a um tão alto grau de perfeição que a tornou uma das maiores contemplativas que jamais possuiu a Igreja. *«Este Soberano Mestre, assim escreve ela, fez-me saber como queria que eu fizesse oração e as suas lições me guiaram durante toda a vida. Devia prostrar-me humildemente diante dEle para lhe pedir perdão de todas as ofensas que lhe causara e, depois de o adorar, oferecer-lhe a minha oração. Não sabendo, porém, sobre que devia meditar, Ele se me apresentava ao espírito no mistério que preferia; nessa meditação, tão profundamente me aplicava que, conservando a minha alma e todas as suas potências absorvas em Jesus, não sofria distração alguma; o meu coração era devorado pelo desejo de O amar e sentia insaciável fome da Sagrada Comunhão e uma sede devoradora de sofrimentos».*

Estas palavras merecem ser estudadas, porque nos revelam a grandeza da sua alma privilegiada. Margarida, apenas aos três lustros de idade, já atingia as mais altas sumidades da oração: nela contempla face a face o seu amável Jesus, e não sofre distração alguma. Descendo dessas sublimes alturas, sente insaciável desejo de se alimentar com a Sagrada Eucaristia e testemunhar o seu amor com os sofrimentos. Deus não tardou a ouvi-la.

Na sua casa tinham-se dado importantes acontecimentos. A direção dos negócios, que pioravam dia a dia, passou das mãos de sua mãe para as de um tio e sua esposa, os quais vieram por esse motivo reunir-se à família Alacoque. Desde aquele dia, Margarida e sua mãe sofreram duríssimas provas e tiveram que amolecer com as suas lágrimas o duro pão de cada dia. Ouçamos o que dizem as «Memórias».

«Permitiu Deus que minha mãe se despojasse da autoridade na sua própria casa, para transferi-la a outras pessoas, as quais dela abusaram de tal modo que fomos em breve reduzidos à mais dura escravidão. Não é meu intento, ao narrar estas coisas, censurar essas pessoas; não quero crer que procedessem mal ao fazer-me sofrer assim, (afastai de mim, meu Deus, tal pensamento!). Considero-as, antes, como um instrumento de que Nosso Senhor se serviu para executar os seus desígnios. Nós já não tínhamos, porém, nenhum poder em nossa própria casa e nada nos atrevíamos a fazer sem pedir licença. Era uma guerra contínua; tudo estava debaixo de chave, de modo que eu nem sequer encontrava com que me vestir convenientemente para ir à Missa, tendo muitas vezes que pedir roupa emprestada. Tal situação afligia-me de uma maneira horrível». Suspeitas odiosas tornavam essa situação ainda mais dolorosa.

«Foi então, continua ela, que concentrei todos os meus afetos no Santíssimo Sacramento. Morando, eu, porém, numa casa de campo, longe da Igreja, não podia frequentá-la sem licença daquelas pessoas; e acontecia que quando uma delas me dava licença, a outra a negava e, se me queixava com lágrimas, lançavam-me em rosto o ter eu, talvez, marcado alguma entrevista e querer encobri-la com o pretexto de ir à Missa ou à Benção do Santíssimo. Era um juízo absolutamente injusto, porque eu antes quisera ver o meu corpo feito pedaços do que conceber tal pensamento.

Não sabendo onde refugiar-me, escondia-me em algum recanto do jardim ou noutra lugar solitário para me pôr de joelhos, expandir o meu coração, derramar as minhas lágrimas na presença de Deus. Eu o fazia sempre por intercessão da minha boa Mãe, a Virgem Santíssima, na qual tinha posto todas as minhas esperanças. Deixava-me muitas vezes ficar o dia inteiro, sem comer nem beber, e alguns bons camponeses da aldeia socorriam-me ao cair da tarde, com um pouco de leite e algumas frutas. Ao voltar para casa sentia tal tremor e medo que parecia uma pobre culpada que ia ouvir a sentença da sua condenação. Eu preferia ter que mendigar o pão antes que viver assim, pois que, muitas vezes, à mesa, nem me atrevia a tocá-lo. Desde o instante que reentrava em casa, começavam as repreensões mais acerbas, por não haver tomado conta das crianças. E não me deixavam replicar uma só palavra. Depois disso, passava o dia a derramar amargas lágrimas e a rezar diante do Crucifixo».

Pobre Margarida! Pedira ao Senhor que a fizesse sofrer, e Jesus pôs-lhe sobre a cabeça a coroa de espinhos, sobre os ombros a cruz e fê-la percorrer em sua companhia a sangrenta vereda do Calvário. E, no entanto, ela não profere uma só palavra de indignação para com aquelas pessoas que a faziam sofrer tão cruelmente; pelo contrario, chama-as, nas suas «Memórias», com o doce nome de caras benfeitoras da sua alma e as reconhece como instrumento de que se servia Deus para realizar os seus adoráveis desígnios.

Não eram, porém, estes os espinhos mais pungentes para o seu sensível coração. O que a enchia de indizível amargura era ver a sua querida mãe rebaixada e humilhada na sua própria casa, onde deveria ser amada e obedecida como senhora e rainha. As almas balas e delicadas esquecem facilmente os sofrimentos próprios, sentindo mais intensamente os das pessoas que lhes são caras.

Sua mãe, de compleição franzina e delicada, adoecia com frequência e era então exclusivamente entregue a Margarida, a qual empregava os mais amorosos cuidados para socorrê-la. Mas tudo estava fechado a chave, e a nossa santa devia pedir sempre

o necessário para preparar o alimento à sua querida enferma, o que sobremaneira lhe desagradava, pois tinha grande medo da presença daquelas pessoas.

CAPÍTULO V

O medico celeste — Misteriosa sede de sofrimentos — Aparição de Jesus nos mistérios dolorosos da Paixão — A Sagrada Comunhão — Amor seráfico ao SS. Sacramento.

Enquanto Jesus envolvia Margarida nas sombras dolorosas do Calvário e a fazia beber a largos sorvos o cálix da sua Paixão não deixava de confortá-la e mostrar-lhe a sua assistência de um modo visível.

Sua mãe estava de cama, atacada de uma terrível erisipela. O médico, depois de lhe fazer uma sangria, para aliviá-la, partira, dizendo imprudentemente à filha que, a não ser um milagre, ela não se salvaria. Aquelas palavras, à maneira de afiado punhal, traspassaram o coração da santa jovem. Não sabendo que fazer em tal angústia, correu à Igreja, e de joelhos diante do Tabernáculo, suplicou com abundantes lágrimas ao seu Esposo Celeste socorresse a sua pobre mãe e lhe servisse de médico. A afetuosa prece foi atendida: desapareceu a inchação contra toda a esperança humana e a enferma, dentro em pouco, ficou completamente curada.

Estas duras provas, suportadas com inteira conformidade com a vontade divina, faziam-na progredir rapidamente no caminho da perfeição e levar uma vida mais angélica que humana. A união com Deus era continua e apenas interrompida pelo breve sono, que ela concedia ao seu frágil corpo.

O seu amor aos sofrimentos e às humilhações era insaciável.

Tinha apenas quinze anos de idade e já se entregava a incríveis penitencias e macerações. Seu irmão Chysostomo no processo de Canonização da Santa testemunhou que ela se cingia de correntes de ferro e cilícios que se lhe enterravam na carne, causando-lhe incríveis dores; que jejuava rigorosamente, deitava-se sobre duras pranchas, quando não passava a noite inteira em oração e doces colóquios com o seu dileto Senhor. Jesus comunicava-lhe aquela misteriosa sede de sofrimentos que o abraçou durante a sua vida mortal e que o impeliu a expirar, pregado numa Cruz, no alto do Calvário.

O sofrer é uma flor que só na terra germina; inebria com o seu perfume a todas as almas santas que a levam consigo até a sepultura.

Para confortá-la a essas duras provas o Divino Redentor começou por aparecer-lhe sob a figura de *Ecce Homo*. O seu Esposo Divino, o mais belo dentre os filhos dos homens, com a cabeça coroada de agudos espinhos, o semblante a escorrer sangue, as mãos atadas, como um malfeitor, e o corpo todo pisado e chagado pelos açoites, fitando-a amorosamente com as pupilas languidas, ateava no coração de Margarida tais chamadas de amor, que tudo o que ela sofria: desprezos, escravidão, mendicidade, maus tratos, tudo se lhe afiguravam rosas e flores.

Outras vezes Jesus mostrava-se-lhe no alto do Gólgota, pregado na cruz, desfigurado pelos sofrimentos, com a ferida do costado aberta; ou lhe aparecia curvo, ofegante sob o peso da cruz, a galgar o caminho sangrento do Calvário. A essa vista ela não se podia conter e pedia ao seu amado Redentor que a associasse aos seus sofrimentos, que lhe enterrasse na cabeça a sua coroa de espinhos, que lhe traspassasse as mãos e os pés com os cravos, e, concedendo-lhe a mercê de que fora digno o Cirineu, lhe pusesse a sua cruz às costas.

Com o mais afetuoso empenho, redobrava as carícias e as provas de estima às pessoas que a afligiam. Prestava-lhes todos os serviços que podia, rezava por elas, chamava-lhes verdadeiros amigos da sua alma; tal a árvore do incenso que balsamiza e perfuma o machado que a fere e derruba, ou o cordeiro, que lambe afetosamente as mãos do que o leva ao matadouro.

As aparições de Jesus nos mistérios dolorosos da sua Paixão eram frequentes, e tanto mais, quanto mais cruéis eram as tribulações de Margarida. Esta nada estranhava, supondo, na sua simplicidade, que também as outras suas companheiras gozassem dos mesmos favores.

Quando tinha algum tempo disponível, corria, ou melhor, voava à Igreja em procura do seu dileto Esposo e se aproximava o mais que podia do altar para lhe ouvir as palpitações de amor e saciar-se, qual corça sequiosa, com as cristalinas águas que jorravam do Santo Tabernáculo. Nem sequer podia rezar vocalmente, porque Jesus logo a arrebatava em contemplação e a introduzia na mística cela de seu amor, inebriando-a das alegrias inefáveis que fazem esquecer a terra e os sofrimentos. Lá, aos pés do altar, passaria os dias e as noites, esquecida do alimento e do sono, consumindo-se como círio aceso, a fim de pagar ao Rei da glória, amor com amor. Tinha uma santa inveja daquelas almas felizes, que podiam ir à Igreja à sua vontade e aproximar-se muitas vezes da Mesa Angélica.

As pessoas que tiranizavam na família nem sempre lhe permitiam seguir os transportes seráficos do seu amor e saciar-se com o pão dos Anjos. A pia virgenzinha por mais que se esforçasse, em captar-lhes estima, a fim de obter licença de frequentar a Igreja, nada conseguia.

Mas o amor, quanto mais é contrariado, mais se acende e inflama. Poderão por ventura as águas, ainda as mais turbinosas, extinguir o incêndio da caridade?

Margarida, impedida de ir à Igreja, escondia-se em algum recanto da casa para expandir o seu coração em lágrimas e preces. Havia um lugar predileto onde, de preferência, se refugiava. Era no fundo do quintal, onde avultava uma grande pedra, formando um como terraço. Dali podia ver a Igreja, pouco distante, situada em terreno mais elevado. Alongava o seu olhar ávido em direção do Tabernáculo em que morava o seu Jesus, despojado de gloria e abandonado dos homens. Convidava, então, o seu Anjo da Guarda a apresentar-lhe as homenagens, os protestos do seu amor e prostrar-se, em seu lugar diante do altar sagrado.

Ao cair da noite podia-se divisar, através das vidraças, a luz pálida da lâmpada, que ardia diante do Tabernáculo — símbolo da ardente chama que se consome no seio de Jesus e, com a sua luz bruxuleante, parece convidar o coração dos homens a palpitar de amor pelo divino Prisioneiro do Altar. Àquela vista, Margarida sentia inflamar-se lhe o coração de ardente amor; as lágrimas rebentavam copiosas dos seus olhos e lá, na calada da noite, com os joelhos na pedra, o coração e os olhos no Tabernáculo, passava horas e horas, esquecida de si mesma e dos sofrimentos.

CAPÍTULO VI

Mistérios do coração humano — Relaxamento na piedade — Os festins, as flores e os cantos do mundo — Jesus flagelado — Terrível expiação — Luta entre dois amores soberanos.

Assim crescia a nossa santa jovem na solidão de Lhautecour, pura, bela, cara a Deus e aos seus anjos, à semelhança de um lírio encerrado num perfumado jardim, á beira de limpidíssimo regato.

Chegara aos dezessete anos de idade, quando graves acontecimentos, vieram mudar inteiramente a situação da família. Os dois irmãos mais velhos, já crescidos e

emancipados, tomaram a direção dos negócios e restituíram à sua mãe a influência e a autoridade de que fora despojada. Os negócios haviam sobremaneira prosperado: voltara a abundância e com ela a alegria, que costuma reinar em casas como aquela, onde seis ou sete crianças passavam da adolescência para a juventude.

Muitas pessoas começaram a frequentá-la; e a nossa santa, dentro em breve, foi pedida em casamento.

Quão profundos e imperscrutáveis são os mistérios do coração humano! Margarida, que se conservara forte no meio das mais terríveis provações e, que até do próprio infortúnio tirara novas energias para percorrer os caminhos da santidade, Margarida, que amava os desprezos e as humilhações, para se assemelhar ao seu celeste Esposo, agora, que o Senhor a alivia da cruz de tantos anos, começa de arrefecer e declinar da sublime altura da perfeição a que havia atingido.

Já dissemos que a dor é o agulhão de ouro que nos impele para a pátria celeste. Quando os sofrimentos deixam de estimular o coração, nós, esquecidos do céu, nos detemos nas coisas caducas da terra, a lhe mendigarmos consolações.

Assim sucedeu com a nossa santa. Apreciava as reuniões mundanas, diminuía as orações, confissões e comunhões, e esmerava-se por melhor comparecer aos olhos do mundo.

Estamos ferindo a nota mais dolorosa da vida da nossa santa e isto nos faz chorar sobre a maldade do coração humano, tão pronto a esquecer os benefícios de Deus, para acompanhar o espírito do mundo. Apressamo-nos, porém, a declarar que, nesta fase de relaxamento em que se curvou para a terra, ela conservou o seu coração sempre puro e imaculado e nenhuma culpa grave chegou a escurecer o candor da sua alma. A santa virgem levou, imaculada até ao túmulo, a estola da inocência e não conheceu sequer a sombra da corrupção. O Esposo divino velava zelosamente sobre ela e fazia-lhe conhecer quão duro era o resistir às ternuras do seu amor.

No meio das alegres companhias, nas reuniões, e festas mundanas, Jesus dardejava-lhe tão ardentes setas de amor, que lhe penetravam o coração e lhe intoxicavam todo o prazer. E quando ela voltava à casa, fazia-lhe ouvir no silêncio do seu quarto amargas queixas, lançando-lhe em rosto a sua ingratidão. Margarida, cheia de dor, prostrava-se, então, com a face em terra e depois, lançando mão da disciplina, desapiadadamente se flagelava até derramar sangue.

Apesar destas lutas, ela voltava novamente às suas vaidades, fascinada pelos aplausos do mundo; coroava-se com as flores da terra, que apenas duram um dia e deixam após si os mais pungentes espinhos.

Numa noite de carnaval vestiu-se luxuosamente para tomar parte num festim, ao qual muitas das suas companheiras a haviam convidado. De volta, quando estava para se deitar, apareceu-lhe Jesus no mistério doloroso da sua flagelação, todo desfigurado pelos açoites, com o corpo ensanguentado, o semblante pálido e macilento, os lábios crestados pela sede e os divinos olhos cheios de lágrimas; e, depois de a haver fitado com olhar severo: *«Filha cruel, disse-lhe, vê a que estado me reduziram as tuas vaidades! Tu estás perdendo um tempo infinitamente precioso de que deve-verás prestar rigorosas contas; atraíçoas-me e me persegues, depois de eu te haver dado tantas provas do meu amor».*

Estas queixas e a vista dos sofrimentos do seu Senhor, feriram profundamente a sua alma sensível. Desatou em pranto desfeito, desnudou os ombros e os açoitou longamente com varas, para reparar as ofensas feitas a Jesus; enrolou o corpo com uma corda grossa, cheia de nós e apertou-a tanto, que a custo podia respirar. Quando quis tirá-la, teve que sofrer dores atrozes, porque ela lhe tinha amolgado profundamente a epiderme. Cingiu igualmente os braços com correntes de ferro e preparou um leito com paus nodosos para se torturar até mesmo durante o sono.

Não se podem descrever todas as penitências que fez, em expiação do seu grande pecado, como ela chamava nas suas «memórias» a vaidade de ter tomado parte naquela festa carnavalesca. E, no entanto, ainda borrifada do sangue das disciplinas e banhada em lágrimas de arrependimento, não podia resolver-se a romper, de vez, com o mundo e os seus prazeres.

Outra luta, porém, bem mais terrível, teve que enfrentar. Muitos jovens senhores ambicionavam a sua mão e os parentes insistiam para que ela se casasse. Sua mãe instava ainda mais, porque esperava, assim, ir morar com ela e melhorar de sorte, pois, ainda sofria muitas tribulações. E como Margarida, recordando o seu voto, se opusesse, sua mãe suplicava-lhe com as lágrimas nos olhos que não a abandonasse, pois ainda carecia dos seus serviços e nela, unicamente, concentrava todas as suas esperanças e consolações.

Assim é que os dois mais poderosos amores que possam existir — o amor de Deus e amor de mãe — porfiavam em conquistar o coração da santa virgem. *«Meu Deus, exclama, só Vós fostes testemunha da longa duração e crueza da luta que experimentei. Sem um auxílio extraordinário da vossa misericórdia, teria certamente desfalecido- O demônio valia-se da ternura e do amor que eu dedicava à minha mãe e fazia-me ver constantemente as lágrimas que ela derramava, mostrando-me que, si eu me fizesse religiosa, ela morreria de aflição. Isto me causava um tormento*

insuportável porque ambas nos amávamos tão ternamente que não podíamos viver separadas uma da outra. Por outro lado, o desejo de ser religiosa, unido ao horror com que eu detestava toda a sorte de impureza, não me davam tréguas. Era um martírio. Eu não podia descansar: desfazia-me em lágrimas e, não tendo pessoa alguma a quem revelar o meu estado, não sabia que resolução tomar».

Por fim já a ternura materna começava a avantajá-la. Margarida pôs-se a examinar o voto que fizera. Era ainda muito pequenina não lhe conhecia o valor e o alcance. Pensava depois nas dificuldades da vida religiosa: não poderia ela com facilidade conseguir a dispensa do seu voto, unir-se em matrimônio e satisfazer o desejo de sua mãe? Entretanto a só palavra de casamento causava-lhe horror. Passaram-se três ou quatro anos nestas dúvidas atroz e, aos vinte, renasceu-lhe o desejo de se fazer religiosa. Jesus e o mundo disputavam-lhe o coração. Ainda algumas lutas e depois o amor de Deus triunfara e reinara, soberano, na sua alma, tornando-a um serafim de amor.

CAPÍTULO VII

Amorosos cuidados com os pobres enfermos — O supremo combate — O amante mais belo e mais perfeito — Triunfo completo da graça — O hino da vitória.

Lendo as vidas dos santos, Margarida sentia-se transportada pelo desejo de imitá-los e derramava copiosas lágrimas, ao recordar-se das vaidades que seguira. A beleza da humildade, da castidade e da obediência a arrebatavam de entusiasmo e a atraíam para o estado religioso, onde as poderia praticar sem dificuldade.

Entretanto dedicava-se, solícita, ao serviço dos pobres, vendo neles a pessoa de Jesus Cristo; e, se dependesse dela, lhes distribuiria todas as riquezas da casa. Recolhia a quantos encontrava no pátio ou numa sala espaçosa, para lhe ensinar a doutrina e as orações e animá-los à paciência e à santificação de todos os seus sofrimentos. Não satisfeita desta delicada caridade, ia visitar os doentes, levar-lhes socorros e falar-lhes de Deus e do céu, preparado para os pobres e atribulados. Delicada e sensível, sentia grande repugnância em entrar nas choupanas e aproximar-se do leito dos enfermos; mas dominava a sua natureza e, excedendo-se a si mesma, lavava-lhes as feridas, beijava-as afetuosamente e curava-as com o maior carinho. Deus recompensou a

caridade da sua serva, a qual, mais confiara na bondade d'Ele que nos remédios que aconselhava. Muitas vezes curava milagrosamente aqueles infelizes.

No meio, porém, dessas santas ocupações repontava, de vez em quando, o seu caráter vivo e naturalmente inclinado aos prazeres, arrastando-a para os gozos do mundo. Mas apenas se apresentava à sua mente a dolorosa figura de Jesus Flagelado, a dirigir-lhe as suas sentidas queixas, enchia-se-lhe de dor o coração,

«Quererás, então, gozar desses prazeres ? Eu não gozei nenhum, antes saciei-me de toda a sorte de sofrimentos por teu amor e para ganhar o teu coração. E querer-me-às tu ainda recusá-lo?» Em consequência dessas palavras, Margarida passava alguns dias humilhada e confusa, mas depois continuava a entregar-se a outras vaidades.

Um dia, enquanto, reentrando em si mesma, pensava no abismo da divina bondade, que as suas infidelidades e repulsas jamais conseguiam cansar, disse-lhe Jesus: *«Porque te escolhi eu, para te provar quão grande é o meu amor e imenso o oceano das minhas misericórdias?»* Doutra feita, quando ela refletia sobre o voto de virgindade que fizera, disse-lhe: *«Eu te escolhi para minha esposa e, quando fizeste o voto de castidade, nós nos ligamos por uma promessa de fidelidade mútua. Fui eu que te impeli a fazê-lo, antes que ao mundo coubesse alguma parte do teu amor, porque eu queria o teu coração inteiro, puro, e sem mancha de afeição terrena.»*

Entretanto aproximava-se a hora em que se ia travar a luta suprema entre o mundo e Deus, a mais terrível de quantas experimentara a santa.

Entrara-lhe a morte em casa e lhe arrebatara os dois irmãos mais velhos, ainda na flor da idade, quando davam de si as mais belas esperanças. Para Margarida foi esta uma admoestação a mostrar-lhe quão transitórias são as coisas da terra e como murcham depressa as flores do mundo. A família reduziu-se-lhe à mãe e dois irmãos: Chrysostomo que já conhecemos e Thiago, que se encaminhava para a vida religiosa. Chrysostomo, a convite de sua mãe, assumira em Janeiro de 1666 a administração do patrimônio da família e casara-se com uma boa senhora. A nossa santa era a única que ficava sem colocação.

Deveria ela abraçar o estado religioso, ou, segundo o desejo da família, unir-se em matrimônio?

A mãe redobrava as lágrimas para comover a filha; Chrysostomo, como chefe da família e tutor de Margarida, declarava que já era tempo de tomar uma decisão e Thiago lhe oferecia metade do patrimônio, para aumentar-lhe o dote e abrir-lhe o caminho a uma posição honrosa.

O assalto foi tão violento que a santa virgem esteve a pique de sucumbir e abandonar o Esposo Divino, preferindo-lhe um terreno. *«Eu já não podia resistir, diz ela, às perseguições que me faziam os meus parentes, nem às lágrimas de uma mãe que ternamente me amava».*

O demônio, por seu lado, me dizia constantemente: *«Pobre desgraçada, que pensas tu fazer, tornando-te religiosa? Serás o ridículo de toda a vila, porque não perseverarás e qual não será a tua confusão, se abandonares depois o hábito de monja e saires do convento?»* Abalada por estas sugestões do espírito da mentira, Margarida começava a ir ao encontro do desejo de sua mãe; mas só a ideia do matrimônio fazia-a prorromper em pranto e causava-lhe indizível horror.

Enquanto se sentia assim atormentada por aquela duvida angustiosa, veio Jesus em seu auxílio. Um dia depois da S. Comunhão lhe demonstrou que, sendo Ele o esposo das almas virgens, ser-lhe-ia o mais belo, rico, poderoso e perfeito de todos os esposos e que, dada a promessa que lhe fizera, não poderia escolher nenhum outro. *«Previno-te, disse-lhe, que, se deres a preferência a outro, eu te abandonarei; mas, si fores fiel, eu estarei sempre ao teu lado e te farei triunfar de todos os teus inimigos. Perdoo-te a ignorância, porque ainda não me conheces, mas si me fores fiel esposa, eu te patenteari os tesouros inefáveis do meu amor».*

Estas palavras que revelam a majestade, a ternura, e, ao mesmo tempo, a indignação do amor desprezado, abalaram profundamente o coração de Margarida e o conquistaram todo inteiro. Renovou naquele mesmo instante o voto de castidade e, entre lágrimas e soluços, prometeu ser fiel até a morte e superar qualquer obstáculo que se lhe deparasse.

Apenas voltou à casa paterna, notificou a todos os seus, em tom resolutivo que não admitia réplica, o voto que outrora fizera e pouco antes renovara. Pediu-lhes que rejeitassem todas as propostas, por mais vantajosas e honrosas que fossem.

O divino Amor triunfou sobre o amor humano, depois de uma encarniçada luta de muitos anos. Entoai, anjos e santos o hino da vitória!

Margarida levantava-se do relaxamento em que jazia e recomeçava agora a galgar os sublimes píncaros de perfeição evangélica. A tênue nuvem que se pusera diante do sol, para ofuscar o fulgor dos seus raios, desfez-se para sempre e, sob um puríssimo céu de anil e acima de um horizonte radiante de luz, o astro elevou-se serenamente, majestosamente.

Permitiu Deus este ligeiro extravio de Margarida, para demonstrar a fragilidade da

natureza humana, sempre inclinada para a terra e fazer ressaltar ainda mais o poder da sua graça, do mesmo modo que, num quadro as sombras dão mais relevo e esplendor à luz e às cores. Seja louvor eterno a Deus que a conservou sempre pura e imaculada e não permitiu jamais que o hálito da corrupção embaciasse, ainda que ligeiramente, o espelho tersíssimo da sua inocência.

Margarida chorou durante toda a sua vida, com as lágrimas do rei David penitente e com os piedosos brados de Santo Agostinho, as faltas da sua juventude, lavando-as em austeras penitências e continuados jejuns.

Nas suas «memórias» humilha-se e geme, chamando-se grande pecadora, como se tivesse vivido a vida de Magdalena ou da penitente de Cortona, quando, ao invés, ela de nenhuma culpa grave se havia manchado.

Assim acontece: quanto mais uma alma remonta à beleza e pureza fulgurante da Divindade, mais sente as imperfeições e as manchas que lhe ofuscam o candor.

É que o divino Sol, refletindo sua luz sobre os defeitos, ainda os mais insignificantes, torna-os perfeitamente visíveis (1).

(1) O desvio juvenil de S. Margarida Maria demonstra que os santos eram homens como nós, e, como nós, sujeitos às mesmas paixões e aos mesmos erros; que, se alcançaram a perfeição, foi unicamente à custa de lutas porfiadas contra a natureza corrompida e o mundo sedutor. E quando nos decidiremos nós a nos tornarmos santos, uma vez que sabemos que a graça está sempre pronta a assistir-nos?

CAPÍTULO VIII

As últimas provas — As duas mais belas flores da terra — Um filho do glorioso Patriarca de Assis — Abrem-se de par em par as portas do mosteiro.

Depois daquela manhã memorável, em que renovou a promessa de desposar-se com o Rei do Céu, Margarida teve que ficar ainda três anos no mundo, porque o dote ainda não estava preparado e a família, hesitante, queria temporizar. A santa jovem, porém, manteve-se no seu propósito, firme como um rochedo, e repeliu corajosamente todos os assaltos.

É inconcebível que uma família tão inclinada á piedade, tão fervorosa na prática da

religião, opusesse tantos obstáculos á vocação da filha, que parecia pertencer mais ao Céu do que à terra e era ornada das mais belas flores de santidade. Mas, em assuntos de vocação os parentes, ainda os mais piedosos, convertem-se em inimigos e, por interesses temporais e mesquinhos, sacrificam os bens eternos do Céu e desviam os seus filhos do serviço de Deus.

Julgando que as distrações de uma alegre cidade pudessem mudar as ideias da jovem, mandaram-na a Mâcon, para a casa de um tio, que exercia o cargo de notário da corte. A filha deste, dotada de costumes angélicos, dera o adeus ao mundo e fizera-se ursulina, edificando a todo o mosteiro com a sua eminente piedade (1).

(1) A ordem das Ursulinas, assim chamada por causa de Santa Úrsula, mártir, sua protetora, foi fundada pela gloriosa Santa Angélica Merici. Esta Congregação, tão benemérita da Igreja e da Sociedade, exala por toda a parte a fragrância das mais belas virtudes. Escrevo estas palavras cheias de afeto, porque aos cuidados dessas santas religiosas devo a minha educação infantil. Nestas linhas reitero os protestos da mais viva gratidão para com aquelas minhas venerandas preceptoras.

Apenas esta conversou com a prima Margarida, fez todo o possível para induzi-la a vestir o hábito das Ursulinas e o tio também insistiu muito nesse sentido. Mas a nossa santa queria fazer-se religiosa unicamente por amor de Deus e não por considerações humanas; queria escolher um convento, onde não tivesse parentes, nem conhecidos, a fim de ficar assim livre, para mais livremente concentrar ao Céu todos os seus pensamentos e afetos.

Enquanto assim lutava contra seu tio e sua prima, chegou Chrysostomo, chamando-a à casa, onde a mãe caíra gravemente enferma. O irmão aproveitou a ocasião para renovar o assalto, tocando-lhe a fibra mais delicada — a da ternura filial — e procurando convencê-la de que a mãe não podia viver sem ela e que deveria dar contas a Deus pela sua morte.

Muitas pessoas autorizadas repetiam-lhe aqueles mesmos argumentos, que deixavam a pobre Margarida cheia de angústias. Consagrava imenso amor à sua progenitora e por ela sacrificaria mil vezes a sua própria vida.

Abalada tão fortemente pela voz da consciência e do amor filial, prostrou-se aos pés do crucifixo, chorou amargamente e suplicou-lhe viesse em seu auxílio e lhe concedesse a graça de cumprir a promessa que fizera de entrar em religião.

Voltou a paz ao seu espírito; uma força nova reanimou-lhe o coração e no mesmo instante sentiu nascer em si a atração para o claustro Lá satisfaria o seu insaciável

desejo de penitência e da Santa Comunhão, que a família poucas vezes lhe permitia receber.

Uma santa, ao voltar a si de um êxtase celeste, declarou que sofrer e comungar são as duas mais belas flores que germinam neste vale de pranto, flores desconhecidas no jardim eterno do Céu, lá, onde cessam as lágrimas e já não há união sacramental com Jesus Cristo, mas a contemplação de Deus face a face.

Margarida desejava ardentemente colher essas duas flores de inefável perfume e com elas enfeitar o peito, a fim de agradar ao seu celeste esposo coroado de espinhos. Desejava alimentar-se todos os dias com o pão angélico e passar as noites diante do SS. Sacramento, para se consumir de amor como uma lâmpada acesa.

Na véspera do dia em que lhe permitiam comungar, a santa virgem sentia-se abismada em tão profundo recolhimento que, compenetrada do ato sublime que ia cumprir, não lhe era possível falar sem fazer grande violência. Depois de haver dado o afetuoso amplexo ao seu Senhor, deixaria até de comer, beber e ocupar-se das coisas da terra, tal e tanta era a torrente de paz e alegria de que se sentia inundada.

A Igreja, entretanto, depois de ter pranteado a morte do ilustre pontífice Clemente IX, era consolada pela eleição de outro Papa, herdeiro da ciência e da virtude do seu antecessor. Chamava-se Clemente X. Apenas, este a tiara pontifícia, publicou um jubileu solene, para dar graças a Deus e alcançar um prospero reinado.

Encarregado de anunciá-lo, foi enviado a Verosvres um franciscano, dotado de eminente piedade e favorecido por Deus de um grande tino pratico na direção das consciências. Era Jesus que lá o enviava para remover os obstáculos que se opunham à vocação de Margarida e abrir-lhe as portas do convento.

Notável coincidência! Um filho do glorioso São Francisco, daquele que, nas montanhas da Alvernia, viu traspasarem-se-lhe as mãos e os pés, o costado e o coração pelas chagas do Divino Redentor, um franciscano, era o que introduziria no claustro a virgem destinada a revelar ao mundo o Coração Sacratíssimo de Jesus, traspassado e inflamado de amor pelos homens.

O virtuoso franciscano, depois de ouvir a confissão da santa, conheceu de pronto quão grandes e preciosas eram as graças de que Deus dotara o coração de Margarida. Admirou-lhe a pureza angélica, exortou-a a entregar-se inteiramente ao serviço divino. Mais: foi ter pessoalmente com o irmão Chrysostomo e persuadiu-o a que não se opusesse de modo algum a uma vocação, em que se percebia evidente a vontade do Céu.

Chrysostomo, que amava ternamente a irmã, mas que temia ainda mais ofender ao Senhor, deixou-se convencer e tudo dispôs para a partida (1).

Margarida está no auge da alegria: cessara o inverno das tribulações e, ao chegar a primavera com as suas flores e as suas auras suaves, corre pressurosa ao convite do Esposo celeste, que a chama aos seus jardins. Portas do claustro, abri-vos e acolhei entre as vossas muralhas augustas a venturosa esposa do Divino Coração, que vem consumir a sua vida entre as chamas abrasadoras do seu amor.

Qual será, porém, o mosteiro predileto que deverá ser perfumado pelas virtudes da nossa Santa? Qual a ordem religiosa que a contará entre as suas filhas?

Margarida vira em Mâcon um quadro de São Francisco de Sales; detivera-se longamente a contemplá-lo e pareceu-lhe que o santo olhasse amorosamente para ela como a dizer-lhe : «*Tu serás minha filha*». Ao ler-lhe a vida, sentiu-se extasiada por aquela doçura inalterável, por aqueles modos, dos quais transparece evidente a caridade mais amável, por aquela ternura e amor ao próximo, que constitui no Santo Bispo de Genebra, a nota característica.

Dirigiu, pois, as suas visitas para a Ordem da Visitação, e resolveu entrar no mosteiro de Pary-le-Monial, para se subtrair aos olhares dos homens e viver unicamente para Jesus.

(1) Convém notar que os pais não podem em consciência opor-se à vocação religiosa dos filhos. Eis o que a respeito diz o grande Doutor da Igreja, Santo Afonso : "Cumpre ter por certo, segundo a opinião comum dos autores, que os pais que afastam os seus filhos do estado religioso cometem pecado mortal, quer isso façam com fraude ou violência, quer com súplicas e promessas, quer de qualquer outro modo". (Theo). Mor., livro 4, n.º 11).

CAPÍTULO IX

*Visita ao mosteiro de Paray-le-Monial — O extremo adeus — Angústia da morte —
Um jardim de flores celestes — Belezas interiores da diretora e da mestra de
noviças.*

No dia 25 de Maio de 1671 consagrado á memória da invicta Santa florentina, Maria Magdalena de Pazzi, cuja vida tantos pontos de contacto tem com a da nossa jovem, Margarida, acompanhada por seu irmão Chrysostomo, encaminhou-se, radiante de alegria, para Paray-le-Monial, afim de visitar o mosteiro e combinar a sua entrada.

Era o mês em que a natureza se veste com trajes de esposa, adereça-se de flores e ostenta todas as belezas, para honrar a gloriosa Rainha do Céu. O manso regato, de ondas prateadas, com o seu doce murmúrio, as avezinhas com a suavidade dos seus cantos, as auras fagueiras com o seu hálito embalsamado, os lírios e as rosas com o seu delicado perfume, entoam um hino de glória à incomparável Mãe do Criador.

Margarida era a mais feliz de todos os mortais e convidava todos os elementos a se unirem a ela, em cção de graças ao Esposo celeste e à sua augusta Mãe.

Apenas pôs o pé no umbral do convento, ouviu no interior do coração a voz de Jesus que lhe disse : *«Este é o teu lugar, é aqui que eu te desejo»*.

Depois de visitar o claustro e colher todas as informações necessárias, voltou com seu irmão a Verosvres. Antes de dar extremo adeus à família e ao mundo demorou-se ainda, um mês para preparar o enxoval e ultimar tudo o que lhe parecia necessário.

Na véspera da partida ditou o testamento, pelo qual legou todo o seu patrimônio à família. No dia seguinte, 20 de Junho de 1671, de madrugada, pôs-se a caminho de Paray. A mãe cobria-a de beijos e de lágrimas e não podia separar-se dela; outro tanto faziam os demais parentes. Margarida suportou estes últimos assaltos sem empalidecer, sem derramar uma lágrima, tanta era a alegria e a coragem que sentia no coração. Apenas, porém, se afastou dos seus caros, prevaleceu a natureza: uma dor lancinante a assaltou e sentiu naquela hora todas as angústias da morte.

Nas «memórias» deixou escrito que naquele momento afigurou-se-lhe que o espírito se separava violentamente do corpo, tanta foi a dor e a angústia que sentiu. Acontece o mesmo com a seráfica Madre Thereza e com Santa Joanna do Chantal, quando dera; o extremo adeus à casa paterna.

Nestes heróicos sacrifícios via-se, de um lado, a fraqueza do coração humano e, de outro, o soberano poder da graça, que vem e triunfa dos movimentos da natureza.

A tempestade ia amainando, ao aproximar-se Margarida do mosteiro, onde se unir ao Esposo de sua alma que ela tanto amara e pelo qual suspirara desde o alvorecer dos seus dias.

Eia, ó feliz cidade de Paray, levanta-te das tuas sombras, que no teu horizonte começa a raiar um sol esplendido: ele te iluminará com os seus celestes fulgores; a glória do Senhor paira sobre ti, para te embelezar e te tornar querida de todo o mundo cristão.

A ordem da Visitação ainda se achava na sua juventude e apresentava o aspecto de delicioso jardim, em que desabrochava as flores mais fragrantas de perfumes celestes: as violetas da humildade, os lírios da virgindade, as rosas do amor de Deus e os amarantos da penitencia.

Os dois santos fundadores, São Francisco de Sales e Santa Joanna do Chantal, que, fazia pouco tempo, haviam sido admitidos ao eterno amplexo de Deus, legaram o seu espírito aos numerosos mosteiros de suas filhas e esse espírito continuava em cada uma das superiores da ordem.

A santa Igreja elevara a São Francisco às honras dos altares e as festas de canonização despertaram um vivo amor àquele instituto que enchia o mundo de santas solidões. As donzelas mais distintas corriam a povoá-las, para viverem desconhecidas do mundo e exclusivamente dedicadas ao serviço de Deus.

Entre todos os claustros, o de Paray-le-Monial refulgia como um sol pelo fervor seráfico que remava entre as suas irmãs, pela paz e esquecimento do mundo, pelo amor que todas consagravam a Deus e á sua gloriosa Mãe.

Chamava-se o Thabor das superiores, porque elas experimentavam verdadeiras delícias na exata observância das regras que ai reinava.

A pequena cidade de Paray, construída num delicioso vale, rodeado de montanhas, sulcado de límpidas águas e sombreado de planaltos folhudos e densos, era pela sua piedade e dedicação á Santa Igreja Católica, digna de possuir semelhante tesouro. O seu próprio nome já traz em si uma como marca e recordação religiosa. Maria ia torná-la ilustre, circundá-la de glória imortal e convertê-la num dos santuários Católicos mais augustos.

A Paray-le-Monial os fiéis volverão sempre os seus olhos, a contemplar as riquezas do Divino Coração. Deus, desde a sua eternidade, olhou-a com afeto, abençoou-a e a escolheu como lugar afortunado, em que, ao mundo atônito, descobriria o Coração de seu Filho, fornalha ardente de amor, tesouro inexaurível de graças, fonte perene de vida eterna.

A superiora do mosteiro de Paray era a madre Hersant, vinda do claustro de Paris, onde, durante vinte anos consecutivos, tivera como diretor de consciência a São Vicente de Paulo, o apóstolo da caridade, o pai dos pobres. Várias vezes havia

conferenciado com a sua fundadora, Santa Joanna de Chantal e dela recebera ensinamentos de perfeição. Educada na escola de dois santos, atingira a um sublime grau de virtude. Dera-lhe Deus o dom de conhecer os espíritos e governá-los. Jesus dotara-a, sem medida, dos tesouros da sua graça, pois a destinava a dirigir por cerca de um ano o mosteiro, que devia acolher a sua esposa Margarida.

A mestra de noviças, a cujos cuidados devia ser confiada a nossa santa, era um veneranda Irmã chamada Thouvant, que já contara quarenta anos de fervorosa vida religiosa. Vestira o hábito tendo apenas quinze anos de idade; fora abençoada pela santa fundadora, que, inspirada pôr uma luz profética, viu concentrarem-se grandes desígnios na sua alma virgem e pura como um lírio. Era tão intenso o fervor de que se inflamava na oração, que a madre superiora teve que reduzi-la a meia hora, para que a sua saúde não viesse a sofrer.

As outras Irmãs professoras porfiavam entre si na prática das mais heróicas virtudes, conservando o ardor entusiástico do noviciado e praticando com exatidão as regras do Instituto. Não é, pois, de admirar que Nosso Senhor abençoasse aquele convento e lhe enviasse numerosas noviças das mais nobres famílias da Borgonha. Mas o mais belo testemunho da santidade da Visitação de Paray foi o ter Deus encaminhado para lá a sua dileta esposa Margarida, para torná-la, em virtude da sua graça onipotente, uma das mais ilustres religiosas da Santa Igreja.

CAPÍTULO X

Maravilhoso segredo da oração — Os limites da obediência — Os sponsais do divino Cordeiro — Continua presença de Deus — A santidade do amor e a santidade da justiça.

Margarida foi acolhida pelas Irmãs, com aquele carinho materno, que se costuma dispensar às jovens saídas do mundo, com o coração a escorrer sangue e lágrimas pela separação da família e da pátria; mas ninguém, a princípio, conheceu o tesouro que Deus confiava ao humilde mosteiro.

Ávida da mais alta perfeição, devorada pelo desejo de agradar ao seu Dileto, foi logo ter com a mestra das noviças, e pediu lhe ensinasse o segredo da oração.

A veneranda madre de Thouvant deu-lhe uma resposta que se tornou célebre e compendia em poucas palavras todo um tratado de ascética: «*Ide, disse-lhe, e ponde-vos diante de Deus como uma tela preparada diante de um pintor*». É o segredo para rezar bem: apresentar a Deus a alma pura, simples, recolhida, livre dos cuidados do mundo, para que Ela lhe imprima a imagem do seu divino Filho, o Primogênito dos eleitos, à semelhança de uma bela chapa de vidro, preparada pela química, sobre cuja superfície reflete a fotografia as suas nítidas imagens.

Margarida correu, pois, aos pés do Tabernáculo. «*Apenas lá me encontrei, diz ela, o meu divino Mestre me mostrou como a minha alma era a tela preparada, sobre que queria gravar todas as cenas da sua vida dolorosa, passada no amor, no sacrifício e no silêncio até ao Calvário; que, para formar tal imagem cumpria, porém, que eu imediatamente tirasse da tela todas as manchas, seja da afeição às coisas da terra como do amor de mim mesma e das criaturas, às quais me sentia fortemente inclinada*».

Apenas encerrada nos muros do claustro, no seio de uma plêiade de fervorosas noviças, a humilde virgem pôs-se a refletir sobre a ingratidão da sua vida passada, sobre aqueles ornamentos de vaidade, aquela noite de carnaval, a aparição de Jesus flagelado. Sentiu horror de si mesma e um desejo ardente de expiar aquela falta com as mais cruéis torturas do seu corpo.

Que de lágrimas não derramou! que de sangue não fez correr, aos desapiedados golpes das disciplinas! Que de indústrias não inventou, para martirizar o seu corpo! São Francisco de Sales teve que intervir do Céu para moderar o ardor da jovem postulante; aliás, em breve estaria arruinada a sua saúde.

«*O meu bemaventurado Pai repreendeu-me tão severamente por haver excedido os limites da obediência, que, depois, jamais tive animo de repetir aquelas austeridades- — Quê! minha filha, disse-me ele, pensas agradar a Deus indo além das prescrições da obediência? Esta, e não a prática das mortificações, é o sustentáculo da Congregação.*»

Margarida atirou-se, então, perdidamente, à obediência, à humildade, ao esquecimento e desprezo de si mesma, para alcançar toda a perfeição da ordem a que se ligara.

Levou dois meses a preparar-se para a vestição do hábito religioso, meses de fervor extraordinário e inefáveis doçuras.

Raiou, por fim, a bela aurora em que, despojada dos ornamentos mundanos, recebeu o véu de esposa de Jesus Cristo.

Era o dia 25 de Agosto de 1671, festa do glorioso rei São Luiz, o qual, com os esplendores da sua santidade, ilustrou e honrou o trono de França. Margarida vestiu-se por instantes com os vestidos mais luxuosos e ornou-se dos mais belos enfeites que costumava usar nas festas mundanas, para podê-los depois calcar aos pés.

Aproximou-se do altar. Cortaram-lhe o formoso cabelo e impuseram-lhe o humilde hábito da Visitação, mais belo e mais precioso do que a púrpura dos monarcas e a coroa das rainhas. Em seguida Margarida firmou de seu próprio punho a ata da vestição. Duas das suas companheiras de noviciado declararam que o seu semblante brilhava extraordinariamente, naquele momento, de modéstia e humilde e de todas as suas feições transpareciam sinais de grande alegria.

E que maravilhas não se realizaram no seu interior! O divino mestre fez-lhe gozar tudo o que havia de mais doce e suave nas carícias do seu amor. Margarida estava fora de si pela alegria. Jesus desde aquele dia memorando, começou a aparecer-lhe de uma maneira continua e permanente. «*Via-O perto de mim. Ele me honrava com os seus colóquios, às vezes como amigo, outras como Esposo ou como Pai, todo afeto pelo seu único filho*». Esta presença divina absorvia-a de tal maneira que parecia que o seu espírito vivia no Céu, estranho completamente às coisas da terra. Essa mesma presença a enchia de uma reverência tal, pela soberana majestade de Deus que, estando só, trabalhava, lia, escrevia sempre de joelhos e como que aniquilada. Dos seus olhos corriam muitas vezes torrentes de lágrimas e o seu rosto, não raro, se tornava resplandecente como um astro.

As Irmãs, maravilhadas ao ver aquela continua abstração, aquele alheamento das coisas terrenas e a profunda reverência de que estava sempre compenetrada, perguntavam a si mesmas que prodígios celestes sucederiam naquela alma privilegiada.

O adorável Salvador aparecia-lhe sob dois aspectos. Um as vezes resplandecia na sua divina pessoa, três vezes augusta, a majestade ou como ela dizia, a *santidade da justiça*; e a santa sentia-se como que abismada na sua sublimidade. Outras vezes resplandecia naquele semblante bem-aventurado a chama ardente do amor ou a *santidade do amor*, com os seus suaves atrativos. A alma de Margarida sentia-se então, liquefazer como a cera ao fogo. Os superlativos humanos, as imagens hiperbólicas, as palavras mais expressivas da nossa pobre linguagem terrena, não são capazes de dar uma ideia do que tais visões produziam no espírito da santa. Se Deus não lhe houvesse elevado as forças, ela desfaleceria certamente com aquelas torrentes de luz e de graças sobre-humanas.

Podem, porventura, as nossas pupilas levantar se a contemplar o sol, quando ele fulgura em pleno meio dia? Ao heróico apóstolo das índias, abandonado dos homens, solitário numa choupana, visitava Deus com tal abundância de consolações que ele era constrangido a pedir-lhe abrandasse as doçuras do seu amor, porque a sua pobre humanidade já não lhe podia suportar o ímpeto. Outro tanto devia fazer a nossa Margarida. Algumas companheiras declararam que a sua união com Deus continuava até durante o sono, verificando-se assim as palavras da Esposa dos «*Cantares: Eu durmo, mas o meu coração vela e palpita pelo meu dileto.*»

Oh! gloriosa virgem, alcançai-me também uma semelhante união para que eu possa viver inteiramente alheio às cousas miseráveis e caducas desta terra e não interrompa jamais a minha conversação com o Céu.

CAPÍTULO XI

As lições do Esposo Divino — A rainha das virtudes— O Tabor e o Calvário — O Pólo celeste das almas santas.

Afirmam alguns biógrafos que a graça singular da continua presença de Deus, conferiu-a o Senhor à nossa santa só depois da profissão religiosa, porquanto é de fato então que a ela se refere nas suas «memórias». Não observaram, porem, que Margarida em duas passagens dá a entender que já a havia alcançado antes daquela época, conforme atrás ficou dito.

A visão de que falamos, era mental, isto é, Margarida via Jesus com os olhos da mente.

Depois de algum tempo o amoroso Salvador começou a aparecer-lhe de modo visível.

Ele falava-lhe, animava-a na prática das virtudes, consolava-a nas penas e reprendia-a severamente dos seus defeitos.

Um dia que ela cometera não sei que descuido, disse-lhe Jesus: «*Compreende bem, que eu sou um Mestre santo e não posso tolerar a mais pequena mancha*». E essas palavras foram proferidas em um tom tal que ela lhes teria preferido qualquer dor ou suplício.

Noutra ocasião, tendo-lhe escapado um certo gesto de vaidade, falando de si mesma, teve que derramar amargas lágrimas, porque o divino Esposo, quando ela ficou só, repreendeu-a com um semblante da maior severidade. «*Que tens tu, pó e cinza, para que te possas gloriar de ti mesma? — Nada tens. E para que não te esqueças da tua miséria e do que és, quero que vejas a tua imagem.*» E em dizendo isto, iluminou-a de um raio de luz interna e fez-lhe ver a alma manchada de todas as imperfeições do amor próprio, e das outras misérias humanas. Margarida viu-se tão feia, tão miserável, tão vil, que não pôde suportar essa visão por muito tempo e suplicou ao seu misericordioso Senhor, que lhe tirasse de diante dos olhos aquele espelho: senão morreria de aflição.

O mesmo aconteceu á generosa santa Catarina de Génova e a muitas outras almas: a pureza eminente dos maiores heróis e das maiores heroínas do Cristianismo desaparece diante da inefável santidade de Deus, cujo olhar puríssimo enxerga manchas até mesmo nos mais sublimes serafins, os quais tremem diante dele e encobrem com as suas asas o seu semblante.

Assim se eclipsam as estrelas do firmamento, quando no horizonte aparece fulgurante a luz do sol.

Se o celeste Esposo se mostrava severo, em se tratando de faltas contra a pureza de intenção ou contra a humildade, era inexorável quando se tratava da obediência, fundamento e sustentáculo da vida religiosa.

As maiores virtudes, fora da obediência, eram transgressões e delitos e os mais heróicos sacrifícios não passavam de produto infeliz do amor próprio. «*Enganas-te completamente, dizia-lhe, se julgas agradar-me com esta espécie de ações e mortificações. Eu antes quero que uma alma goze das suas pequenas comodidades por obediência, do que se curve sob o peso da austeridade e dos jejuns por sua própria vontade.*

Uma vez Margarida teve licença para se disciplinar durante o tempo que se empregava a rezar o *Miserere*. Levada pelo fervor o desejo de castigar o seu corpo, ultrapassou o tempo que lhe fora destinado pela superiora. Apareceu-lhe imediatamente Jesus, todo magoado, a advertir-lhe que a penitência praticada durante o *Miserere* fora em sua honra e o restante ficara para o demônio. Foi, então, que a virgem resolveu antes morrer que ultrapassar de um só ponto os limites da obediência.

Deus quer o sacrifício da parte mais nobre do nosso ser, isto é, da vontade e não do corpo e das coisas terrenas. Que Lhe importaram a Ele os pingues rebanhos, os touros

e as ovelhas, o ouro e as pérolas de Amalec, que Saul lhe quis oferecer em holocausto? Ele ama a obediência e não as vítimas.

Renuncie o homem à idolatria da sua própria vontade e se conforme com os adoráveis desígnios de Deus, e então, oferecerá ao seu Criador um sacrifício mais agradável do que os cordeiros que Aarão sacrificava de manhã e de noite no Tabernáculo de Israel.

Assim a nossa Alacoque se adiantava pelos caminhos da perfeição, apoiada ao seu Dileto que a guiava indicando-lhe o caminho, mostrando-lhe ao mesmo tempo os obstáculos e os tropeços que ela devia evitar. Inundada de gozo, imersa continuamente nas fulgurações do Tabor, ela pedia as angústias e as agonias do Gethsemani e do Calvário: mas Jesus respondia-lhe que se submetesse à sua direção, pois que mais tarde reconheceria que Ele era um sábio, prudente, iluminado diretor, que sabia guiar as almas que nele inteiramente confiam. É a nobre aspiração das almas santas: pedir a Deus os sofrimentos à maneira da virgem de Sena que escolheu a coroa de espinhos e a enterrou na cabeça, rejeitando a coroa de rosas que o Rei da glória lhe oferecia; mas o Senhor conhece quando a alma deve colher as flores do Tabor e quando os amarantos do Gólgota. E nós devemos beijar com igual ternura a sua mão quando nos beneficia e quando nos aflige. As alegrias mais suaves desciam como chuva copiosa ao coração de Margarida, quando, prostrada diante do SS. Sacramento, passava as horas, imóvel, abstraída dos sentidos e imersa na mais alta contemplação. Parecia que a alma lhe abandonasse o corpo e voasse ao Tabernáculo, para se unir, num ósculo de amor, ao seu celeste Esposo.

Jesus, encoberto pelos véus da santa hóstia, era o centro da sua vida e das suas ações. Trabalhando, recreando-se, passeando, para lá dirigia sempre o seu pensamento e, sempre que podia, dirigia-se também em pessoa à Igreja e ao Santo Altar.

O augusto mistério eucarístico foi sempre, — permita-se-me a expressão, — o pólo das almas santas, o imã dos corações amantes, o centro de gravitação espiritual, o eixo de toda a santidade sublime. Jesus, escondido sob os véus eucarísticos, é para a Igreja o que é o sol para o universo: uma nascente indefectível de luz e de calor, a qual com seus raios benéficos faz germinar nas almas as flores mais perfumosas e os mais preciosos frutos de vida eterna. Mil vezes feliz a alma que, à imitação de Margarida, encontrou suas delícias à sombra do Tabernáculo. Em breve ela se elevará aos mais altos píncaros da santidade.

CAPÍTULO XII

O Fervor de um serafim — Residência inútil — Maria e Marta — O encanto contínuo do Divino Esposo — As virtudes mais sublimes.

A humilde esposa de Cristo procurava esconder, o mais possível, as maravilhas que se realizavam na sua alma e conformar-se à vida comum das suas companheiras. Como deter, porém, a enchente de graças de que era inundada? Quando Jesus a introduzia na mística cela do seu amor e a inebriava de alegria, as lágrimas jorravam-lhe dos olhos a torrentes, o trabalho caía-lhe das mãos, os joelhos dobravam-se a terra, e o seu semblante resplandecia, não raro, de luz celeste.

As companheiras começaram a considerá-la atentamente; a mestra das noviças e as superiores inquietaram-se com isso. Não haveria aí alguma ilusão? Como explicar tanta singularidade numa noviça, entrada ainda ontem no mosteiro? Não teria ela por ventura enveredado por um caminho falso?

Declararam, portanto, à jovem religiosa que aquele modo de agir não era conforme ao espírito da Visitação; que renunciasse, pois, a todas aquelas luzes extraordinárias, seguisse na oração a vida simples que se ensinava às noviças e se colocasse ao nível das outras em todos os exercícios, aliás, não a admitiriam à profissão.

S. Francisco de Sales recomendara, na verdade, as suas filhas que evitassem toda a singularidade, que se ativessem às regras com a maior simplicidade e vivessem escondidas, humildes, esquecidas para todos. Numa ocasião, entre outras, depois de celebrar a S. Missa, ajoelhára-se com Santa Joanna de Chantal aos pés do altar e pedira a Nosso Senhor que não concedesse jamais à Visitação graças extraordinárias; que as reservasse às outras ordens, concedendo à sua apenas a simplicidade, a humildade, a obediência e outras virtudes, que não oferecem perigo de soberba. Foi por isso que aos poucos se insinuou a ideia de que a Visitação não fosse destinada a esses dons singulares e que Deus tivesse atendido à súplica dos santos fundadores.

Razão tinha, pois, a superiora de se preocupar e pôr de sobreaviso a boa noviça. Margarida, que se atirara perdidamente à obediência, tentou prontamente renunciar a este gênero de vida. Como resistir, porém, à ação soberana e onipotente do seu Esposo Celeste? Aplicava-se com todo o esforço a seguir o método comum da oração e das outras praticas piedosas; mas logo o Divino Esposo se apoderava da sua mente e do seu coração e a elevava a uma contemplação altíssima. Por mais que lutasse e

resistisse contra a ação divina, nada conseguia. Entretanto a sua alma tanto mais ganhava em perfeição, quanto mais a obediência era difícil e repugnante aos instintos do coração.

Coisa semelhante acontecia à Santa Tereza, a mística rosa do Carmelo. A seráfica Santa espanhola recebera ordem do seu diretor de consciência para resistir positivamente aos favores extraordinários com que Deus a visitava; tudo era, porém, baldado, quando Jesus entendia admiti-la ao seu amplexo bem-aventurado. Para tirá-la daquele estado de abstração continua, a diretora resolveu entregá-la aos cuidados da enfermeira, religiosa dotada de grande força corporal e toda aplicada à vida ativa, dando-lhe ordem de a ocupar o mais possível em trabalhos materiais.

Era Maria associada à Marta. A boa irmã executou à risca o encargo que recebera. Apenas terminada a oração prescrita pela regra fazia-lhe varrer os corredores, sachar a horta, carregar água, arrumar os quartos, sem lhe conceder um minuto de descanso. Mas o divino Esposo seguia-a por toda a parte; aparecia-lhe sempre diante dos olhos para arrebatá-la em êxtase. Enquanto, com a vassoura na mão, varria os pavimentos, ou com a enxada revolvia os canteiros da horta, contemplava o Esposo celeste, ouvia-lhe a voz, mais suave que o mel, e sentia as pulsações de amor do seu Coração Sacratíssimo. Desafogava então a enchente de afeto, cantando a meia voz estrofes de melodiosa poesia, como que inspirada nos transportes inefáveis do divino Amor. Entregava-se aos sacrifícios mais heróicos. Dotada de uma alma delicada e sensível aos menores sinais de afeto, ligara-se com estreita amizade a uma companheira de noviciado. Advertindo-lhe o divino Esposo que aquela afeição contristava o seu amor e empanava-lhe a candura do coração, Margarida resolveu cortá-la. Para vencer aquela tendência teve que lutar três meses, no fim dos quais triunfou, e desapareceu aquele apego.

Merece ser mencionada outra vitória que alcançou sobre a natureza. Tinha uma repugnância invencível ao queijo, porque lhe causava violentíssimos embaraços de estômago, azedumes e vômitos de tal sorte que nem o podia ver. Quando, porém, o traziam à mesa e o davam à comunidade, comia-o, vencendo a repugnância imensa da natureza e tolerando com alegria as dolorosas consequências que lhe advinham. Se não interviesse a obediência para lhe proibir penitência tão heróica, tê-la-ia continuado durante toda a vida.

A superiora não sabia como conter-lhe o desejo, ardente e sempre insaciável, de humilhações e sofrimentos. Como poderiam retrair a sua profundíssima humildade, sempre dócil à onipotência da graça, manancial perene de todas as obras? A caridade, a doçura que usava para com suas companheiras era a do seu bem-aventurado Padre

S. Francisco de Sales; estava sempre pronta a servi-las, pospondo-lhes todas as suas comodidades e considerando-se a criada de todas e de cada uma delas.

Já acenamos à sua perfeita obediência, que o próprio Jesus muitas vezes lhe ensinára, como sendo o único meio para lhe agradar, fora do qual não pode haver verdadeira virtude. Em resumo, brilhavam em Margarida todas as virtudes, cortejadas pelos dons sobrenaturais que lhes davam ainda maior esplendor, de sorte que, conquanto jovem em idade, excedia em perfeição às mais anciãs do mosteiro. Os dias eram cheios de obras santas, coroadas de flores do Céu; seu coração era a delícia do Esposo das Virgens, o qual comprazia-se em repousar entre os lírios da inocência e as violetas da humildade.

CAPÍTULO XIII

*A profissão religiosa — Valor infinito da obediência — Dez dias de vida no Céu —
As dores da morte e as alegrias da ressurreição.*

Transcorrera o ano de noviciado e as novas religiosas proferiam os votos entrando para sempre na ordem da Visitação. A nossa noviça não foi, porém, admitida à profissão, unicamente pela singularidade da sua vida e os caminhos extraordinários que percorria.

A superiora quis temporizar, para se certificar melhor de que nela existisse realmente o espírito de Deus sem se tornar por ventura o brinquedo do espírito do abismo, o qual, para enganar as almas, se transfigura em anjo de luz. Ela suportou com plena conformidade à vontade divina aquela demora, bendizendo ao seu divino Mestre.

Depois de três meses de madura reflexão, foi finalmente convidada a fazer os grandes exercícios em preparação aos santos votos. Era o dia 27 de Outubro de 1672. É impossível descrever o fervor de que se sentiu invadida naqueles dez dias de recolhimento e de união incessante com Deus. Seu coração era um altar sobre que lavrava o fogo do mais santo amor, com tão grande ardor, que parecia que toda se quisesse extinguir em holocausto. No segundo dia do retiro o incêndio da divina caridade cresceu tanto que a superiora para moderá-la e distraí-la, mandou-a para a horta, com uma vara na mão, e o encargo de tomar conta de um jumento e uma

jumentinha — que serviam no convento para transporte das provisões necessárias à comunidade, — o impedir que estragassem as sementeiras. Passava, pois, o dia inteiro a correr atrás dos dois animais, chamando-os à ordem quando se desviavam dos caminhos da horta. Ela preferiria, sem dúvida, passar o dia e a noite diante do Santíssimo Sacramento; mas Deus a queria naquele humilde ofício e ela com isso se conformava. *«Se Saul, dizia ela, na sua simplicidade, alcançou o reino de Israel, a procurar as jumentas de seu pai, porque não poderei eu conseguir o reino do Céu, correndo atrás destes animais?»*

A obediência é aquele bálsamo celeste que dá perfume às ações, ainda as mais vis e desprezíveis, e as torna preciosas aos divinos olhares. Margarida encontrou de fato o reino dos céus, e o sacrifício da sua vontade, oferecido a Deus, subiu até ao seu trono em odor de suavidade.

Ajoelhada num pequeno bosque de avelaneiras, que ainda se conserva em Paray, recebeu um dos maiores benefícios da sua vida. Eis como ela o descreve: *«Sentia-me tão satisfeita nesta ocupação e o meu soberano Rei fazia-me tão fiel companhia, que aquelas corridas contínuas não me inquietavam absolutamente. Foi ai que me foi dado receber um dos dons mais excelsos que eu jamais experimentei, principalmente no que se refere à clareza dos santos lugares em que se realizaram os mistérios da Paixão e Morte de Jesus; mas é este um abismo por demais profundo para poder ser descrito: eu renuncio a fazê-lo. Direi, apenas, que me comunicou tal amor pela cruz que eu não posso viver um só instante sem sofrer, mas sofrer em silêncio sem consolação, sem alívio, sem compaixão, e morrer com o Rei da minh'alma, oprimida sob o peso de toda a sorte de opróbrios, humilhações, desprezos e esquecimentos».*

O desejo dos sofrimentos foi sempre o anseio das almas heróicas. A misteriosa palavra de Jesus na Cruz-sítio, desceu do Calvário e foi transmitida de geração em geração a todos os santos da Igreja, provocando na seráfica do Carmelo aquele grito sublime: «padecer ou morrer» e o outro ainda mais heróico da santa de Florença «morrer, não, mas viver para sofrer». Oh! almas bem-aventuradas, comunicai a mim também essa febre insaciável de sofrimentos, para que eu possa por meio deles testemunhar o meu amor ao dulcíssimo Jesus, que, para a salvação dos homens, impurpurou o solo do Gólgota com o seu sangue preciosíssimo.

Os dez dias de retiro foram dez dias de paraíso, durante os quais o coração de Margarida foi inundado por um mar de gozo. O incomparável Esposo das almas fez-lhe gozar tudo o que há do mais doce, terno e suave no seu amor e inebriou-a de celestes delícias; mas ao mesmo tempo, fez-lhe vislumbrar, ao longe, uma cruz que igualaria em amargura as carícias de que agora gozava. Antes o Tabor, com todas as

alegrias e esplendores, depois, o Calvário com todas as suas amarguras.

Raiou por fim a aurora feliz do dia 6 de Novembro de 1692, no qual celebrou as suas núpcias com o Cordeiro Imaculado.

As cerimônias da profissão religiosa em todas as ordens são sobremodo comovedoras e deixam durante toda a vida a mais viva saudade. A alma morre misticamente para o mundo e nasce para a vida da graça, da perfeição, da santidade. Essa morte e esse nascimento são representados ao vivo por todo um conjunto de ritos, que nos fazem assistir a uma agonia e a uma ressurreição. A principio, cantos fúnebres, crepes mortuários, círios bentos e dobrar de sinos, núncios de morte; depois, cantos nupciais de alegria, coroa de rosas de flores: numa palavra, todas as dores e tristezas do túmulo e todas as alegrias, que enfloram o berço de um recém-nascido.

Margarida com o rosto radiante de alegria, apenas terminado o canto do hino *Veni Creator Spiritus*, adiantou-se e pronunciou a fórmula dos votos de castidade, pobreza e obediência, «*Ouvi, Céus, as minhas palavras! Escute a terra os acentos dos lábios meus ! A Vós, Jesus, meu Salvador, fala o meu coração, apesar de eu não ser senão pó e cinza. Meu Deus, faço voto de viver em perpétua castidade, pobreza e obediência, segundo as regras de Santo Agostinho e as Constituições da Congregação de Nossa Senhora da Visitação, por cuja observância, ofereço e consagro à vossa Divina Majestade e à SS. Virgem Maria, vossa Mãe e Senhora nossa, a minha pessoa e a minha vida. Recebei-me, Eterno Padre, nos braços da vossa misericordiosíssima paternidade para que eu leve constante-mente comigo o jugo e o peso da vossa santa servidão e, toda e sempre, me abandone ao vosso divino amor, ao qual novamente me dedico e consagro. Ó gloriosíssima, santíssima e dulcíssima Virgem Maria, suplico-vos pelo amor, paixão e morte do vosso Filho, me recebais no regaço do vosso materno patrocínio. Escolho a Jesus, meu Salvador e meu Deus, por único objeto do meu amor e a presente ordem para minha perpetua morada. Assim seja.*» (1)

Puseram-lhe depois ao pescoço uma pequena Cruz de prata e, sobre a cabeça, o véu; ao mesmo tempo se pronunciavam as seguintes palavras: «*Será este um véu aos vossos olhos contra os olhares dos homens e um sinal sagrado para que jamais possas receber nenhum outro sinal de amor, senão o de Jesus Cristo*».

(1) Foi este o ato de profissão pronunciado pela gloriosa Madre de Chantal, á presença do Santo Bispo de Genebra e o adotado pelas irmãs da Visitação no dia solene das místicas núpcias com o Esposo Divino.

E foi coberta pelo pano fúnebre, ao mesmo tempo que eram pronunciadas as sentidas palavras de Job: «O homem, nascido de mulher, vive pouco tempo e é saturado de infinitas misérias, etc.» Os circunstantes rezaram com voz triste o *De profundis* e ela foi aspergida de água benta como se faz nas exéquias diante do catafalco, ao mesmo tempo que os sinos dobravam funebremente a anunciar que Margarida morrera para o mundo, para as suas pompas, para as suas vaidades. O templo estava todo forrado de negros crepes e iluminado pelos círios fúnebres.

Oh! Religião, como és amável! Dás às almas a força de antecipar a sepultura e enterrarem-se vivas sob um pano mortuário, para depois reevocá-las a uma vida nova, fecunda de imortalidade.

Depois dos horrores do sepulcro, Margarida participou das alegrias da ressurreição. Levantou-se do chão, deslumbrante de celeste alegria. Cessaram os cantos de luto, desapareceram os panos fúnebres, a Igreja vestiu-se de festa e a virtuosa virgem cingiu a cabeça de lírios e rosas, enquanto se entoavam os cantos nupciais e o órgão anunciava com vozes de júbilo o nascimento de Margarida para a vida religiosa e as suas núpcias com o Divino Cordeiro.

Puseram-lhe na mão um crucifixo, e ela fitando-o, exclamou: «*O meu Dileto pertence inteiramente ao meu coração e eu a Ele. Jamais o abandonarei para seguir algum homem porquanto a Ele me desposei com os vínculos da caridade e o seu amor supera a todos os amores do mundo. O' meu Deus, desviai os meus olhos da vaidade e não deixeis que eu seja dominada por alguma injustiça*». Tendo nas mãos um círio, símbolo das chamas da caridade, disse ela: «*A vossa palavra, ó Senhor, é lâmpada aos meus passos e facho ao meu caminho. A vossa luz resplandece sobre mim e Vós ateastes o fogo ao meu coração*».

As núpcias com o Esposo Divino estavam terminadas. Margarida estava radiante de alegria.

CAPÍTULO XIV

*A esposa de Jesus — Desejo ardente de sofrer — Gloriosos triunfos da natureza —
Um incêndio de amor com Deus.*

Acabamos de descrever a pompa exterior daquele dia memorando; contemplemos agora as maravilhas sobre-humanas que se realizaram no interior da nossa dulcíssima santa. O nosso olhar será ofuscado pelo esplendor das graças e deveremos prorromper num cântico de agradecimento e louvor a Deus, tão admirável nos seus eleitos.

O Divino Redentor apareceu-lhe radiante de luz e de alegria e disse-lhe: *«Até hoje eu era apenas o teu permitido; a partir de agora serei o teu Esposo.»* Garantiu-lhe que não a abandonaria jamais, que a trataria como sua dileta esposa; e começou de fato a inebriá-la de celestes delicias e a confiar-lhe os segredos mais íntimos do seu amor. A aventureira virgem, a transbordar de gozo, levada pelo reconhecimento de tantos favores, de que se sentia indigna, escreveu, com o seu próprio sangue, uma consagração de todo o seu ser ao sublime Esposo. Este ato, que contem os cânticos mais sublimes do amor divino e as aspirações mais heróicas a que na terra possa chegar uma alma, termina assim: *«Tudo em Deus e nada em mim; tudo para Deus e nada para mim; tudo por Deus e nada por mim.»* E assinou: *a sua indigna esposa. Sórora Margarida Maria, morta para o mundo.*

Notemos os progressos que vai fazendo Jesus na alma da santa. Nos dias da adolescência diz-lhe que Ele será para ela o mais belo e o mais perfeito dos esposos; no dia da vestição: *«hoje é o dia das nossas núpcias»*; no dia da profissão: *«até hoje fui teu prometido, a partir de agora quero ser teu Esposo»*. É esta a história de todas as almas generosas que desprezam as amizades terrenas, sujeitas à velhice e à morte, para escolher o Celeste Esposo, sempre jovem, sempre belo, que as coroas de rosas imortais, adorna-as de adereços celestes e lhes descobre os segredos inefáveis do seu amor. Encerradas dentro das quatro paredes de um claustro, contemplam sem distração a beleza sobre-humana de Deus, sempre antiga e sempre nova, e escutam apenas o eco longínquo do ruído do mundo ao passo que ouvem constantemente as harmonias sempiternas do Céu, no qual subirão um dia para cantar o cântico novo, que nenhum outro lábio pode entoar, fazendo cortejo ao Cordeiro Imaculado e seguindo todos os seus passos. Belo, divinamente belo, é o mosteiro das sagradas virgens. É um oásis de pujante vegetação, e limpidíssimas fontes no meio do deserto do mundo. É um rosal florido a embalsamar o ambiente com o seu perfume! Compreendo agora porque foi que um santo doutor da Igreja pôde afirmar que, se o mundo viesse a conhecer a felicidade que se goza no estado religioso, todos fariam pressão para entrar nos conventos.

Depois da profissão religiosa, Jesus continuou a inundá-la de delícias e a entretê-la com as fulgurâncias do Tabor. Margarida começou a admirar-se e a inquietar-se. Não tinha ela desposado um Deus crucificado, despojado, humilhado, aniquilado?

Queixava-se, pois, docemente com o seu Esposo, porque nunca deixava de rodeá-la das suas carícias e não lhe fazia participar do cálice da sua paixão. Jesus, então, preveniu-a de que a hora do Gethsemani e do Calvário não tardaria e que se haveria de saciar na torrente das suas dores. Entretanto, para a ir acostumando, retirava-se pouco a pouco. Dir-se-ia, porém, que o amável Redentor não podia resolver-se a principiar a crucifixão da sua dileta esposa.

Uma vez, quando Margarida insistia vivamente para que Jesus lhe substituísse todas as consolações, o Divino Mestre mostrou-lhe uma cruz toda coberta de flores: *«Aqui tens, disse-lhe, o tálamo dos meus castos esponsais, onde te farei experimentar o auge das delicias do meu amor. Estas flores, porém, pouco a pouco cairão todas e restarão apenas os espinhos que elas escondem, por causa da tua fraqueza; esses espinhos te farão sentir tão vivamente as suas pontadas que tu terás necessidade de toda a força do meu amor para lhe suportares o martírio.»* Estas palavras encheram-na de alegria; tinha, porém, uma santa impaciência de que chegasse depressa a hora desse martírio e não se dava paz nem de dia, nem de noite. *«Parece-me, diz ela, que não terei sossego, senão quando me aprofundar nos abismos das humilhações e dos sofrimentos, desconhecida para todos e sepultada num eterno esquecimento. Ah! Se alguém pensar em mim, não o faça senão para me desprezar, porque, se soubessem o desejo que eu tenho de ser humilhada e desprezada, penso que a caridade impeliria a todos a me satisfazerem. Experimento tão forte desejo de padecer, que não posso encontrar mais suave repouso do que quando sinto o meu corpo carregado de sofrimentos, meu espírito entregue a toda a sorte de abandonos e todo o meu ser no meio das humilhações, desprezos e das contradições».*

A misteriosa saudade de Jesus crucificado, que a torturava constantemente, transpirava em tudo o que dizia e escrevia.

E às palavras correspondiam aos fatos.

Passava o dia a procurar todas as ocasiões para atormentar o seu corpo. Deitava cinza na comida para a tornar insípida e repugnante, ou a temperava com demasiado sal para provocar a sede, que ela depois não saciava privando-se de toda e qualquer bebida. Uma vez passou quarenta dias sem beber nada. Mais tarde resolveu passar sempre a quinta e sexta feira sem tomar bebida. Reprendida pela Madre superiora e obrigada a satisfazer as necessidades da natureza, recorria a indústrias para se mortificar, bebendo águas mornas ou desagradáveis ao gosto. De noite introduzia no leito cavacos ou pregos de grande cabeça, para se atormentar mesmo durante o sono. Considerava grande felicidade beijar as feridas das enfermas e pousar os seus lábios e a sua língua sobre úlceras, as mais asquerosas e repugnantes. Uma vez que curava

uma enferma afetada por um cancro no estômago, que não lhe permitia reter nenhum alimento, querendo limpar o recipiente em que a Irmã tinha vomitado o alimento que pouco antes tomara, fê-lo com a língua, dizendo a Jesus Cristo : *«Se eu tivesse mil corpos, mil amores, mil vidas, ou as quisera imolar todas para vos servir».*

E dizia que experimentava, ao praticar semelhantes ações, tantas delícias, que quisera tê-las todos os dias para poder vencer a natureza e sacrificar a Deus todas as suas repugnâncias. Dizia ela que no seu coração havia três tiranos que não lhe davam paz nem descanso e que nunca ficavam satisfeitos: o primeiro era o amor aos desrezos, o segundo, o amor aos sofrimentos, o terceiro o mais doce, o mais forte, o mais ardente e o mais difícil de contentar — era o amor a Jesus Cristo. *«Quanto mais vivo, melhor percebo que uma vida sem Jesus Cristo é a extrema miséria a que se possa chegar. Se para chegar a Jesus Cristo, tivesse que percorrer descalça um caminho de fogo, parece-me que consideraria insignificante semelhante pena.*

Quando recebo a Jesus, fico como que aniquilada; apodera-se, de mim uma alegria tão impetuosa, que às vezes durante cerca de um quarto de hora todo o meu interior guarda profundo silêncio para ouvir a voz daquele que eu amo.

Não sei se me engano, mas o meu grande prazer seria amar o meu adorável Salvador de um amor tão ardente como o dos serafins. Eu não me inquietaria se o conseguisse mesmo a custo de ficar no inferno, porque aquele lugar se converteria, então, num paraíso. O pensamento de que existe um lugar no universo, no qual, por toda a eternidade, um número infinito de almas, resgatadas com o sangue preciosíssimo de Jesus Cristo, não amarão absolutamente este adorável Redentor, aflige-me profundamente. Eu quisera, ó meu Divino Salvador, se fosse do vosso agrado, sofrer todos os tormentos do inferno, com a condição de vos poder amar com aquele amor que poderia ter levado para o Céu a todos aqueles desgraçados que no inferno sofrerão sempre e que não vos amarão jamais.»

Estas palavras escritas pela nossa heroína, revelam-nos um heroísmo sublime e um amor de Deus que excede ao dos serafins do Céu. As águas mais turbinosas não poderiam extinguir as suas chamas ardentes e as torrentes mais impetuosas não bastariam para apagar o incêndio de tanta caridade. Seu amor era muito mais forte que a morte o seu ardor mais intenso do que o do fogo, pois eram ambos sem medida.

CAPÍTULO XV

A nova superiora — Devoção soberana de Margarida — Transportes inefáveis de amor — Os dias e as noites diante do SS. Sacramento.

Tendo a superiora do mosteiro, Soror Hersant, terminado, os seis anos do seu ofício, voltara a Paris, passando a direção à madre de Saumaise. Oriunda de nobre família parlamentar, fora acolhida por Sta. Joanna de Chantal, que, ao abençoá-la, pressentia que atingiria a um alto grau de perfeição e seria mais tarde um das superiores mais venerandas das sua Ordem. Dotara-a Deus de grande madureza de critério, de um espírito resoluto e hábil na direção dos negócios e de um coração abrasado incessantemente da mais ardente caridade. Chegada a Paray poucos meses antes da profissão da nossa santa, reconheceu imediatamente que existia nela o espírito de Deus e a admitira aos votos, apesar de que a primeira superiora não se tivesse assegurado dos caminhos extraordinários que ela seguia. Deus enviou-a expressamente para dirigir Margarida nas suas ansiedades e no meio das grandes provações que deverá enfrentar e afim de que reconhecesse a verdade das próximas revelações do Sacratíssimo Coração de Jesus. A jovem virgem chamava-lhe a atenção mais do que as outras irmãs, pelo fervor extraordinário e as virtudes que já mencionamos.

O amor de Deus costumava consumir o seu coração como um holocausto e com tais ímpetos que o corpo muitas vezes não podia resistir e desfalecia. De constituição delicada e muito pálida, parecia que através da sua carne se avistava a ardente chama do espírito. Já dissemos que ela vivia numa como abstração contínua, como se já no Céu estivesse a sua alma, e que as irmãs deviam despertá-la e sacudi-la para a reconduzir à terra.

Devemos agora falar da devoção soberana de Margarida, da devoção ao SS. Sacramento, na qual muito teremos que contemplar e gozar.

A esposa do adorável Redentor já não saia da capela; passava ai horas inteiras de joelhos com as mãos postas, os olhos fitos no Tabernáculo, sem ouvir nem ver nada do que se passava ao redor dela. Dir-se-ia, como já fizemos notar, que a sua alma se desprendia dos lábios e voava até dentro do santo Tabernáculo, para receber de Jesus o bem-aventurado amplexo, deixando no pavimento do coro o seu corpo, e retomando-o quando a obediência a chamava a outra parte. «*Atesto*, diz sóror

Margarida D'Athose, *ter visto aquela irmã passar quase um dia inteiro, principalmente aos domingos e dias santos, diante do SS. Sacramento, com um recolhimento tão profundo, que toda a comunidade ficava estupefata, sem saber como pudesse ela, fraca como era, ficar tanto tempo na mesma posição*».

Perguntando-lhe as companheiras como pudesse resistir tanto tempo, respondeu-lhes que naquelas horas estava tão preocupada a contemplar o amor do seu Esposo celeste, que não sentia o corpo. Muitas irmãs depuseram no processo de Cononização, que a tinham visto passar até doze horas em êxtase diante do altar. Era um espetáculo que inspirava compunção e despertava nos que o contemplavam as mais ardentes chamas de amor a Jesus, escondido na santa Hóstia. As monjas levantavam-se até de noite só par a contemplar Margarida naquele estado. E não só as irmãs e as jovens educandas, mas até os fiéis cristãos iam à grade nos dias em que estava exposto o SS. Sacramento, para observar a santa virgem insensível ao calor e ao frio e esquecida das necessidades da natureza. Só havia uma palavra capaz de a reconduzir à terra e despertá-la da sua profunda contemplação: era a voz da obediência.

Insensível a tudo o mais, a esta palavra, ela despertava e, saudando docemente o altar, dirigia-se prontamente para onde a chamavam. Outras vezes as companheiras, para prová-la, simulavam ordens da superiora e a santa obedecia prontamente, abandonando a capela. *«Lembro-me, diz a madre Izabel de La Garde, que uma vez, querendo experimentar a virtude da serva do Deus, depois de ter pedido a competente licença, fui dizer-lhe ao ouvido, na noite da quinta feira santa, em que fazia um frio intenso: «Minha irmã, nossa superiora ordena-vos que vos vades aquecer.»* Imediatamente fez genuflexão, saiu da Igreja, aqueceu-se ao fogo durante um quarto de hora; depois do que, voltou ao seu lugar e ai ficou durante toda a noite, até a manhã, à hora de Prima. Os assaltos do divino amor eram, por vezes, tão violentos que caía redondamente ao chão, perdendo os sentidos, sendo preciso depois conduzi-la até á sua cela. Que maravilhas sucediam na alma da santa? Que obras realizava Jesus no seu coração? Vê-lo-emos em breve.

No ano de 1673 começou a passar parte da noite diante do SS. Sacramento. É belo, sem dúvida, no silêncio da noite quando todos descansam, fazer companhia a Jesus ao trêmulo bruxulear da lâmpada do Santuário. Ouvem-se, então, as palpitações do Coração adorável, conhece-se a grandeza infinita do amor, que o levou a encerrar-se prisioneiro dentro do Tabernáculo; ai espera com impaciência o raiar do dia, para encher de graças os seus filhos prediletos. À noite, quando se fecham as portas das Igrejas, não descerão do Céu os anjos em revoadas, para cortejar ao soberano Rei da gloria, para amá-LO e adorá-LO em lugar dos homens, que se recolhem ao descanso?

CAPÍTULO XVI

Primeira revelação — O Coração de Jesus fulgurante como o sol, coroado de espinhos e encimado por uma cruz — Amor excessivo pelos homens — Maravilhoso efeito da visão

Cheios de reverência e amor, aproximamo-nos dos mais belos dias da vida da nossa santa, quando Jesus descobriu o peito e lhe mostrou o seu dulcíssimo Coração.

Foram três as grandes revelações desta devoção inefável, reservada nos últimos tempos da Igreja, a reacender nos fiéis o amor de Deus. A primeira realizou-se no dia da festa do glorioso Apóstolo, que na última ceia reclinou a cabeça sobre o peito adorável do Salvador e auscultou as divinas palpitações do seu Coração três vezes santo.

No dia 27 de Dezembro de 1773, achando-se Margarida em oração diante do SS. Sacramento, mais fervorosa do que nunca, foi arrebatada em êxtase e o Divino Salvador concedeu-lhe o privilégio do discípulo amado, permitindo-lhe que reclinasse a cabeça sobre seu peito augusto, e experimentasse as maravilhas do seu amor. Jesus fez-lhe depois contemplar o seu Coração Sacratíssimo, oculto até aquele dia, todo fulgurante de luz, mais fulgido que o sol meridiano, mais transparente do que um cristal e consumido como uma fornalha pelas chamas do seu amor aos homens. A chaga que lhe abrira na cruz o soldado romano aparecia visivelmente: estava toda circundada de espinhos e encimada por uma cruz.

Enquanto Margarida, fora de si pela comoção e pelo afeto, contemplava aquele espetáculo, Nosso Senhor tomou a palavra e disse-lhe: «*O meu Coração está tão apaixonado de amor pelos homens que, já não podendo conter dentro de si as chamas da sua ardente caridade, vê-se obrigado a expandi-las por teu intermédio e a manifestar-se, a fim de enriquecê-los dos seus preciosos tesouros e das graças de que necessitam, para evitarem a eterna perdição.*» E acrescentou: «*Eu te escolhi como um abismo de indignidade e ignorância para a realização de tão grande desígnio, a fim de que seja tudo feito por mim mesmo*». Pediu-lhe depois o coração e, recebendo-o, colocou-o dentro do seu, como um átomo numa fornalha ardente. Em seguida, retirando de si uma chama ardente em forma de coração, colocou-lha no peito, dizendo: «*Aqui tens um precioso penhor do meu afeto. Encerro no teu peito uma centelha das chamas mais vivas do meu amor, para te servir de coração e consumir-te até o último momento. Até aqui tiveste o nome de minha escrava; de hoje em diante chamar-te-ás a discípula predileta do meu Coração*». Depois de tão excelso

favor, que durou por longo espaço de tempo, durante o qual ela não sabia se estava no Céu ou na terra, permaneceu por muitos dias toda inflamada de amor e não podia falar, comer e agir senão fazendo grande violência, como se tivesse que tirar do Céu a sua alma para animar o corpo.

A majestade divina tinha invadido inteiramente o seu ser e o amor tinha despertado nele chamas que ardiam sem cessar. Uma humildade profundíssima foi o fruto que lhe deixou a visão daquele Coração Sacratíssimo, que é manso e humilde. Desejaria ajoelhar-se no meio do refeitório e revelar publicamente as suas culpas, para ser desprezada por todas as suas irmãs. De então por diante sentiu do lado do peito a pontada de uma chaga invisível por toda a vida, a qual lhe causava agudas dores e, ao mesmo tempo, a consumia de um amor santo. O seu peito experimentava a agonia da lança que traspassou o do Divino Mestre e o ardente amor que devorava o Coração Divino. Mas a ferida não aparecia visivelmente como no lado do glorioso Patriarca de Assis, do qual até sangue vivo jorrava. Jesus lh'a escondera, como fizera outrora com a santa virgem de Siena, a qual, depois de ter recebido os cinco estigmas, pediu ao seu Esposo Celeste os ocultasse aos olhos dos homens, para evitar a maravilha e a veneração.

Esta revelação do Coração Divino assinalou na vida de Santa Margarida um aumento em todas as virtudes e um progresso maravilhoso no amor celeste. Os meses seguintes pareciam-lhe os primeiros dias da primavera, nos quais, depois de uma longa e silenciosa preparação, a terra de súbito veste-se como uma esposa, cobre-se de um manto esmeraldino, matizado das mais fragrantas flores, embalsamando o ar e alegrando o coração. Todas as irmãs notaram o rápido progresso de Margarida na virtude e pressentiam quão grandes coisas havia Deus realizado naquela alma de eleição; nenhuma, porém, pode penetrar no seu misterioso segredo. A santa já não vivia, nem respirava senão para o Coração dulcíssimo de Jesus; a sua imagem estava de contínuo presente ao seu espírito e, como um sol, a iluminava com os seus raios. Se a só vista daquele Coração adorável nos causa tanta impressão em nós, tão frios e languidos no amor de Deus e tanto nos excita á piedade mais terna, qual não deveria ser o amor que despertaria no coração de Margarida, tão pura, tão cheia de caridade celeste?

Vamos também nós, pressurosos, à imitação do discípulo amado descansar sobre o seu peito adorável, para auscultar-lhe as palpitações misteriosas e atingir nele a humildade a doçura de que Ele próprio se proclamou mestre. Jesus conservou-o escondido no seu peito durante 16 séculos, mostrando-o, apenas a uma ou outra alma privilegiada. Agora, porém, revela-o a toda a Igreja e enquanto o sustenta numa das

mãos, com a outra convida a todos a virem a Ele e beberem as águas de vida eterna que jorram sem cessar daquela ferida.

CAPÍTULO XVII

Segunda revelação — Sentidas queixas — A Comunhão da primeira sexta-feira do mês e a Hora Santa — Da morte à vida — Duvida angustiosa.

A segunda revelação realizou-se no ano seguinte. «*Uma vez em que estava exposto o SS. Sacramento, narra a santa, senti-me toda concentrada em mim mesma por um recolhimento extraordinário; apresentou-se-me Jesus Cristo, meu dulcíssimo Mestre, todo radiante de glória, com as suas cinco chagas a resplandecerem como cinco sóis. Da sua humanidade sacratíssima saíam chamas por toda a parte, mas principalmente do sou adorável peito, que ardia como uma fornalha; abrindo-o, descobriu-me Ele o seu amantíssimo Coração nascente viva de todas aquelas labaredas. Patenteou-me as maravilhas inefáveis do seu amor e até que excesso de caridade este o havia impelido ao amor dos homens, dos quais só recebia ingratidões. Isto, acrescentou, é mais doloroso do que tudo o que sofri na minha Paixão, tanto que, se me retribuíssem o que fiz com algum sinal de amor, teria por pouco tudo o que sofri por eles e quisera, se possível fosse, fazer ainda mais; entretanto só correspondem com friezas e repulsas a todas as minhas solitudes. Dá-me, ao menos tu, esta alegria, suprimo quanto puderes a sua ingratidão.*» Assim, depois de ter mostrado na primeira revelação o verdadeiro princípio da nova devoção, isto é, um amor, cujo fogo já não podia conter no seu peito, Nosso Senhor agora lhe revela o caráter. Será uma reparação honrosa, uma expiação de todos os delitos do mundo, uma consolação para o seu Coração abandonado. Margarida, humilde, desculpou-se, alegando a sua insuficiência. «*Toma, replicou-lhe Jesus, o com que possas suprir ao que te falta*». E dizendo isto abriu-se o Coração Divino e desprendeu-se dele uma chama tão ardente que lhe fez pensar ficaria toda consumida; não podendo resistir-lhe ao ardor, pediu ao Senhor tivesse compaixão da sua fraqueza. Jesus respondeu-lhe que não temesse, pois Ele seria a sua força. **Pediu-lhe duas coisas, para dispô-la ao cumprimento dos seus desígnios: em primeiro lugar, que comungasse todas as primeiras sextas feiras de cada mês, para reparar as injúrias que recebia no SS. Sacramento; em segundo lugar, que se levantasse todas as semanas na noite de quinta para sexta feira, entre as onze e a**

meia noite e se prostrasse durante uma hora com a face a terra, em expiação de todos os pecados dos homens e para consolar o seu Coração deste sensível abandono, do qual o sono dos Apóstolos no jardim das Oliveiras, era apenas um ligeiro anúncio e uma pálida imagem.

Durante estas maravilhas a santa estava fora de si e já não sentia nem via nada do que se passava na terra. Tiveram que retirá-la de lá e, visto como não respondia nem podia manter-se em pé, levaram-na à presença da superiora. A voz da obediência chamou-a a si. Narrou então à Madre tudo o que se passara entre ela e o Esposo Divino. A prudente diretora, para conservá-la humilde no meio de graças tão assinaladas, mostrou que não acreditava e humilhou-a de mil maneiras. Margarida experimentou com isto um grande prazer e a mesma satisfação que os homens do mundo sentem ao verem-se honrados. Via-se de tal maneira culpada e cheia de confusão, que qualquer tratamento rigoroso lhe parecia por demais suave. Assim procedem os santos: quanto mais se vêem honrados por Deus, mais se abaixam e se humilham na consideração do seu nada. Mas o fogo de amor que a devorava, causou-lhe uma febre contínua, que ela suportou com grande alegria, sem dizer palavra, até que lhe faltaram as forças para se conservar de pé. *«Entretanto, diz ela, nunca senti tanta consolação, porque todo o meu corpo sofria dores horríveis, as quais saciavam em parte a sede extrema que eu tinha de sofrer. Este fogo devorador só se alimenta e se contenta com o lenho da Cruz, com toda a sorte de desprezos, humilhações e dores; nunca sentia sofrimentos iguais aos que padecia com a privação deles».*

A febre era escaldante e agravava-se em acessos continuados, sem haver remédio algum capaz de lhe atenuar a intensidade. A superiora, pesarosa em extremo, aproximou-se do leito da agonizante e ordenou-lhe, em nome da obediência, que pedisse a Deus a saúde, dizendo que, com este sinal, reconheceria que tudo o que nela se passava provinha do Céu. Prometeu deixá-la comungar nas primeiras sexta-feiras de cada mês e permitir-lhe a hora de adoração na noite da quinta para sexta. Margarida sentiu forte repugnância em pedir a cessação dos seus sofrimentos; mas, à voz da obediência, não hesitou. Coisa admirável! Apenas acabava de proferir uma breve oração, cessou a febre, o pulso normalizou-se e ela readquiriu a primitiva saúde, voltando imediatamente a atender aos exercícios da comunidade.

Jesus, porém, que, conforme lhe prometera, queria iniciá-la nas dores da sua Paixão, depois de a ter curado, permitiu que fosse amargurada de um modo atroz. A cura instantânea da enfermidade que já lhe estava entreabrindo o sepulcro, despertou a atenção de toda a comunidade; e a Superiora julgou oportuno mandar examinar por pessoas competentes as graças assinaladas que ela recebia.

A santidade da irmã era evidente; tendo, porém, 26 anos de idade e só dois de profissão, não poderia ela ser iludida pelo espírito maligno, transfigurado em anjo de luz? As visões que ela narrava eram extraordinárias, inauditas: não seria prudente pedir conselhos a pessoas instruídas? Parece, porém, que, nas conferências que teve com os seus examinadores, a santa, tímida e humilde como era, se tivesse explicado mal, sendo-lhe por esse motivo pouco favorável o julgamento. Disseram-lhe que em todas aquelas visões havia muita fantasia, um pouco do seu temperamento e talvez mesmo algumas ilusões do espírito maligno. A infeliz Margarida sentiu o coração traspassado pelo cutelo da dor e bebeu a largos haustos no cálix da Paixão. Persuadindo-se que estava em erro, fazia todos os esforços para resistir às graças extraordinárias com que Deus a visitava; como, porém, nada conseguia, sobreveio-lhe a duvida cruel de que tivesse sido abandonada. É impossível descrever as inquietações e as angústias que sobrevieram à sua alma, abandonada assim às agonias do Getsemani. Um dia em que experimentava todas as dores do Calvário e expandia o seu coração angustiado aos pés do SS. Sacramento, seu único conforto e refugio no meio do abandono total dos homens, pareceu-lhe ouvir uma voz dizer-lhe: «*Tem paciência e espera que venha o meu servo*». Não compreendeu de pronto a que aludiam aquelas palavras, mas estas calaram-lhe no espírito como celeste bálsamo, pois entendeu que Deus viria em seu auxílio em tempo oportuno.

CAPÍTULO XVIII

O enviado do Céu — Terceira revelação — A festa solene do Sagrado Coração de Jesus — As primícias das adorações ao Coração Divino — A união de três corações.

Deus Nosso Senhor lhe enviava de fato um religioso dotado de eminente virtude e ciência profunda, para esclarecê-la nas suas dúvidas e assegurar-lhe que, vindo do céu todas as suas visões, nada havia que temer.

Esse religioso foi por Deus escolhido entre os Padres da Companhia de Jesus, para recompensar esta Congregação dos serviços prestados à Igreja. Os Padres da Companhia tinham educado boa parte da juventude europeia, civilizado o Paraguai, evangelizado o Japão, derramado o seu sangue em mil regiões inóspitas, enriquecido a civilização de numerosas descobertas, posto um dique poderoso à heresia protestante e jansenista e embalsamado o mundo com o perfume das mais belas virtudes. Cláudio de la Colombière era enviado como superior da residência de Paray. Convidado a fazer uma conferencia às irmãs da Visitação, apenas Margarida o

divisou, pareceu-lhe ouvir estas palavras: «*É este o que eu te envio*». Parece que Deus revelara àquele Padre tudo o que se passava na alma da santa, porquanto na confissão lhe falou como se de há muito a conhecesse, apesar de nunca ter estado em Paray, nem em Lhautecourt.

Pouco tempo depois teve o Padre de la Colombière uma conferencia com Margarida, a qual lhe manifestou todas as graças de que o Senhor a cumulava, os juízos pouco favoráveis que recebera e a dúvida angustiosa de ser presa das astúcias do espírito maligno. O santo religioso assegurou-lhe que nada havia a temer no que ela praticava, uma vez que não se afastasse nem uma linha da voz da obediência; que devia seguir o espírito que a animava, entregando-lhe todo o seu ser, para se sacrificar e se imolar segundo a vontade dele. Admirou a grande bondade divina que não se cansava das suas resistências e exortou a apreciar os seus dons e a receber com respeito e humildade as frequentes comunicações e os tratamentos familiares com que a distinguiu, acrescentando que ela devia dar contínuas ações de graças a tão grande misericórdia. E tendo-lhe ela observado que o Divino Esposo a seguia tão de perto, sem exceção de tempo e de lugar, que ela não podia fazer oração vocal e com todos os seus esforços, não conseguia rezar o rosário, o iluminado religioso disse-lhe que não fizesse violência e se contentasse de rezar as orações vocais de pura obrigação. Estas palavras deram luz ao espírito de Margarida e restituíram-lhe a paz.

Entretanto aproximava-se o grande dia ia terceira visão. Até aqui a humilde donzela tinha recebido favores íntimos e Jesus lhe pedira práticas individuais; agora devia confiar-lhe a missão publica de tornar conhecido e amado o seu adorável Coração e conseguir que toda a Igreja, desde o Papa, que cinge a tiara suprema, até a humilde monja do claustro, desde o príncipe até o vassalo, viesse prostrar-se diante dele para lhe render homenagem.

Era durante a oitava do SS. Sacramento, a 16 de Junho de 1675. A santa estava ajoelhada com os olhos fitos no Tabernáculo. De repente apareceu-lhe Nosso Senhor sobre o altar e, mostrando-lhe o seu Divino Coração, disse-lhe: «*Eis aqui o Coração que tanto amou aos homens, nada poupando até definhar e consumir-se para dar testemunho do seu amor; e eu, neste mistério de amor, da maior parte dos homens só recebo ingratidões, irreverências e sacrilégios, friezas e despezos com que me afligem neste Sacramento de amor. E o que me é mais doloroso, acrescentou com um acento que calou profundamente no coração de Margarida, é que esses são corações, a mim consagrados*». Pediu-lhe, então Jesus que fizesse estabelecer na Igreja uma festa especial para honrar o seu Divino Coração. «*É por isso que te peço que na primeira sexta-feira depois da oitava do SS. Sacramento me seja dedicada uma festa particular para honrar o meu Coração, participando naquele dia da S. Comunhão,*e

fazendo honrosa emenda e reparação decorosa pelas indignidades que ele recebe. E eu te prometo que o meu Coração se dilatará para expandir com abundância as riquezas do seu amor sobre todos aqueles que lhe prestarem essa honra ou procurarem que por outrem lhe seja prestada». É esta a revelação mais célebre e que contem tudo o que concerne à devoção do Coração Divino de Jesus: o seu princípio, que nada mais é do que o amor infinito de Deus pelos homens; o seu objeto, que é o de oferecer um culto de reparação, de conforto e de honrosa emenda; o seu caráter, que é o de ser um culto público, prestado por toda a Igreja; por fim, os seus efeitos, que consistem numa nova efusão de amor divino na Igreja e mais particularmente nas almas pias que se tornarem propagadoras e apóstolos.

Esta revelação foi mais tranquila; produziu-lhe uma serena alegria e nenhuma das fortes emoções que caracterizaram as duas primeiras. A humilde donzela sentia-se recolhida, atenta, feliz; admirou-se unicamente da missão que lhe era confiada e perguntou a Jesus como deveria proceder. O Esposo Divino respondeu-lhe que fosse ter com o seu servo, o qual lhe tinha sido por Ele expressamente enviado.

O Venerável Padre de la Colombière, ouvindo a narração daquela visão maravilhosa, pediu-lhe que lh'a desse por escrito a fim de a estudar atentamente e meditá-la na oração e no recolhimento. Depois de maduro exame, iluminado pelo Céu, declarou à santa que aquela revelação vinha sem dúvida de Deus e que nela podia confiar. Tranquilizada pelas suas palavras, Margarida ajoelhou-se diante do Coração Divino e consagrou-se solenemente a Ele, prestando-Lhe por primeira uma das mais puras homenagens. O Venerável Padre de la Colombière uniu-se a ela consagrando-se também ao Coração de Jesus.

Era na sexta feira, 21 de Junho do 1675, o dia seguinte ao da oitava do Corpus Christi, exatamente o designado pelo Divino Salvador para se celebrar a festa em toda a cristandade. Assim recebia, na pessoa de um santo sacerdote e de uma humilde donzela, as primícias daquelas adorações, que a Santa Igreja inteira, de levante a poente e do setentrião ao meio dia, devia prestar-lhe dentro em breve. **Ó Coração dulcíssimo, templo augusto da SS. Trindade, fornalha ardente do supremo amor, límpida nascente de vida eterna, prostro-me eu também à tua presença e consagro-me inteiramente ao teu serviço, prometendo trazer a teus pés a quantos puder e tornar-te conhecido e amado por todos. Comunica, eu te suplico, ao meu coração uma centelha do teu amor ardente, para que ele se consuma em holocausto e só por Vós palpite. Quero viver ao sopro suave da tua devoção e morrer apertando o teu Coração contra o meu, dormindo o sono da morte sobre o teu peito adorável, à imitação do Discípulo Amado.**

Depois da santa Comunhão, Margarida foi arrebatada em espírito e viu o Divino Coração, sob a forma de uma fornalha ardente, a despedir chamas de todas as partes. Viu depois outros dois corações: o do padre de la Colombière e o seu, os quais iam unir-se e abismar-se naquelas chamas; ao mesmo tempo, ouvia-se: «*É assim que o meu santo amor une para sempre estes três corações*». Jesus acrescentou que queria que aqueles dois corações fossem, no seu Coração Divino, como irmão e irmã que repartem igualmente a herança de seu pai; precisamente assim, se tornariam participantes dos tesouros de graças que encontrariam na união com Ele.

Mais de dois séculos já se passaram desde aquele dia memorando; e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus espalhou-se por todo o mundo. Na primeira sexta-feira de cada mês a mesa eucarística enche-se de almas piedosas que desejam ressarcir o Coração Divino dos ultrajes e dos desprezos dos homens. Na noite de quinta para sexta-feira, numerosos cristãos, jovens esposos, mães de família, virgens consagradas a Deus, sacerdotes, levantam-se para sofrer com Ele e participar, na meditação e na penitência, das angústias do Getsemani. Por toda a parte na primeira sexta-feira depois da oitava do SS. Sacramento, o coração do mundo católico palpita de amor por Ele, oferece-Lhe flores e incenso e, no auge da alegria, contempla as doces maravilhas da sua grande caridade. Numa palavra, o Coração Divino vence, reina, triunfa sobre as indiferença dos homens.

CAPÍTULO XIX

Um segredo das obras divinas — O adeus do venerável P. de la Colombière — O Calvário de Margarida — A fotografia de Jesus crucificado.

Parque será que Deus confiava a uma humilde virgem, escondida no fundo de um mosteiro, numa vila quase ignorada, a difícil missão de tornar conhecido o seu Coração Divino? Não se sentava por ventura na cátedra episcopal de Meaux, aureolado de glória, Benigno Bossuet, o rei da eloquência francesa, a águia sublime que voava sobre os píncaros mais altos do pensamento humano? Se Deus lhe tivesse manifestado a nova devoção, ele em breve a teria defendido e propagado com a sua palavra eloquente, que comovia o cristianismo. Em Cambrai estava o douto e piedoso bispo Fénelon, o qual, conquanto não igualasse o gênio de Bossuet, era dotado de uma ternura de coração, alma pura, sentimentos nobres e elevados. Havia pouco, expirava placidamente no ósculo do Senhor o apóstolo da caridade, o pai dos pobres,

São Vicente de Paulo. Porque não confiava Deus a nova missão a esses grandes homens? A resposta é fácil: Deus queria triunfar com a fraqueza; servir-se de um instrumento pobre, para demonstrar que tudo provinha dele. É um desígnio que se encontra a cada página da história da Igreja e que o glorioso apóstolo São Paulo já explicou eloquentemente nas suas epístolas.

Entretanto Margarida era privada do seu único apoio. O Padre de la Colombière era mandado à Inglaterra, como capelão e confessor da duquesa de York, Maria de Modena, princesa católica, casada com o herdeiro presuntivo da coroa da Inglaterra. O santo sacerdote partia prontamente, como partem os soldados e os religiosos, depois de ter escrito um bilhete à santa, recomendando-lhe o abandono em Deus e a humildade. Margarida, iluminada por Deus de uma luz profética, respondeu-lhe, recomendando-lhe a coragem no meio das dificuldades, a doçura em face dos inimigos, a humildade nos acontecimentos. Veremos mais tarde a perseguição cruel e a prisão que teve de sofrer, vítima de uma tenebrosa maquinação dos protestantes ingleses. Margarida achou-se, portanto, só, à frente da sua difícil missão e teve medo. Mas Jesus lhe fez ouvir uma voz no fundo do coração: «*E não te basta o meu auxílio?*» Estas palavras consolaram e reanimaram a sua coragem. Antes, porém, de revelar ao mundo os mistérios do Coração Divino, traspassado pela lança, coroado de espinhos, encimado pela Cruz, devia experimentar em si mesma todas as angústias que Ele experimentou no Getsemani, no Pretório e nos píncaros sangrentos do Gólgota.

A alma de todo o cristão deve ser a imagem de Jesus, como o foi o sudário da Verônica; mas a alma dos santos deve recebê-la mais perfeita, mais sangrenta. Já vimos como, enchendo de delícias inefáveis a sua diletta esposa no noviciado e no dia da profissão, tinha-lhe anunciado uma cruz longínqua que, em dor e amargura, igualaria àquelas alegrias. Chegou a hora do Calvário de Margarida: a cruz os cravos, os espinhos, os açoites estão prontos para a crucifixão da santa. Cessam os esplendores do Tabor, sobrevêm a sombra ensanguentada do Gólgota, que a cobrirá por muito tempo. Longe de amedrontar-se e temer, a heróica virgem suspirou sempre pela hora da provação e da dor: Em breve ver-se-á satisfeita.

Começaram a aparecer dolorosos sofrimentos físicos. A pouca saúde que lhe restava desapareceu e começou a definhar rapidamente. Uma manhã, enquanto estava tirando água de um poço no meio do pátio, o balde cheio e já próximo à borda, escapou-lhe das mãos e caiu ao fundo com grande violência. O eixo, girando com toda a velocidade, atingiu com o cabo o rosto da infeliz Margarida, partindo-lhe muitos dentes e atirando-a ao chão coberta de sangue. Correram as irmãs aterradas, levantaram-na, transportaram-na para a enfermaria. Voltando a si a santa sorriu

suavemente para as companheiras, que, chorosas, ai a estavam tratando, satisfeita por poder participar das dores do seu celeste Esposo. Compreendeu então o significado da visão que tivera pouco antes. A santa Hóstia apareceu-lhe radiante como um sol e, através daquela luz, viu Nosso Senhor que tinha nas mãos uma coroa de espinhos. Pondo-lh'a na cabeça dizia: *«Minha filha, recebe esta coroa, precursora da que em breve te será dada, a fim de, por ela, te tornares semelhante a mim»*. De fato, a partir daquele dia, pareceu-lhe trazer a fronte apertada por uma cinta de ferro, a qual lhe causava tão horríveis dores de cabeça, que muitas vezes nem sequer podia apoiar a testa no travesseiro e conciliar o sono. Aquela heroína, porém, sentia-se feliz por viver conforme ao seu Esposo, coroado de espinhos. *«Confesso, dizia, que me sinto mais reconhecida ao meu soberano Mestre por esta preciosa coroa do que se me tivessem dado todos os diademas dos maiores monarcas da terra; e tanto mais, que ninguém m'a pode arrebatá-la. Esta coroa me coloca muitas vezes na feliz necessidade de velar e entreter-me com o único objeto do meu amor, não podendo reclinar a minha cabeça sobre o travesseiro, à imitação do meu Divino Mestre, o qual não podia apoiar a sua sobre o leito da cruz»*. Sentiu ao mesmo tempo redobrar aquela sede misteriosa de que já era devorada, sem que bebida alguma pudesse acalmá-la. Já dissemos que sentia em seu lado uma ferida misteriosa, como que aberta pela lança. Só lhe faltava, pois, a cruz para se assemelhar ao seu celeste Esposo: a sua cabeça estava cingida de Espinhos, o costado invisivelmente chagado, os lábios continuamente ressequidos pela sede. A cruz, colocou-lh'a sobre os ombros o Divino Salvador. Apareceu-lhe com o santo lenho na mão e disse-lhe: *«Recebe, filha, a cruz que eu te ofereço e enterra-a no teu coração: ela te fará sentir tormentos invisíveis aos homens, dolorosíssimos, ininterruptos»*.

A partir daquele dia a nossa santa tornou-se um como empório de dores e sofrimentos e cada um dos seus membros era assinalado pelo estigma de Jesus Cristo. Apesar da sua energia e da sede insaciável de sofrer, a cruz tornava-se-lhe às vezes tão pesada que sentia tentação de a depor. Nosso Senhor intervinha, então, em pessoa para lhe fazer sentir todas as agonias do Calvário. Um dia, entre outros, estando ela enferma, de cama, e procurando um alívio no mudar de posição, apareceu-lhe logo Jesus e disse-lhe com voz inefável: *«Quando eu carregava a cruz não mudava de ombro»*. Margarida no princípio do seu noviciado prostrara-se à presença de Deus e lhe oferecera o seu coração, como uma tela preparada, a fim de que Ele sobre ela gravasse a imagem do seu Divino Filho. A fotografia de Jesus martirizado era agora perfeita.

CAPÍTULO XX

*Novas tribulações — Porque tanta singularidade? — Dolorosa expiação pública —
O primeiro santuário do Sagrado Coração purificado.*

Margarida por sua parte procurava humilhar-se e rebaixar-se diante de todas as suas companheiras. Era sempre insaciável de desprezos aos quais chamava o seu pão cotidiano; sofria quando passava algum dia sem eles; dizia que de bom grado viveria até ao dia do juízo, contanto que todos os dias pudesse sofrer pelo seu Deus.

Para que fosse completa a crucifixão de Margarida, Nosso Senhor permitiu que do próprio interior do mosteiro lhe sobreviessem outras humilhações. Jesus fora abandonado pelos seus discípulos, traído por um deles, negado por aquele a quem Ele mais havia beneficiado, chegando a Elegê-lo chefe da sua Igreja. A nossa santa foi também mortificada e abandonada pelas suas companheiras.

A vida de Margarida tornava-se para as irmãs um enigma cada vez menos decifrável e as nuvens em vez de se dissiparem tornavam-se mais densas do que nunca. Exceto a Superiora, nenhuma delas conhecia as maravilhosas visões do Sagrado Coração, ao passo que todas observavam nela um teor de vida inteiramente singular. Prolongar as orações, levantar-se de noite, trabalhar de joelhos, longas conferências com o Padre de la Colombière e com a Superiora, eram coisas que suscitavam a admiração sem deixar nenhum esclarecimento. Acrescentem-se aqueles desmaios na Igreja que obrigavam as irmãs a carregá-la a peso; aquelas abstrações contínuas, aquela união intensa com Deus, a qual crescia cada vez mais, tornando-a incapaz para qualquer ofício e aquelas doenças mortais e curas instantâneas que os médicos não sabiam explicar.

Tinham-na empregado na enfermaria, mas com pouco resultado, conquanto fosse de uma bondade eximia, de um zelo a toda prova e na sua caridade praticasse atos heróicos para com as pobres enfermas. Tinham-na colocado como ajudante de cozinha, mas tiveram que dispensá-la, porque tudo caía das mãos. No pensionato das educandas, era ternamente amada pelas meninas, que lhe chamavam a santa e lhe cortavam os vestidos para relíquias; mas não sabia fazer de vigilante; a presença divina acompanhava-a por toda a parte e compenetrava-a de tal maneira que não podia prestar atenção alguma ao que se passava ao redor dela e, conquanto usasse de toda a energia para aplicar-se ao ofício que lhe fora confiado, nada conseguia.

Então as irmãs, diante de uma vida tão irregular, diziam: «*Porque será que a nossa irmã não procede como todas as outras?* » E como Margarida, confusa, não soubesse que responder, algumas diziam que era iludida, outras, que havia sugestionado o espírito da Superiora e o do Padre de la Colombière e os tinha induzido em erro. Algumas foram mais longe e expuseram a dúvida de que ela fosse invadida pelo espírito maligno e, assim, ao vê-la passar, borrifavam-na com água benta. Deus Nosso Senhor permitiu esta diversidade de juízos, como outr'ora permitiu a incredulidade de São Tomé, a fim de humilhar a nossa santa e dar depois maior luz às visões em torno do Sagrado Coração. Como, porém, essa contradição ocasionava faltas contra a caridade e pequenas murmurações, Nosso Senhor exigiu uma expiação que purificasse a comunidade.

Uma tarde Margarida arrasta-se a custo até ao refeitório, ajoelha-se no meio da sala, chorando copiosamente e, com o semblante alterado, tenta em vão falar e não consegue dizer senão: «*Meu Deus, meu Deus, tende piedade de mim*». As irmãs não compreendendo o que dizia, levaram-na, amparando-a, à Superiora que estava de cama; esta ordenou-lhe em nome da obediência que lhe dissesse o que tinha. Margarida, contou-lhe, então, que Deus estava descontente com a comunidade; que resolvera castigá-la a não ser que ela, Margarida, se oferecesse vítima em seu lugar e sofresse os castigos que lhe estavam preparados ; que se espantara diante daquelas humilhações e daqueles sofrimentos, mas por fim concordara e fora ao refeitório para tornar público, diante de todas, o sacrifício que Deus exigia pelos pecados da casa; que as palavras vieram a faltar-lhe e ela desmaiara sob o olhar irritado de Deus. Tudo isto foi dito pela santa entre lágrimas e soluços e com voz de causar dó.

A Superiora que já conhecia as grandes revelações do Sagrado Coração, compreendeu que Deus queria a comunidade toda pura e santa, antes de se tornar o primeiro santuário da nossa devoção. Mandou, pois, dizer a todas as irmãs que Deus não estava contente com o procedimento delas e que era preciso aplacá-lo pela penitência; impô-lhes algumas expiações, que todas seguiram fielmente.

No dia seguinte à hora da Comunhão, Margarida ouviu Nosso Senhor dizer-lhe: «*A paz está concluída, minha filha, e satisfeita a santidade da minha justiça*». O templo estava purificado e tornara-se digno de ser o primeiro Santuário do Sagrado Coração de Jesus.

CAPÍTULO XXI

A nova Superiora — Os milagres da obediência — O calvário do Venerável Padre de Ia Colombière — Novamente em Paray.

Este grande ato foi o último da Superiora Saumaise : ela terminava os seis anos da sua direção e cedia o lugar à Madre Rosalia Greyfié, religiosa de Annecy. S. Francisco de Sales determinara que depois de seis anos a Diretora dos mosteiros deixasse o cargo e, unindo-se às outras irmãs, continuasse a obedecer, depois de ter mandado. A nova Superiora concentrou logo a sua atenção sobre Margarida e, conhecendo-a destinada por Deus a uma sublime santidade, propôs-se ajudar quanto cabia em si a obra da graça, fazendo-lhe praticar atos heróicos de virtude. Mostrou de propósito não fazer nenhum caso das coisas extraordinárias que se realizavam nela e procurou nivelá-la com as outras irmãs. Para a conservar humilde, procurava abaixá-la com repreensões, mesmo na presença de outrem; mas a santa sempre a precedia, atribuindo-se a culpa, dizendo que era a causa de todos os males da comunidade, chamando-se grande pecadora, indigna de viver com suas irmãs e pedindo permissão para fazer penitência a fim de satisfazer à Divina Justiça.

Se lhe permitissem, ter-se-ia massacrado com as disciplinas e cilícios, jejuns e vigílias, a fim de aplacar a Deus pelas suas culpas. Para pôr à prova a sua obediência, a superiora retirou-lhe todas as concessões e, por algum tempo, até mesmo a hora santa da quinta e sexta-feira.

Deus demonstrou com um milagre, que se tornou célebre, o quanto lhe seja caro o sacrifício da vontade nas coisas mais repugnantes. Margarida achava-se de cama ardendo em febre, na véspera dos exercícios anuais. A Madre Superiora foi vê-la e mandou se levantasse e fizesse o retiro com as outras irmãs, sem omitir nenhuma das práticas de piedade. Coisa admirável! A obediente donzela abandonou imediatamente o leito, completou os exercícios, durante os quais Jesus a encheu de inefáveis delícias e saiu dele tão bem animada e com tanta saúde que despertou a admiração de toda a comunidade.

Outra vez Margarida, convalescente de uma grave enfermidade, ainda estava de cama. A Superiora, cheia de confiança em Deus, o qual prima a obediência, ordenou que deixasse a enfermaria e fosse à Igreja pedir a saúde, com fervor e insistência, para não ser de peso à religião e poder seguir todos os exercícios da comunidade durante cinco meses. O milagre pedido foi instantâneo e esplendido. Mais: foi duplo.

Margarida alcançou imediatamente o perfeito restabelecimento da saúde e conservou-se assim pelo espaço de cinco meses ininterruptos, durante os quais pôde seguir todos os atos da comunidade. Apenas expirou o prazo e precisamente à mesma hora em que ele começara, caiu num estado de gravíssimos sofrimentos, parecendo que todas as dores se concentrassem na sua pessoa, para a fazer sofrer. Todas as irmãs admiraram a rapidez da cura e a precisão da recaída.

É impossível descrever os progressos que fazia Margarida no meio das provas às quais a submetia a sua sábia e prudente diretora. Sábia diretora, disse eu, e de indústria, porque ao passo que humilhava e experimentava a irmã confiada aos seus cuidados, sabia humilhar-se antes a si mesma: ordenava a Margarida que rezasse todos os dias pela sua conversão e pedisse a Deus a graça da penitência final, pois julgava-se grande pecadora.

Entretanto o Venerável Padre de la Colombière subia ao seu calvário para ser aí crucificado, como já lhe havia deixado entrever Margarida ao dar-lhe o último adeus em Paray. Os protestantes haviam tramado uma grande conspiração, envolvendo a todos os católicos que habitavam o palácio da Duquesa de York; e o nosso santo religioso foi preso e posto na prisão, onde ficou um mês inteiro. Foi depois obrigado a assistir ao extremo suplício de quatro dos seus irmãos jesuítas, os quais foram barbaramente executados diante dos seus olhos. Não ousando tocar na sua pessoa, por ser francês, condenaram-no ao exílio absoluto e foi levado num navio até às costas da França. Assim lhe fugia das mãos a palma do martírio. A umidade da prisão, a comoção experimentada ao assistir o suplício de seus irmãos, a dor que lhe causou a perseguição movida contra a Igreja Católica inglesa, arruinaram-lhe a saúde e o arrastaram rapidamente para o túmulo.

Quando voltou a Paray foi acolhido como um invicto campeão da fé e com aquela veneração com que os primeiros cristãos honravam os confessores, escapos ao cutelo do algoz. Na sua frente resplandecia de fato a auréola da santidade; e todos notavam que as tribulações lhe haviam enfraquecido o corpo, mas fortificado o espírito, tornando-o belo, de uma beleza celeste. Teve muitas conferências com a Madre Superiora e assegurou-lhe que as visões de Margarida vinham de Deus, aduzindo como provas a sua humildade, amor aos desprezos e à cruz, caracteres, esses, do divino espírito. Tornou também a ver a santa e encontrou-a bastante adiantada no caminho da perfeição, graças às provações a que a submetia a sábia diretora. Esta é, de fato, a característica do verdadeiro amor: crescer e incendiar-se em face das contradições, à semelhança do fogo que o rijo sopro do vento só consegue aumentar.

CAPÍTULO XXII

Testamento de Margarida firmado com o seu próprio sangue — O adorável nome de Jesus gravado no coração — Severo castigo de uma leve desobediência — Santa morte do Venerável Padre de la Colombière.

Nossa santa sentia crescer desmedidamente o seu amor a Deus e ao Sagrado Coração. Não contente com as humilhações, desprezos e sofrimentos, escreveu uma doação total de todo o seu ser, entregando a Nosso Senhor para fazer o uso que lhe aprouvesse, as suas orações, os seus sofrimentos, os seus méritos e até os sufrágios e as missas que lhe oferecessem depois da sua morte. Era uma espécie de testamento, ditado pelo amor heróico generoso, imenso, que votava ao seu Esposo celeste. Foi ter com a Superiora e pediu que lhe servisse de notário e lhe pusesse a firma. Vendo-se atendida, criou animo para lhe pedir outro favor: permitisse firmar também aquele escrito com o seu próprio sangue.

Recebida a licença, correu logo à sua cela, descobriu o peito e, lembrando-se da Santa Madre de Chantal, gravou sobre o coração, com afiado canivete o nome sacrossanto de Jesus. (1) Com o sangue vivo que esguichou da ferida, escreveu em baixo do testamento estas palavras: «*Soror Maria, discípula do Divino Coração do Adorável Jesus*».

Nosso Senhor mostrou-se satisfeito com aquela total doação e disse-lhe que Ele poria à sua disposição as inexauríveis riquezas do seu Coração Divino, por se ter ela despojado de tudo pelo seu amor; torná-la-ia herdeira das suas graças e considerá-la-ia a sua discípula predileta. Proferiu também palavras de aprovação pela Superiora prometendo conceder-lhe a mesma graça que a Santa Clara de Monte Falco, isto é, que acrescentaria às ações dela o merecimento infinito das suas e que, pelo amor que manifestara ao seu Sagrado Coração, ter-lhe-ia concedido idêntica coroa. Margarida experimentava imensa consolação no amor terno que dedicava à sua diretora, pois que esta lhe alimentava a alma com o pão delicioso das mortificações e das humilhações. Entretanto o nome de Jesus que gravara no peito, ia aos poucos desaparecendo. A generosa donzela, desejando-o permanente como o seu amor e

(1) Estes atos extraordinários são mais para se admirarem do que para se imitarem; e se alguém se sentisse inclinado a praticá-los, deveria absolutamente consultar antes o guia da sua consciência.

baseando-se na permissão que obtivera, tornou a gravá-lo a canivete e depois com ferro em brasa. Fê-lo, porém, com tanto arrojo que, julgando haver excedido os limites da obediência correu a prostrar-se aos pés da Superiora, e confessou-lhe a falta com muitas lágrimas.

Fiel ao seu costume de dar em aparência pouca importância ao que ela lhe dizia, a diretora ordenou-lhe sem mais que fosse ter com a enfermeira para tratar da ferida. A nossa santa não esperava por aquela humilhação. Devia então dar a conhecer a uma simples irmã os santos arroubos do seu amor? Correu à Capela e com um dilúvio de lágrimas, pediu ao seu Divino Esposo que lhe servisse de médico compassivo e a fizesse sarar daquele mal que ela mesma, por seu amor, havia provocado. Nosso Senhor, comovido, prometeu que sararia no dia seguinte. Desapareceram de fato os traços de sangue, e da ferida, ficaram apenas as largas cicatrizes.

A Superiora, entretanto, preocupada muito mais do que deixava transparecer, mandara uma irmã colher informações sobre o fato, com ordem de trazer-lhe depois relação minuciosa. Esta foi ter com Margarida e pediu que lhe deixasse ver a ferida; ela, sentindo-se curada, julgou-se dispensada de obedecer e agradeceu afetosamente a irmã que viera vê-la. Não era assim, porém, que entendia a Superiora. Certificando-se da recusa, foi ter pessoalmente com Margarida; repreendeu-a severamente pela sua desobediência, privou-a por castigo da Comunhão aquele dia e ordenou-lhe que mostrasse a ferida à irmã. Esta verificou de fato a cura e pode ainda ver as gloriosas cicatrizes. Mas a severidade usada pela Diretoria foi um nada em comparação da que usou Nosso Senhor. Apareceu-lhe com o semblante irritado; repreendeu-a da sua falta e durante cinco dias não lhe permitiu que levantasse, por um instante sequer, o olhar para o seu Coração adorável e disse-lhe que, por castigo, deixaria de ser visível a impressão do seu nome sobre o seu coração. De fato, depois da sua morte aquela mesma irmã quis observar se as profundas cicatrizes, vistas naquele dia por ordem da Superiora, ainda existissem, mas já não as encontrou.

Entretanto o Padre de la Colombière chegava ao termo da sua gloriosa jornada. A sua missão estava terminada; ele podia cantar o *Nunc dimittis*. Deus Nosso Senhor o suscitara para confirmar, com a sua autoridade, as relações da nossa santa, defendê-la das suspeitas de ilusão e fazer conhecer o Sacratíssimo Coração de Jesus.

Nos últimos dias os médicos o aconselharam a voltar à sua terra natal, esperando que essa mudança de ar lhe trouxesse melhoras, mas a santa lhe havia escrito um bilhete, dizendo-lhe que Jesus queria que consumasse o sacrifício da sua vida em Paray. No dia 15 de Fevereiro de 1682 voava ao Céu para receber o eterno amplexo de Deus e

contemplar sem véu o Coração de Jesus que tanto amara e glorificara durante a sua vida.

Margarida soube por uma revelação que ele foi privado da vista de Deus até ao momento em que o seu corpo desceu à sepultura, para expiar uma pequena negligência no exercício do divino amor.

Não foi esta a única visão que teve Margarida da glória do seu Venerável Diretor. Outra vez Deus lhe mostrou o Padre de la Colombière entre os resplendores dos santos e fez-lhe conhecer a dupla missão que confiava à Ordem da Visitação e à Companhia de Jesus, relativamente ao Coração adorável do seu Filho. A Ordem da Visitação, fundada pelo santo da doçura, Francisco de Sales, devia ser a depositaria de Sagrado Coração, mestre de mansidão e humildade; e os padres da Companhia de Jesus deviam ser os seus doutores, defensores e apóstolos. (1)

(1) O Padre de la Colombière já foi proclamado Venerável. Fazemos votos para que em breve a sua fronte augusta receba a auréola dos bem-aventurados. Esta glorificação lançará um novo esplendor sobre a nossa dulcíssima santa e sobre a devoção ao Coração Divino. Os leitores podem apressá-la com as suas orações.

CAPÍTULO XXIII

Margarida mestra das noviças — Santos ensinamentos — As homenagens dos serafins ao Divino Coração — A primeira imagem do Sagrado Coração.

A Superiora Rosália Greyfiè terminára os seis anos do seu cargo e partira, passando o governo à Madre Maria Christina Melin, eleita entre as próprias irmãs do Paray. Era a amiga íntima da nossa santa que ela muito bem havia compreendido e de cujas devoções participava inteiramente; pelo que, apenas teve na mão as rédeas do governo, elegeu-a mestra das noviças.

O Noviciado era composto de sete ou oito jovens ávidas de perfeição e dignas de ter por mestra uma santa, que Deus enriquecera com tantos dons. Margarida comunicalhes o fogo do amor divino que transbordava o seu coração, animava-as com a sua ardente palavra e entusiasmava-as para a virtude com os seus luminosos exemplos. Os atos, mais heróicos da perfeição religiosa tornavam-se fáceis sob o encanto da sua

santidade. Explicava as regras do Instituto com uma unção celeste que parecia sair do próprio coração de Deus e com um tom que dissipava todas as dificuldades.

O seu assunto predileto era o amor que Deus nos tem e o quanto Ele merece ser amado pelos homens. Quando discorria sobre este tema, inflamava-se-lhe o semblante; as lágrimas brotavam-lhe dos olhos e sufocavam-lhe a palavra.

Começou a falar-lhes do Sagrado Coração, da sua beleza soberana, dos tesouros de graças que expande sobre aqueles que o amam e o honram; nada disse, porém, das maravilhosas revelações que tivera.

Jesus, entretanto continuava a aparecer-lhe a instruí-la sobre a nova devoção. *«Uma vez, diz ela, o Coração Divino representou-se-me como um trono de fogo mais radiante do que o sol e transparente como um cristal; circundavo-O a coroa de espinhos e encimava-O a cruz, aparecendo visivelmente a chaga. Nosso Senhor me assegurou que tinha particular prazer em ser honrado sob a figura deste Coração de carne, cuja imagem queria fosse exposta em público, a fim de tocar os corações insensíveis dos homens. Prometeu-me o mesmo Senhor derramar com abundância sobre os que O honrassem todos os tesouros das suas graças. Sobre qualquer lugar em que o seu Coração estiver exposto, Ele fará afluir toda a sorte de bênção».*

Outra vez teve uma revelação ainda mais luminosa. Para excitá-la a pedir com mais insistência as orações dos homens, Deus fê-la contemplar as adorações dos Anjos. *«Um dia, conta ela, em que trabalhávamos juntas no cânhamo, retirei-me a um canto para me colocar mais perto do SS. Sacramento. O meu Deus me favoreceu ali com graças muito assinaladas. Enquanto trabalhava, senti-me toda concentrada e recolhida interna e externamente. O Coração adorável do meu Jesus foi-me apresentado mais fulgido que o sol. Estava, no meio das chamas do seu puro amor, rodeado de Serafins a cantar com admirável harmonia: «O amor ao Coração de Jesus triunfa». Estes espíritos bem-aventurados convidaram-me a unir-me a eles, para louvar a este Coração amável; eu, porém, não ousava fazê-lo. Disseram-me que tinham vindo expressamente para se associarem comigo, a fim de juntos Lhe rendermos uma continua homenagem de amor, de oração, de louvor. Ao mesmo tempo inscreveram esta associação no próprio Coração de Jesus com letras de ouro e caracteres de amor inefável. Esta assinalada graça durou de duas a três horas e eu senti-lhe os efeitos por toda a minha vida; tanto pelos auxílios que recebi, como pelas delícias que me fez experimentar e que sempre se reproduziram em mim. Eu ficava toda aniquilada de confusão. De então em diante, quando invocava os Anjos, sempre lhes dava o nome de «meus divinos advogados». (1)*

(1) *Dessa visão nasceu a ideia da Guarda de Honra ao Sagrado Coração de Jesus, prática que deveria ser seguida por todos os fiéis. Todo o associado escolhe uma das horas do dia para dedicá-la de um modo especial ao Coração Divino. Durante essa hora, em união a um coro de Anjos, faz-se-Lhe os protestos de amor, louvor e reparação. Pode-se também cumprir essa prática durante o trabalho ou o estudo, oferecendo-Lhe em homenagem aquelas ações e elevando o mais possível até Ele a nossa mente, por meio de fervorosas jaculatórias.*

Na primeira sexta-feira do mês Margarida tinha sempre uma visão maravilhosa. «*Todas as primeiras sexta-feiras do mês, diz Ela, o Sagrado Coração de Jesus me era representado como um sol fulgurante de viva luz, cujos raios incidiam sobre o meu coração, fazendo-o arder de um fogo tão intenso que me parecia que ele ficaria reduzido à cinza*».

Muitas vezes o Coração Divino lhe aparecia como uma fornalha ardente, como um incêndio de amor ou como um abismo, onde nos deveríamos imergir, se quiséssemos ser regenerados. *Eu contemplava almas frias geladas que, em se aproximando d'Ele, se iluminavam e inflamavam, acabando por perder-se n'Ele como uma fagulha num braseiro.*

Outras vezes o Coração de Jesus lhe aparecia como a sede do sacrifício e da imolação, todo pisado e lacerado pelas pancadas e pelas feridas, coroado de pungentes espinhos que o atormentavam com tanta violência que o sangue corria a torrentes. Aqueles espinhos cruéis eram os pecados dos homens e principalmente os das pessoas a Ele consagradas. Animada por estas visões, Margarida entusiasmava cada vez mais as noviças na devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Uma circunstância veio concorrer para tornar publicamente conhecidas as suas revelações maravilhosas. Os irmãos de hábito do Padre de la Colombière acharam depois da sua morte algumas páginas escritas por ele nos exercícios espirituais, saturadas de tal perfume de santidade que decidiram publicá-las a benefício das almas devotas. O Venerável Sacerdote, entre outras coisas, falava da nova devoção ao Sagrado Coração de Jesus e das revelações feitas a uma santa religiosa. Recomendava estas revelações a todos os cristãos. A obrinha impressa entrou no mosteiro da Visitação e fez conhecer as suaves harmonias que uniram Margarida ao Coração Divino. A partir daquele dia a nossa santa foi mais corajosa nas suas narrações e na primeira sexta-feira depois da oitava do SS. Sacramento animou-se a expor a imagem do Sagrado Coração, feita a bico de pena, no altar do noviciado. Esta primeira efígie conserva-se hoje religiosamente no mosteiro da Visitação de Turim. O coração está circundado pela coroa de espinhos e encimado pela cruz. Não sabendo como representar o amor que tudo consumia, figurou-O na abertura da lança e escreveu-lhe

no meio — caridade. Ao redor da coroa lê-se : «*Jesus, José, Maria, Joaquim, Anna*». Ignora-se se esta efígie foi feita pela mestra ou por alguma noviça; mas é mais provável que tenha saído da pena de Margarida.

É assim que o Coração Divino, o qual por espaço de quinze séculos se conservara oculto no peito de Jesus, saía á luz agora e se mostrava sobre o Altar para promover as homenagens dos homens.

CAPÍTULO XXIV

O onomástico de Margarida — Um dia de paraíso — A primeira festa do Coração Divino — O ardor do Apostolado — A primeira imagem a óleo — Consagração de todo o mosteiro de Paray.

Aproximava-se o dia 20 de Julho, onomástico de Margarida e as noviças combinaram preparar-lhe uma bela festa para honrar a sua Diretora. Tendo percebido os preparativos, a santa pediu-lhes que todas as homenagens se dirigissem ao Sagrado Coração de Jesus. As boas noviças compreenderam imediatamente o que a sua Mestra desejava e empenharam-se com todo o ardor juvenil para a satisfazer. Transformaram em pequeno oratório uma salinha, forrando-lhe as paredes de flores, de estrelas e corações inflamados. Levantaram um altar, ornaram-no de rosas e lírios e no meio colocaram a imagem do Coração de Jesus, devoção já introduzida no Noviciado pela sua Mestra. Nestes trabalhos passaram boa parte da noite; de manhã, depois de tudo terminado, foram chamar. Margarida.

É impossível descrever a surpresa e a alegria da santa. Agradeceu às noviças com a maior efusão de afeto e falou-lhes sobre o Coração de Jesus com os ardores de um serafim. Em seguida prostrou-se diante do altar e consagrou-se publicamente ao Sagrado Coração; depois dela, as noviças, uma a uma, fizeram outro tanto, repetindo as mesmas palavras da Mestra. Os corações de todas aquelas piedosas virgens transbordaram de alegria e passaram momentos de paraíso Margarida convidou-as depois a se retirarem na solidão e a escreverem os sentimentos de que se sentiam animadas. Passou-se assim a manhã nas mais suaves emoções do amor celeste.

Depois da refeição, Margarida reuniu-as novamente ao redor do altar; o seu rosto estava todo radiante e deixava transparecer a beleza e o ardor da sua alma seráfica. No entusiasmo do seu amor, ela quisera impelir toda a comunidade a prestar

homenagem ao Divino Coração. Uma das noviças ao ouvir aquele desejo, foi logo ter com as irmãs que passeavam no jardim; narrou-lhes o que acontecera no Noviciado e convidou-as a virem prostrar-se diante da imagem do Sagrado Coração e levar, assim, ao auge, a alegria da amada Diretora. Mas aquelas religiosas recusaram; as mais fervorosas foram as que se mostraram mais contrárias alegando que as regras proibiam introduzir novas práticas de piedade no mosteiro. A noviça voltou; e, para não perturbar a festa, disse que as outras irmãs não podiam vir. *«Dizei antes, replicou vivamente a santa, que elas não querem vir; mas o Sagrado Coração bem saberá atraí-las e fazer que se tornem as suas mais fervorosas adoradoras»*. Foi o que de fato aconteceu mais tarde. O resto do dia passou-se no meio de uma paz e de um recolhimento profundo. Aquele Divino Coração, adorado publicamente pela primeira vez, parecia refletir um raio da sua glória sobre a fronte de cada uma e principalmente da santa, que tinha a aparência de um bem-aventurado. É que ela, iluminada por uma luz profética, via que aquela pequena adoração do Noviciado havia de crescer como gigante, tornar-se universal e perpétua, estender-se por toda a terra, afervorar a piedade dos fiéis e dar a Deus uma glória nova. A prudente Superiora, para evitar qualquer atrito, recomendou a Margarida começasse por propagar a devoção ao Coração de Jesus entre as noviças e fora do mosteiro; mas que se abstinhasse por enquanto de fazer alguma tentativa entre as outras irmãs.

Soou a hora do apostolado; Margarida já não pôde conter o fogo que lhe arde no peito e vê-se obrigada a expandi-lo e a publicar as invenções amorosas do Divino Coração. Ela, que era tão amante do esquecimento e desejava a sepultassem num eterno olvido, escreve agora cartas admiráveis nas quais transfunde todo o ardor do seu coração seráfico. *«Parece-me que já não vivo senão para o aumento da devoção ao Sagrado Coração de Jesus; às vezes se acende no meu espírito um desejo tão ardente de fazê-lo triunfar em todos os corações, que não há tormento que não esteja pronta a sofrer para alcançar esse fim. As próprias penas do inferno, sem o pecado, ser-me-iam suaves»*. Assim escrevia à Madre Greyfié, a qual, depois de ter deixado Paray, fora eleita Superiora do mosteiro de Semur, a fim de animá-la a propagar a devoção ao Coração de Jesus. Pouco depois escrevia à mesma irmã: *«Eu não saberia ocupar-me de outra coisa mais do que do Sagrado Coração do meu Jesus; morreria contente, se pudesse proporcionar-lhe alguma honra, muito embora me custasse uma pena eterna. Para mim basta que Ele seja amado e que triunfe»*. E à Madre de Saumaise: *«A vida é para mim uma cruz muito pesada; a minha única consolação nesta terra é de ver reinar o Coração do meu Salvador; não há coisa que, pelo seu amor, eu não esteja disposta a sofrer»*.

Para impressionar mais os olhares, cuidou em mandar pintar uma imagem por algum hábil artista, depois que a viu confirmada por uma visão. Jesus apareceu-lhe e disse-
<http://alexandriacatolica.blogspot.com>

Ihe «*que todos aqueles que forem devotos do seu Coração, não hão de perecer e que, sendo Ele o manancial de todas as bênçãos, as derramaria com abundância por sobre todos os lugares onde fosse exposta e honrada a sua imagem; que reuniria por este meio as famílias separadas; que protegeria aqueles que estivessem em alguma necessidade e concederia uma graça especial de salvação e de santidade à primeira pessoa que mandasse fazer a imagem do seu Divino Coração. A Madre Greyfié foi a que teve felicidade de acolher esta bênção prometida. As replicadas instâncias de Margarida, fez executar um quadro a óleo representando o Sagrado Coração de Jesus. Colocou sobre o altar um pequeno oratório e a Ele se consagrou solenemente a si mesma e a toda a comunidade. Mandou depois tirar uma cópia do ato e enviou-a, juntamente com uma dúzia de pequenas imagens a bico de pena, à nossa santa, a qual não pode conter a sua alegria e imediatamente lhe escreveu agradecendo e assegurando-lhe que o seu mosteiro tornára-se caro a Deus e objeto da sua complacência.*

A notícia do que fizera a Madre Greyfié acabou por conquistar todas as irmãs de Paray, as quais até então tinham sido adversas à nova devoção. A mais rebelde de todas, na sexta-feira depois da oitava de Corpus Christi, levantou um altar e nele colocou a imagem do Sagrado Coração, convidando todas as companheiras a prostrar-se e consagrar-se solenemente a Ele.

O mosteiro unânime prestou-lhe homenagem e, cheio de entusiasmo, votou a confecção de um grande e belo quadro e a construção de uma Capela onde se expusesse o Sagrado Coração. Aquela mesma irmã, como para reparar a oposição que fizera, pediu que lhe confiassem a ela esse encargo. Margarida considerava-se a mais feliz criatura mortal.

CAPÍTULO XXV

Livro, ofício, missa em honra do Coração de Jesus — Festa pública na diocese do Dijon — Maravilhosas promessas aos devotos do Sagrado Coração — Um penhor da gloria eterna.

A partir daquele dia, a devoção ao Sagrado Coração começou a propagar-se e a triunfar em muitos lugares. Margarida multiplicava a sua atividade para escrever cartas aos mosteiros da Visitação e excitar todas as irmãs a propagar o novo culto.

O Coração dulcíssimo de Jesus elevava-se radiante de luz divina, no horizonte da Igreja para alumiar e aquecer a caridade das almas. Uma irmã do mosteiro de Dijon, Magdalena Joly, escreveu um opúsculo para explicar a imagem e o significado da coroa, da cruz e da chaga. Outra irmã do claustro de Moulins compôs um pequeno livro sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, inserindo nele orações e atos de consagração, compostos pela nossa santa. Estas obrinhas, impressas aos milhares, foram colocadas nas diversas livrarias e todos porfiavam em adquirir algum exemplar.

Os mosteiros da Visitação, esparsos por toda a Igreja, tornaram-se outros tantos focos irradiantes da nova devoção, que difundiam pelas cidades e pelas aldeias. Em breve foi publicado um pequeno ofício do Sagrado Coração, perfumado pela mais terna piedade, composto por um religioso da Companhia de Jesus, ao qual, pelas suas extraordinárias virtudes, Margarida chamava um segundo Padre de la Colombière.

Bem depressa se lhe seguiram os altares e as capelas. O primeiro de todos os oratórios foi o do mosteiro de Paray, votado unanimemente no dia memorando em que a comunidade se prostrou para se consagrar solenemente ao Coração Divino. Ele foi terminado a 7 de Setembro de 1668 e dedicado com soleníssima pompa. Concorreram todos os curas das aldeias próximas e uma multidão extraordinária de povo, que, saído da Igreja paroquial, se dirigiu processionalmente ao mosteiro.

Durante as duas horas que durou a função, Margarida, humilde e feliz, manteve-se de joelhos na capela, arrebatada de tal maneira e abismada em Deus que as pessoas que lhe desejavam falar, nem se atreviam a chamá-la. Contemplava o triunfo do seu doce Esposo, amava-O, felicitava-O e perdia-se na fornalha ardente do seu amor.

Não passou muito tempo que se erigisse em Paris uma Congregação sob o título do Sagrado Coração; depois outras e mais outras.

Ao culto íntimo e privado, seguiu-se o culto publico. A Madre Magdalena Joly, que escreveu o primeiro opúsculo, teve também a feliz ideia de compor uma missa; mandaram-na traduzir em latim pelo Padre capelão e enviaram-na ao bispo de Langres, suplicando-lhe a aprovasse e lhe autorizasse a celebração pública no mosteiro. O piedoso prelado acedeu ao pedido com muito prazer e o Santo sacrifício foi oferecido solenemente em honra do Divino Coração. Era já muito; mas não bastava ainda à ardente piedade das boas irmãs.

Alcançada a aprovação do bispo, pensaram em obter a do Papa. Mandaram um exemplar da missa à Superiora do mosteiro da Visitação de Roma, com insistente súplica de a comunicar ao cardeal Cibo, para que ele conseguisse a aprovação do

Sumo Pontífice e pedisse também a licença de celebrar em toda a Igreja a festa em honra do Sagrado Coração de Jesus. A alma de todas essas iniciativas, era Margarida, a qual, com as suas cartas, ateara em todos os corações com que conseguia comunicar-se, o fogo do amor e da devoção.

A resposta de Roma tardou a chegar, porque a Santa Sé procede sempre com grande prudência e madureza de juízo; as suas decisões são oráculos inspirados pela oração e pelas luzes do Divino Espírito Santo. Finalmente o Cardeal Cibo respondeu que o Santo Padre não julgava ainda chegada a hora de estender a sua aprovação a toda a Igreja e que convinha antes conseguir do ordinário a licença de estabelecer aquela festa publicamente na diocese. A Madre de Saumaise e a irmã Joly dirigiram-se, pois, ao virtuoso bispo de Langres e obtiveram a autorização de poder celebrar a festa em toda a diocese de Dijon. Recebido o decreto, o mosteiro de Dijon preparou-se para uma solene glorificação ao Coração Divino. Impacientes em esperar a sexta-feira depois da oitava de Corpus Christi, celebraram no entretanto uma festa íntima de família na primeira sexta-feira de Fevereiro de 1689, com a missa em sua honra e consagração de toda a comunidade e diversos atos de reparação.

Raiou finalmente o dia da solenidade; o cabido da Santa Capela dirigiu-se processionalmente à Igreja da Visitação e cantou-se a missa em honra do Coração de Jesus. O Santo Sacramento foi exposto durante todo o dia com um concurso enorme de nobreza e de povo. Foi um dia de paraíso, fecundo das mais doces emoções para o mosteiro e para a cidade. Margarida, ao ouvir estas notícias, chorava de alegria, exclamando que morreria contente agora, por ver assim glorificado e publicamente triunfante o Divino Coração do seu celeste Esposo.

Os religiosos de todas as ordens mostravam-se os mais entusiastas pela nova devoção e porfiavam em levantar altares e oratórios. Tinham razão. Jesus prometera que as pessoas religiosas tirariam daquela devoção tantos auxílios, que nenhum outro meio seria preciso para restabelecer o primitivo fervor e a mais exata observância nas comunidades, ainda as menos observantes e maior perfeição nas que já o fossem.

Os missionários e os pregadores porfiavam em propagar as imagens e o culto ao Sagrado Coração, pois o Redentor tinha assegurado que aqueles, que se dedicassem à salvação das almas, alcançariam a arte de mover os corações mais endurecidos e que, se eles próprios fossem animados de uma terna devoção ao seu Coração adorável, Ele coroaria os seus trabalhos de um êxito maravilhoso.

Margarida para animar a todos narra nas suas cartas as promessas admiráveis de Nosso Senhor nas aparições com que a favorecia. Estas promessas são tão grandes e tão ricas, que nos afeioam ao novo culto. E notemos que os homens prometem muito

e atendem pouco, ao passo que Deus cumpre fielmente as suas palavras e vai quase sempre muito além das suas promessas, porque os tesouros do seu amor são inexauríveis, à semelhança do oceano, que não se abaixa por mais água que dele se tire.

Se formos, pois, ternamente devotos do Divino Coração, receberemos todas essas graças maravilhosas e ainda maiores em proporção do nosso fervor. Ei-las aqui todas enumeradas:

- 1. Conceder-lhes-ei todas as graças necessárias ao estado em que viverem;**
- 2. Darei a paz às suas famílias;**
- 3. Consolá-los-ei nas aflições;**
- 4. Ser-lhes-ei refúgio em vida, especialmente na hora da morte;**
- 5. Derramarei copiosas bênçãos sobre suas empresas;**
- 6. Os pecadores acharão no meu Coração a origem e o oceano infinito das misericórdias;**
- 7. Os tíbios tornar-se-ão fervorosos;**
- 8. Os fervorosos subirão em breve a grande perfeição;**
- 9. Abençoarei aqueles lugares em que for exposta e honrada a imagem do meu Coração;**
- 10. Darei aos sacerdotes a força de mover os corações mais endurecidos;**
- 11. O nome daqueles que propagarem esta devoção será escrito no meu Coração e dele jamais será cancelado;**
- 12. No extremo da misericórdia do meu Coração onipotente, concederei a todos aqueles que comungarem as primeiras sextas-feiras de cada mês, durante nove meses consecutivos, a graça do arrependimento final; pelo que, eles não morrerão sem a minha graça e sem receber os SS. Sacramentos; o meu Coração naquela hora extrema ser-lhes-á seguro abrigo.**

Por aqui se vê claramente que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus destina-se a todas as classes de pessoas: almas fervorosas ou pecadoras, sacerdotes, seculares, religiosos, todos, enfim.

A promessa mais bela e mais importante é a última; ela comove profundamente o coração dos devotos. Qual de nós não tremeu porventura diante do pensamento <http://alexandriacatolica.blogspot.com>

terrível da nossa sorte na eternidade? Qual de nós não sente um arrepio de espanto em face do mistério da predestinação? Até os santos mais insignes da Igreja, depois de haverem atingido tão altos píncaros de perfeição, que parecia que estivessem nos umbrais do Céu, gelavam de temor, pensando nos juízos divinos e na fragilidade do coração humano, que pode, num instante, perverter-se e faltar á graça, como aconteceu com Judas, Tertuliano e outros infelizes apóstatas.

Abramos, porém, coração à esperança e entoemos um hino de louvor e agradecimento ao Divino Coração. Ele nos promete que, se comungarmos todas as primeiras sextas-feiras durante nove meses seguidos, e Lhe formos devotos, não morreremos em sua desgraça. A devoção ao Coração de Jesus é, pois, um penhor de predestinação e quem a pratica imprime na sua alma o distintivo dos eleitos, recebendo sobre sua fronte um raio da eterna gloria do Céu.

CAPÍTULO XXVI

*Os abismos do Coração Divino — Grande revelação a respeito da França —
Consagração de Luiz XVI, prisioneiro, ao Sagrado Coração — O templo nacional.*

O coração humano é um abismo de misérias e de fraquezas; o Coração de Jesus é um abismo de misericórdia e de força. A nossa santa conseguiu sondar esses abismos do coração humano e do Coração Divino. Queremos referir as suas palavras, apesar de longa a sua exposição, porque grande é a delícia espiritual que se experimenta ao lê-las. «*O Coração de Jesus, escreve, é um abismo em que encontrareis tudo. É principalmente um abismo de amor, no qual devemos sepultar todo o nosso orgulho, com os seus maus efeitos, que são o respeito humano e o desejo de nos satisfazermos e nos elevarmos. Submergindo estas inclinações no abismo do amor divino, encontrareis todas as riquezas necessárias nas diversas situações em que estiverdes. Se vos achais desolados e acabrunhados pelas privações, é o Coração Divino abismo de toda a consolação, dentro do qual cumpre que entremos sem desejarmos sentir-lhe a doçura. Se vos encontrais num abismo de aridez e de franqueza, ide internar-vos no Coração de Jesus, abismo de potência e de amor, sem vos importardes de experimentar-lhe a suavidade, senão quando a Ele aprouver. Se num abismo de pobreza, atirai-vos ao Coração de Jesus: deixando-o agir, Ele vos enriquecerá. Se num abismo de fraqueza, de recaídas e de misérias, procurai com*

frequência o Coração de Jesus; Ele é um abismo de misericórdia e de fortaleza: levantar-vos-á e vos dará forças. Se em um abismo de soberba, vanglória e estima de vós mesmos, descei logo às humilhações profundas do Coração de Jesus, oceano de humildade. Se em um abismo de ignorância e de trevas, o Sagrado Coração é um mar de sabedoria e de luz. Se num abismo de morte, ide ao Coração Divino e achareis ama fonte de vigor; atingireis aí uma vida nova, na qual já não olhareis com outros olhos senão com os de Jesus Cristo; não vos movereis senão pelo seu movimento, não falareis senão com a sua língua e não amareis senão com o seu Coração dulcíssimo. Se num abismo de agitação, impaciência e cólera, ide ao Coração do Redentor, que é um abismo de mansidão e doçura. Se num abismo de profunda melancolia, mergulhai-a no Coração de Jesus, que é um mar de doçura celeste e tesouro inexaurível de todas as delícias dos santos e dos anjos. Se vos encontrais num profundo abismo de amarguras e penas, uni-as ao abismo das penas infinitas do Coração de Jesus e d'Ele aprendereis a sofrer contente». Assim escrevia a santa, inebriada de santo amor para convidar a todos, principalmente aos pecadores e aos tíbios, a se prostrarem diante do Coração Divino.

Noutro lugar fala do Sagrado Coração como de um jardim florescente, perfumado pela celeste fragrância dos lírios, das rosas, das violetas e das mais belas flores, símbolos das virtudes. Convida, então, a todos os cristãos a entrarem nesse jardim, para lhe colherem as flores, adornarem-se com elas, e agradarem a Deus. Compara também o Coração de Jesus a uma árvore de extraordinárias dimensões, rica de frondes viridentes e suavíssimos frutos, destinados a alimentar as almas e infundir-lhes a vida da graça e da perfeição. Quisera ter uma voz estentoria para se fazer ouvir a todo o mundo e induzir todo o Cristão a colher frutos de vida eterna.

Margarida foi uma santa contemplativa, sempre encerrada no claustro, unicamente ocupada em amar ao seu celeste Esposo: jamais alongou o seu olhar através das grades de ferro do mosteiro para observar os acontecimentos da Igreja e do mundo. Não se assemelhou àquelas almas que, embora se entreguem assiduamente à contemplação, conservam-se todavia ao par dos negócios do seu tempo, como Santa Catharina de Sena, Santa Thereza, a qual escrevia cartas admiráveis a Philippe II, rei da Espanha, para lhe pedir que fizesse triunfar o reino de Deus.

Na correspondência de Margarida não ha uma alusão política ao jansenismo que desolava a Igreja ou á corrupção que infestava a corte francesa. A sua vida era toda escondida no Sagrado Coração e não cuidava senão de torná-lo conhecido e amado. Só uma vez em que a Superiora lhe mandou se prostrasse diante do SS. Sacramento em lugar de Luiz XVI e rezasse por- ele, teve conhecimento das desordens do rei e da sua corte.

Margarida que era a pureza angélica personificada, teve, então, pensamentos e imaginações que lhe causavam espanto, e não cessavam senão quando saía da Capela. Semelhantes imagens impuras, das quais nunca tivera a mínima ideia, renovaram-se todas as vezes que lhe era confiado o mesmo encargo, até que a Superiora, sabendo disso, dispensou-a daquela incumbência. Outra vez iluminada por Deus (e escreveu-o numa carta) conheceu um estranho espírito de orgulho que pairava sobre a Visitação e que vinha substituir o da humildade e da simplicidade.

Era o jansenismo que tentava de longe penetrar na Ordem da Visitação, como já havia entrado no mosteiro de Porto Real em Paris; mas não o conseguiu. São estas as únicas duas alusões que se encontram nos seus escritos a respeito dos acontecimentos do seu tempo. Quando se achava, porém, à beira do sepulcro e já a sua fronte parecia aureolada pela glória do Céu, teve uma grande revelação sobre a França e escreveu a Madre de Saumaise para que fizesse ouvir a sua voz na corte do rei. O Coração Divino desejava entrar com pompa e magnificência no palácio dos príncipes e dos monarcas, para ter uma reparação dos ultrajes que recebera na corte de Pilatos e de Herodes.

O doce Salvador pedia, pois, a Luiz XIV que fizesse reinar o Coração Divino no seu palácio, erigisse um templo nacional, proferisse a consagração solene da sua pessoa e da França; estampasse a sua imagem nas bandeiras e nas armas e finalmente conseguisse da Santa Sé o decreto de uma festa universal para toda a Igreja.

Se executasse esse desejo do seu Coração, Nosso Senhor lhe concederia graças extraordinárias; faria prosperar o seu reino e o dos seus sucessores, torná-lo-ia vencedor dos seus inimigos e lhe daria um lugar glorioso no Céu.

Para se apresentar na corte escolheu o Padre de la Chaise, confessor do rei, que gozava de grande nomeada.

A mensagem da santa chegou certamente aos ouvidos de Luiz XIV, mas não surtiu o efeito desejado. Só algumas virtuosas damas e princesas praticaram a nova devoção, erigindo no palácio de Versailles uma capela em honra do Coração Divino, onde procuravam atingir força nas duras provas pelas quais passava a França. Se Luiz XIV tivesse escutado a voz do Coração Divino, teria salvado a nação e afastado a tempestade que se acumulou sobre a cabeça dos seus sucessores e produziu o dilúvio da revolução. De Luiz XIV a França, descia a Luiz XV, de Luiz XV a Voltaire, de Voltaire a Robespierre e Marat, isto é do orgulho à corrupção, da corrupção à impiedade, de ambos, ao ódio de Deus e dos homens e daí, ao sangue.

Luiz XVI, vítima infeliz da revolução, destronado e encerrado numa prisão, lembrou-se da bem-aventurada Margarida e do segredo que ela confiara ao seu avô; escreveu de próprio punho a consagração da sua pessoa e do seu reino ao Sagrado Coração de Jesus, consagração concebida nas mesmas palavras da humilde virgem de Paray e exatamente nas condições em que Deus a ordenara. É um precioso monumento em que se sentem as angústias e as lágrimas do virtuoso monarca prisioneiro, que procura salvar a pátria e segurar-se a uma taboa de salvação. Confessa humildemente as suas culpas, pede perdão, sepultando-as no Coração Divino e promete que, se recuperar a liberdade e o trono, revogará todas as leis contrárias à Igreja, principalmente à constituição civil do clero. Promete também empenhar-se junto do Santo Padre afim de que dentro de um ano se estabeleça a festa do Sagrado Coração em toda a Igreja, na sexta feira depois da oitava do Corpo de Deus, seguindo-se-lhe uma procissão pública de reparação.

Promete outrossim ir em pessoa à Igreja e fazer um ato de consagração ao Coração de Jesus da sua pessoa, da família real e do reino, consagração que seria renovada todos os anos no dia da festa. Promete finalmente construir em honra do Divino Coração uma Igreja e um altar.

Eis as últimas palavras da consagração feita por Luiz XVI: *«Eu agora só posso pronunciar estas promessas em segredo, mas as firmarei, se preciso for, com o meu próprio sangue e o mais belo dia da minha vida será aquele em que eu possa publicá-las no templo em altas vozes. Oh! Coração adorável do meu Salvador! Paralise-se a minha mão e esqueça-me eu de mim mesmo, se algum dia chegar a obliterar os vossos benefícios e as minhas promessas e se tiver a desgraça de deixar de amar-vos»*. Este ato foi por ele entregue ao Padre Hebert, seu confessor, superior dos Budistas, o qual mandou imediatamente tirar dele muitas cópias para não se perder.

Os generosos soldados da Vendéa cumpriram o voto do Sagrado Coração, levando-lhe a imagem aos campos de batalha, estampada no peito e nas bandeiras.

Porque foi que Deus não aceitou a consagração? É fácil a resposta. Foi porque Luiz XVI já não era rei; derrubado o seu trono e partido o diadema, jazia ele prisioneiro. A homenagem já não era a do monarca em nome da nação. Os heróis da Vendéa eram um pequeno numero de soldados e não eram a nação.

A França, em lugar de aclamar a consagração do rei, arrastava-o ao suplício: e em vez de se unir aos Vendeanos, fuzilava-os. Foi assim que os franceses ao Coração de Jesus, preferiram o coração de Marat e de Robespierre.

Honra seja, porém, àquela generosa nação que, nestes últimos tempos, (1) voltou-se para o Coração de Jesus e lhe erigiu um templo nacional em Montmartre na sua capital, cumprindo o que não fez Luiz XIV e o que, na prisão, prometeu Luiz XVI. Honra seja aos Franceses que iniciaram frequentes peregrinações a Paray, para honrar ao Sagrado Coração de Jesus. A França achará a sua salvação e a sua glória na devoção a este Coração adorável, que, desprendendo-se do peito de Jesus Cristo, veio à luz numa das suas cidades.

(1) *Estas palavras eram escritas em 1894.- N. do Ed.*

CAPÍTULO XXVII

*As últimas cintilações de um astro — Amar e sofrer em silêncio — O desejo do olvido
— Maravilhosos dons sobrenaturais*

Chegamos aos últimos meses da vida da nossa santa. Como são belos os derradeiros dias de um santo! Parece que os seus olhos já contemplam o reflexo da gloria eterna; os seus ouvidos ouvem o eco das harmonias angélicas e que Deus deixa incidir sobre a sua frente um raio fulgido da gloria celeste! Os que o rodeiam percebem que começam a despontar para ele os primeiros albores do dia sempiterno e que o seu coração está próximo a consumir-se sobre o altar, vítima da divina caridade.

Os antigos diziam que o cisne, antes de morrer, concentra todas as suas forças e canta com voz mais harmoniosa. Assim acontece com os santos. Próximos do ocaso da existência, redobram os seus melodiosos cantos de amor divino, para, em breve, continuá-los na mansão dos bem-aventurados, entre os esplendores da eternidade.

Margarida terminara a sua missão de revelar ao mundo o Coração de Jesus; já não lhe restava mais que adormecer placidamente no sepulcro. As críticas e discussões seguesse um entusiasmo pelas suas virtudes e pela sua santidade. Quanto mais, porém, se via honrada, mais se abismava na convicção da sua nulidade e das suas misérias e mais fazia por ocultar-se aos olhos dos homens. Lançava ao fogo todos os escritos; só ia às grades do locutório, obrigada pela obediência; nunca falava de si mesma senão quando o exigia a glória de Deus e o Coração de Jesus. «*Se soubésseis, dizia ela, como é culpada a minha vida e pouco conforme à perfeição religiosa, veríeis quão*

justo é que eu seja sepultada num eterno olvido e desprezo, como uma miserável pecadora que, sem querer, enganou as criaturas que a estimavam». Como vos ficarei obrigada, minha boa Madre, escrevia a uma irmã se me concederdes a graça de queimar todos os escritos que tiverdes recebido de mim, pois desejo que, de tão miserável pecadora como eu, nada reste depois da morte. Quero ser aniquilada e sepultada num eterno esquecimento».

O traço mais belo da fisionomia da santa é, pois, o amor aos sofrimentos. Não sei se outra criatura os tenha desejado mais e, com maior paixão e mais vivo entusiasmo, os tenha abraçado. Dizia que todas as horas passadas sem sofrer eram perdidas; que estaria disposta a viver até ao dia do juízo só para sofrer por amor de Deus; que amava a cruz muito mais do que os avaros amam os seus tesouros. A cruz, os espinhos, os açoites, o Getsemani, o Gólgota eram as aspirações contínuas da sua alma heróica. As suas últimas cartas falam do sofrimento com uma paixão ardente e um profundo entusiasmo. *«Para dizer só uma palavra das delícias com que a sua bondade me honra presentemente, acrescentarei que me parece que eu sou toda uma cruz no corpo e no espírito; não me queixo e não desejo outra consolação senão a de não ter nenhuma neste mundo e viver toda escondida em Jesus crucificado, desconhecida nos meus sofrimentos afim de que nenhuma criatura se compadeça de mim ou de mim se recorde, senão para aumentar os tormentos. Eu só desejo viver para ter a ventura de sofrer mais».* Quanto mais aumentam as suas dores, mais exulta de alegria. *«Pelo que me diz respeito, escrevia, outra coisa não posso dizer senão que Nosso Senhor se compraz em conservar-me num estado de contínuos sofrimentos, com um abatimento de forças que me torna preciosíssimo o arrastar este miserável corpo, e quanto vejo aumentar as minhas dores, afigurasse-me sentir a mesma alegria que os mais avaros e ambiciosos ao verem crescer o seu tesouro».* A sua grande senha era: *«Amar, sofrer por amor e calar».* Deus introduziu na minha alma, exclamava ela, três tiranos perseguidores que me atormentam constantemente: o primeiro, que é o que produz os outros, é um tão vivo desejo de amá-IO, que parece que tudo o que eu vejo deva ser mudado em chamas de amor; o segundo, o amor aos sofrimentos e o terceiro, o amor aos desprezes e às humilhações».

Pouco antes de morrer, escrevia a uma amiga: *«Amai e fazei o que quiserdes, porque quem tem o amor tem tudo. Fazei tudo por amor, no amor e para o amor; porque é o amor o que dá valor a tudo. O amor recusa um coração dividido: ou tudo ou nada. Re-tribui, pois, amor por amor e não vos esqueçais d'aquela que o amor fez morrer por vós. Não tereis esse amor senão quando souberdes sofrer em silencio e preferi-lo às criaturas».*

O seu semblante cintilava de uma angelical pureza; jamais experimentou a mínima tentação contra a castidade, exceto quando foi mandada à Igreja ocupar o lugar de Luiz XIV diante do SS. Sacramento. Deus a havia enriquecido de maravilhosos dons celestes que dão lustre e esplendor à santidade e lhe servem de cortejo. Lia nos corações e nas consciências e profetizava muitos acontecimentos futuros, que depois se verificavam à risca. A cada passo proferia uma palavra, uma frase, uma doce e delicada alusão que revelava às suas noviças como lhes conhecia perfeitamente as disposições espirituais. Bastou-lhe um olhar para conhecer que uma das jovens, que pedia para entrar na Visitação, não era apta para aquela ordem; e as instâncias e perseguições da família não conseguiam demovê-la. Profetizou a próxima morte de um jovem dominicano, vindo ao locutório, quando gozava ainda ótima saúde. Já dissemos que ela predisse a morte do seu Diretor, o Padre de la Colombière e a sua sorte eterna.

Deus lhe revelava também o estado de muitas almas do Purgatório, as penas que sofriam e o momento feliz da sua libertação. Margarida tinha-se elevado àquele estado de sublime perfeição, no qual a fraqueza humana se fortalece na potência do Deus e participa do seu domínio soberano sobre os elementos, operando muitos milagres. Uma irmã conversa tinha, havia muito tempo, uma dolorosa chaga; cheia de confiança ria virtude poderosa de Margarida disse, como a pobre enferma do Evangelho: «*Se consigo tocar ainda que sejam só as suas vestes ficarei curada*». Assim aconteceu efetivamente: do habito da santa saiu uma como virtude oculta que a curou perfeitamente.

À medida que o Coração Divino se elevava sobre o horizonte da Igreja, dardejava sobre a sua primeira discípula e adoradora raios cada vez mais vivos e a circundava de uma auréola celeste.

CAPÍTULO XXVIII

O apelo ao Esposo — Prepara a lâmpada com quarenta dias de retiro — Predição da morte e das suas circunstâncias — Expira num êxtase de amor — Funerais convertidos em triunfo.

Ao começar o anno de 1690, Margarida pressentiu a chamada do Esposo Divino às eternas núpcias do Céu. Deus quis por fim satisfazer o desejo ardente que a devora,

de O contemplar face a face e de se unir intimamente a Ele num eterno amplexo de amor.

Consumida pelo incêndio da caridade, ao contemplar a glória do paraíso, repetia sem cessar o grito de S- Paulo: *«Desejo romper os vínculos da carne e voar a Jesus Cristo»*. Conheceu por uma relação o dia e as circunstâncias da sua morte, afirmando que se daria no momento em que a comunidade menos esperasse e nos braços das irmãs Rosália Verchère e Rosália Farges. Algum tempo antes pediu à Superiora para fazer um retiro espiritual de quarenta dias, afim de prover a lâmpada e esperar a vinda do Esposo. Pôs por escrito alguns sentimentos que a preocupavam e que nos permitem contemplar pela ultima vez a beleza da sua alma. *«No primeiro dia do retiro a minha ocupação consistia em pensar donde provinha o meu grande desejo de morrer, pois não é próprio de uma pecadora como eu o desejar comparecer perante o seu Juiz cuja santidade penetra até aos nossos mais íntimos recessos. Como podes, pois, ó minha alma sentir tamanha alegria ao aproximar-se a morte? Tu só pensas em pôr termo ao teu desterro e exultas de gozo ao pensar que em breve sairás da tua prisão. Toma cuidado, porém, para que de uma alegria temporal, filha talvez da ignorância, e da cegueira, não precipites na tristeza eterna e desta prisão mortal e passageira não caias naquele cárcere eterno, onde se extingue a esperança. Deixemos, pois, ó minha alma, esta alegria e este desejo de morrer às almas santas e fervorosas, para as quais estão reservadas as grandes recompensas. Pensemos qual não seria a nossa sorte, se não fora a bondade de Deus para conosco ainda maior que a sua justiça. As nossas obras nenhuma outra coisa nos deixam esperar senão castigos. Poderás tu, ó minha alma, suportar eternamente a ausência d'Aquele cuja presença te causa tantas consolações e cuja privação te faz sentir tão cruéis tormentos? Meu Deus, como são difíceis essas contas! Na impossibilidade de as fazer eu mesma, volto-me para Vós que sois o meu adorável Mestre. Confio-Lhe todos os pontos sobre que devo ser julgada: as nossas regras, as nossas constituições, a nossa direção»*.

«Depois de Lhe haver confiado todos os meus interesses, experimentei uma paz admirável. Jesus conservou-me muito tempo aos seus pés, como que abismada na minha nulidade, à espera da sentença que pronunciará sobre esta sua miserável criatura.»

Depois de ter confessado a imensidade da sua malícia, acrescenta: *«Sinto-me incapaz de solver as minhas dívidas; bem o vedes Vós, ó meu Divino Mestre. Ponde-me na prisão; aí ficarei contente, contanto que seja no vosso Divino Coração; e quando n'El-le me tiverdes encerrado, apertai-me bem com as correntes do vosso amor e*

conservai-me assim enquanto eu não vos pagar tudo o que vos devo; e como nunca o poderei fazer, não me solteis jamais».

Quem não sente nestas páginas a humildade profundíssima o baixo conceito que tinha de si mesma, o amor ardente pelo Divino Coração e o desejo de O contemplar face a face no Céu? Estas palavras são perfumadas pela humildade do pobrezinho de Assis e pelo amor ardente da seráfica santa espanhola.

Imersa nesses sentimentos, esperava placidamente a morte. No mês de Outubro uma ligeira febre a obrigou a ir à cama. O médico, costumando dizer que as doenças de Margarida provinham do amor a Deus, garantiu-lhe que não era nada, no que foi contestado pela enferma. Margarida sofria muitas dores internas, que a arte médica não podia conhecer. Entretanto, mostrava-se sempre sorridente e falava do imenso desejo da se unir a Deus, dizendo, porém, que, se fosse da sua santa vontade, ficaria sofrendo na terra até ao dia do juízo. No dia 16 de Outubro, véspera da sua morte, desde muito cedo, pediu com grande insistência o santo Viático; só lhe concederam, porém, a santa Comunhão, porque o seu estado não inspirava cuidado algum.

A santa sabendo que era o último amplexo que na terra dava a Jesus, comungou com os ardores de um serafim; seu semblante cintilava de celeste alegria. De então em diante só falava do Céu e do amor de Deus. *«Ah! que felicidade para mim poder amar a Deus! Amemo-lO soberanamente. Que desejo eu no Céu e na terra a não serdes Vós, ó Deus do meu Coração? Quando me libertareis, Senhor, desde duro exílio?»*

O pensamento da justiça divina só por um instante aterrorizou o seu espírito. Viram-na tremer e beijar humildemente o crucifixo, gritando: *«Misericórdia, meu Deus, misericórdia!»* Imediatamente, porém, se abismou no Coração de Jesus com todo o seu ser e sobre sua fronte estampou-se uma alegria serena que se manteve até ao último instante. Ao cair da tarde preocupou-a um desejo de humildade e esquecimento. Dirigiu-se a uma irmã e pediu-lhe para queimar todos os seus escritos que ainda restavam e as «Memórias» que compilara por ordem do Padre Rollin. A irmã, sentindo que se perdessem aqueles preciosos tesouros, insinuou-lhe suavemente que era mais perfeito abandonar-se inteiramente à obediência. A esta palavra a santa tranquillizou-se.

Na manhã de 17, dia do seu nascimento para a vida eterna, tornou a pedir o Viático; tendo, porém, o médico assegurado que não havia perigo, não lh'o concederam. Passou todo o dia entretida pelos inefáveis excessos de amor de Deus para com os homens, falando pouco, mas com frases inflamadas. Por volta das sete horas da noite entrou em plácida agonia; num instante toda a comunidade se reuniu ao redor do seu

leito. Concentrando todas as suas forças deu às irmãs o último adeus, recomendando-lhes que amassem a Jesus sem reservas. Entrando o sacerdote para lhe administrar a extrema unção, soergueu-se; duas irmãs apressaram-se a sustentá-la nos seus braços. Eram precisamente aquelas em cujos braços Margarida predissera que havia de morrer. Naquele momento de emoção ninguém reparou nisso; perceberam-no mais tarde. No momento da quarta unção, aquela alma bem-aventurada despedaçou os vínculos da carne e pronunciando o Santíssimo Nome de Jesus, desprende o seu voo para o Céu e foi inebriar-se no Coração Divino, pelo qual sempre vivera. Era o dia 17 de Outubro de 1690, aos últimos clarões do crepúsculo vespertino, quando o sino do mosteiro tocava o *Angelus*. Naquele momento pareceu a todos que o tanger daquele sino era a voz de Maria a chamar ao Céu a sua querida filha. Tinha quarenta anos e cerca de três meses de idade.

Enquanto Margarida em companhia dos anjos voava ao Céu para receber o eterno amplexo de Deus, o seu semblante resplandecia de uma beleza maravilhosa; suas feições tão delicadas e puras tinham uma expressão celeste. As duas jovens irmãs que a ampararam sentiram tal comoção que no dia seguinte uma delas, de vinte quatro anos apenas, fazia o voto heróico de preferir sempre o que fosse mais perfeito; a outra começou aquela vida extraordinária de santidade que lhe valeu o título de segunda Margarida. «Morreu a santa», era voz que passava de boca em boca no mosteiro e na cidade. O cadáver, coberto de flores, foi colocado no coro da Capela e por dois dias inteiros uma multidão enorme desfilara continuamente diante dele, tocando-o com medalhas, crucifixos e outros objetos de piedade. Um suave odor de santidade desprendia-se daqueles despojos virginais. Terminara o sacrifício. Estava consumida a vítima; mas o turíbulo, ainda fumegante, perfumava toda a Igreja.

Os funerais foram uma esplendida ovação, um triunfo imponente em toda a cidade de Paray. Sepultaram-na no coro da Igreja, no lugar em que lhe apareceu Nosso Senhor.

Deus glorificou aquele túmulo, ilustrando-o com muitos milagres e concedendo muitas graças aos seus piedosos visitantes. À proporção que crescia a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, aumentava também a veneração para com a sua primeira discípula e reveladora, cuja vida foi uma palpitação de amor e um hino de glória ao Divino Coração. Margarida saía das sombras de Paray e, apoiada ao seu Dileto, lentamente se encaminhava para a glória.

CAPÍTULO XXIX

A glorificação da humilde virgem. E' declarada venerável e mais tarde bem-aventurada — O cérebro Incorruto — O culto do Sagrado Coração.

Monsenhor Languet, bispo de Soisson, membro ilustre da Academia Francesa, publicava em Paris no principio do século XVIII uma vida da nossa santa.

A devoção ao Coração de Jesus difundia-se triunfalmente pouco a pouco por todas as dioceses da França, autorizada pelos respectivos bispos. Cada mosteiro da Visitação era um centro e um foco do novo culto. Coisa singular! O bispo da diocese a que pertencia o mosteiro de Paray foi o último a adotar a festa, verificando-se assim uma predição de Margarida, que dissera que a solenidade do Sagrado Coração seria introduzida em todos os lugares da França, antes do que no lugar onde nascera. Da França estendeu-se às outras regiões da cristandade, principalmente por meio das ordens religiosas, as quais sempre acharam no Coração de Jesus uma fonte de perfeição e de santidade.

As revoluções por que passou a França, retardaram o processo da canonização. A 30 de Março de 1824, Leão XIII constituiu a comissão para a introdução da causa e a serva de Deus foi declarada *Venerável*. No reconhecimento do cadáver, com admiração de todos, encontrou-se o cérebro ainda intacto. Este órgão tão mole, tão delicado que se dissolve tão depressa e é o primeiro a corromper-se, conservara-se depois de mais de um século e meio como se ainda pertencera a um corpo vivo. Quis Deus honrar assim aquele membro de que saíram os sublimes pensamentos e os nobres transportes da alma de Margarida. Não é este um fato novo na vida dos santos. O corpo de Santa Maria Magdalena penitente decompôs-se todo, exceto aquela pequena parte que foi tocada pelas santíssimas mãos de Nosso Senhor, quando, para afastá-la, lhe pôs os dedos sobre a fronte dizendo: «*Não me toques*». A língua de São João Nepomuceno encontrou-se perfeita depois de três séculos. Fora respeitada pela corrupção aquela língua que não quis jamais trair o segredo da confissão, nem mesmo em face da morte e que será uma eterna testemunha da divindade deste Sacramento, tão querido das almas boas e tão odiado pelos maus.

Finalmente a 4 de Setembro de 1864, Pio IX, de gloriosa memória, promulgou o decreto solene de beatificação. Desde a manhã, o forte de Sant'Angelo anunciava com repetidas salvas que a esposa do Coração de Jesus fôra proclamada bem-aventurada.

O grande Pontífice, na tarde do mesmo dia, ajoelhava-se diante da sua imagem para o venerar, seguindo-se-lhe numeroso cortejo, do qual faziam parte mais de duzentos sacerdotes franceses. No ano seguinte, as festas de beatificação celebram-se com extraordinária pompa em todos os mosteiros da Ordem. Em Paray tiveram particular esplendor e duraram três dias. Foram presididas pelo Cardeal Arcebispo de Besançon e grande número de bispos. São indescritíveis as homenagens triunfais prestadas à humilde virgem, a magnificência das procissões, a alegria que se estampava em todos os semblantes e o entusiasmo que fazia palpar os corações de mais de cem mil pessoas de todas as idades, de todas as condições sociais e de todas as regiões.

Para a França, entretanto, chegaram os dias da amargura: em 1870 era vencida pelos exércitos prussianos. Nos campos de batalha apareceu também o estandarte do Sagrado Coração, levado pelos exércitos dos generais Sonis e de Ia Charotte, os quais sob a sua égide fizeram prodígios do valor. Poucos anos depois erigia-se em Paris, como dissemos, o templo nacional, já votado por Luiz XVI na prisão e sugerido pela nossa santa.

Os centenários das revelações e da morte de Margarida foram celebrados com grande devoção e concorreram para aumentar o culto ao Sagrado Coração e à sua diletta Esposa. O atual pontífice Leão XIII, em cuja frente brilha a dupla auréola da santidade e da ciência, é muito devoto do Sagrado Coração e quis que o seu nome fosse o primeiro a inscrever-se entre os dos associados da Guarda de Honra. Em 1876 confiava ao Padre João Bosco, apelidado pela sua caridade o São Vicente de Paulo do século XIX, a construção de uma basílica ao Sagrado Coração na capital do mundo católico. O servo de Deus correspondeu plenamente aos desejos do grande Pontífice e em 1887 a Igreja, já construída e decorada, era consagrada solenemente com festas imponentes, e oferecida ao Papa, como monumento da Pia Sociedade Salesiana, por ocasião do seu jubileu sacerdotal. (1)

À sombra daquele santuário construiu-se um grande instituto para abrigar de 400 a 500 meninos, os quais aí aprendem a conhecer e a amar o Coração de Jesus, que se deliciava no meio das crianças. Naquele Colégio sobe ao Céu continuamente um harmonioso concerto de louvores, a confundirem-se com os dos anjos do Céu e a fazerem descer sobre a cidade eterna o orvalho das bênçãos celestes.

(1) *Como prêmio daquela homenagem, o Sagrado Coração abençoou extraordinariamente a Pia Sociedade Salesiana, concedendo-lhe uma fecundidade prodigiosa. Hoje o sol já não tramonta sobre os seus institutos. Queira o nosso Divino Redentor e a sua Mãe Santíssima considerá-la sempre como sua filha predileta e conceder-lhe sempre as suas mais escolhidas bênçãos. Se não for ousadia da minha parte, faço votos para que toda a*

Pia Sociedade Salesiana seja solenemente consagrada àquele Coração adorável, do qual ela atingirá novas graças de vida eterna. (Nota do autor)

A consagração desejada pelo pio autor realizou-se na meia-noite de 31 de Dezembro de 1900, ao raiar do novo século. (Nota do editor)

CAPÍTULO XXX (1)

A canonização

A 6 de Setembro de 1866 Pio IX, depois de ouvir o parecer favorável da Sagrada Congregação dos Ritos, ordenava fosse reencetada a causa da bem-aventurada Margarida.

(1) Este capítulo, acrescentado pelo editor, é um trecho de um opúsculo, escrito pelo Revmo. Cônego G. Gloria, intitulado "A propósito de um acontecimento solene e consolador" — Monza, Typ. Ed. Artigianelli, 1919.

Note-se que todos os atos que se referem á bem-aventurada vinham dar uma sanção muito mais solene ao culto do Sagrado Coração; porque neles se declarava que Jesus havia escolhido a humilde religiosa de Paray para, por meio dela, nos revelar o seu amor.

Ora, omitindo outras práticas que se fizeram para a sua canonização, recordemos apenas as últimas que foram coroadas de êxito feliz. Elas se referem a dois milagres, realizados por intercessão da bem-aventurada: um numa tal Luiza Agostini Colleschi, o outro, na condessa Antonietta Astorri, de Milão.

A primeira, em Valle de Pompei, atacada desde Junho de 1899 de meningite de forma lombar complicada, era absolutamente incapaz de mover-se sozinha, tendo já experimentado médicos e remédios inumeráveis. Recomendaram-na à bem-aventurada para conseguir a cura, ou pelo menos, o conforto nos sofrimentos. No dia 21 de Junho de 1903 ficara só em seu lugar de costume, privada dos seus instrumentos de trabalho, que os outros lhe entregavam ao afastarem-se dela. Já se resignara a esperar que voltasse algum criado, quando de repente sentiu um extraordinário vigor no seu corpo e um como impulso para se levantar: levantou-se de fato com êxito completo. A cura foi radical.

A Condessa Astorri sofria em 1903 de um neoplasma (cancro maligno) na parte superior do peito. Muitos médicos operadores julgavam tratar-se de um tumor externo e já se preparavam para a intervenção. A condessa invocou a bem-aventurada: começou uma novena em sua honra conservando sempre uma vela acesa diante da sua imagem. A 28 de Outubro, sexto dia da novena, depois de uma noite irrequieta, porque preocupada com a operação, despertando-se cerca das seis horas da manhã, levou a mão ao tumor e sentiu que ele continuava a existir com o mesmo volume e com as mesmas dores lancinantes. Conservou-se desperta até às nove horas, quando, ao fechar os olhos, sentiu como que o hálito de alguma pessoa que soprasse e, inclinada sobre ela, (1) lhe sussurrasse ao ouvido estas simples palavras: «*Estás curada*». Abriu os olhos, persuadida de ver alguém, e a ninguém viu. Instintivamente apalpou o lugar do tumor e já não encontrou nenhum vestígio e dor nenhuma. Chamou sua filha (Ignez) e esta lhe disse que aquilo era uma alucinação e lhe proibiu que se levantasse até chegar o médico e que nada dissesse a ninguém «*para não colooar os santos em condições de fazer triste figura*».

Os santos, porém, fizeram uma figura belíssima. Alguns valentes operadores reconheceram imediatamente o caráter sobrenatural daquela cura. Outro que não a quis reconhecer, embora declarasse que tudo havia desaparecido e que nunca tinha visto um caso igual, convidou a condessa a voltar depois de dois meses; a boa senhora, depois de dois meses, apresentava-se novamente ao operador, embaraçado em explicar a cura, tanto que concluiu: «*Acho-a boa; volte outra vez daqui a seis meses*».

«*Já passaram quatro anos e nada mais senti e nenhuma consequência ficou do meu antigo incômodo. A minha saúde foi sempre normal, salvo os cuidados que devo ter devido a ligeira nefrite*». Assim depunha a condessa, com juramento, aos juízes do tribunal eclesiástico de Milão em 1907. O mesmo confirmavam (sempre em 1907) os dois peritos e distintos médicos, Carlos Decio e João Piana, chamados pela mesma autoridade.

Em 1907, por delegação da Santa Sé, instituía-se em Milão o processo apostólico sobre o milagre verificado na condessa Astorri; em Nápoles procedia-se ao referente à Coleschi, do Valle de Pompei.

(1) *Reproduzo literalmente as declarações feitas sob juramento pela própria condessa Astorri (do volume apresentado à Sagrada Congregação, pag. 198 e seg.)*

Em 17 de Outubro do mesmo ano os advogados da causa terminavam a *Positio super miraculis* e dirigiam-se ao Santo Padre apresentando os fatos do Valle de Pompei e de Milão.

Todos sabem com que ponderação e rigor procede a Santa Madre Igreja no exame dos milagres que se alegam para a beatificação e canonização dos servos de Deus. Depois de mais de um decênio, no dia 6 de Janeiro (Epifania) de 1918 o Santo Padre publicava e aprovava o decreto pelo qual reconhecia os dois milagres propostos para a canonização da virtuosa virgem de Paray. Naquela hora, ainda tôrva de ódio e de sangue, às almas crentes pareceu-lhes ouvir naquele ato um novo apelo da Igreja a uma visão de paz e amor. Em tempos de frieza e corrupção como são os nossos, a Alacoque era por Deus escolhida para despertar no mundo um fervor mais intenso de caridade, pelo estudo e imitação da caridade de Cristo, caridade da qual é o Coração Divino o símbolo, ou antes uma como encarnação, um como órgão vivo.

Num maravilhoso discurso pronunciado nessa ocasião S. Santidade não se limita a prelibar a alegria da futura glorificação de Margarida Alacoque, mas preconiza ainda e saúda a aurora daquele dia esperado por todos com a maior ansiedade, dia venturoso em que será proclamada a soberania de Cristo sobre o mundo inteiro. O Santo Padre, baseado nos dados históricos resultantes dos dois processos (de Nápoles e de Milão), recorda que a Coleschi e a Astorri desejavam se tornasse manifesta a santidade de Margarida, para confirmar a devoção ao Coração de Jesus. A Coleschi, na véspera da festa do Sagrado Coração, comovida ao ouvir narrar as graças que se obtinha por intercessão da bem-aventurada, dirigia-se a ela. Depois de curada, declarou, aos parentes e aos amigos «*que se o Coração de Jesus lhe concedia: a graça, ela no seu coração nunca tinha separado a bem-aventurada desse Divino Coração*». A Astorri também depunha sob juramento «*que se dirigira a Margarida Alacoque, porque conhecia o amor com o qual ela trabalhara pela glória do Sagrado Coração de Jesus*». (1) À piedade e profunda penetração do Pontífice não podia escapar este evidente nexos entre os dois objetos.

(1)Veja-se entre outras à pags. 21 e 39 do volume : *Positio super miraculis*.

É por isso que, ao terminar o mencionado discurso, ele se refere a essa circunstância dizendo: «*Ora, deste evidente nexos dos milagres, hoje solenemente reconhecidos, com a devoção ao Coração de Jesus, porque não havemos de deduzir que o Onipotente se serve também dos fatos milagrosos para persuadir os homens da*

necessidade de acolher, ou antes, de auxiliar o apostolado da virtuosa virgem de Paray le Monial? Oh! Nova manifestação é esta que Jesus faz de si na festividade de hoje, destinada a comemorar a primeira manifestação que o Verbo Encarnado fez aos nossos primeiros pais na fé. Foram assim lançadas as bases do reino de Jesus Cristo. A Epifania de hoje seja a garantia da extensão e firmeza daquele reino.»

Consoante o convite do Pontífice, o acontecimento solene da canonização deve assinalar um triunfo novo do Coração Sacratíssimo de Jesus. «*Desça, pois, conclui Bento XV, a abundância das bênçãos celestes sobre todos aqueles que santamente se dedicam a promover a maior glória de Margarida Maria Alacoque. Seja uma bênção verdadeiramente salutar que a todos induza a concorrerem com a bem-aventurada para lhe tornar eficaz a missão sublime de promover e propagar a devoção ao Coração Sacratíssimo de Jesus*». Os mesmos sentimentos exprimia S. Santidade no domingo 17 de Março do ano transato, ao promulgar o *Tuto* que encerra a causa de canonização da bem-aventurada, declarando poder-se com segurança proceder à sua canonização. Repetia o voto «*que aquele ato servisse para difundir cada vez mais a devoção ao Coração de Jesus, porque a piedosa filha de São Francisco de Sales recebeu do próprio Jesus a missão de tornar conhecidas as riquezas do seu Coração Divino, afim de que os homens se aproximem dele como de uma fonte de graças e um modelo de virtudes*»; e, descendo à prática, o Santo Padre dizia aos presentes: «*afervorai-vos todos nesta devoção : o presente ato infunda no vosso ânimo o desejo do imitar a frequência e o ardor das jaculatórias com que ela saudava ao seu Dileto.*

O decreto precedente iluminou-vos sobre a santidade do Divino Coração; o de hoje deve abraçar-vos de amor por Ele. O primeiro aconselha-vos a virtude; o último deve promover em vós o heroísmo na devoção prática ao Coração Sacratíssimo de Jesus».

A festa soleníssima da canonização realizou-se na Basílica de São Pedro no dia 13 de Maio de 1920.

CAPÍTULO XXXI

*A aurora da devoção ao Coração de Jesus — Os Santos Padres e os Doutores —
Alguns santos eleitos — Quando atingirá ao meio dia? — Um voto ardente.*

A devoção ao coração dulcíssimo de Jesus é tão antiga como a Igreja; todos os séculos se detiveram a contemplar aquela ferida de que jorrou sangue e água do coração traspassado pela lança, fonte de todas as graças.

Tertuliano e São Cipriano falam dele nas suas obras. Santo Agostinho admira com pasmo que do Coração de Jesus saia a Igreja, radiante de beleza e de santidade. «*O nosso Esposo, diz ele, sobe ao tálamo da cruz; dorme o sono da morte e do seu flanco aberto sai a virgem Igreja, afim de que assim como Eva foi feita do costado de Adão adormecido, assim a Igreja se forme do costado de Cristo, pendente da Cruz*». Na água que brotou da ferida do lado de Cristo, os Santos Padres vêm figurado o batismo e no sangue a Eucaristia, que Jesus instituiu em memória da sua Paixão. Santo Ambrósio canta aquela divina ferida donde brotaram todas as graças do Salvador sobre o mundo, semelhante á arvore odorosa do incenso, que não exala o seu perfume senão quando o machado a fere, São Bernardo fala com entusiasmo deste Coração; chama-lhe tesouro preciosíssimo, pérola de valor infinito, Arca do Novo Testamento, Templo Augusto em que não cessará de adorar a Majestade Divina vítima que quer se oferecer a Deus, Altar sobre o qual se imola o sacrifício do amor, modelo da nossa vida, capital para pagar as dividas contraídas com a divina justiça, porto para abrigo das tempestades e das ondas do mundo. O Doutor melífero, São Boaventura, inveja a lança que entrou naquele Coração, afirmando que, se fosse ele, não sairia mais dali. O Doutor estático, beato Henrique Suso, chama-O nascente de vida eterna. Taulero, o Doutor sublime quer morar n'Ele para purificar as manchas da sua alma e ornar-se digno da glória eterna. Santa Mathilde, Santa Lutgarda, Santa Gertrudes recebem maravilhosas revelações sobre este Coração Divino e O amam ternamente. Santa Catharina de Sena, Santa Maria Magdalena de Pazzi, Santa Margarida de Cortona entoam-Lhe um hino harmonioso de louvores. São Francisco de Sales d'Ele muitas vezes fala no seu Teotimo e nas suas cartas, dando-o por insígnia à sua Congregação e querendo que esta se tornasse o santuário do culto ao Sagrado Coração.

Mas até ao século XVII a devoção ao Coração de Jesus era apenas privada, privilégio das almas eleitas, unia como aurora luminosa do culto público. O Coração de Divino Redentor é um sol fulgurante que devia, nestes últimos tempos brilhar no horizonte da Igreja. E assim como aquele astro, antes de assomar às portas do oriente e aclarar com os seus raios os vales e as planícies, doura os píncaros dos montes, e as grimpas dos campanários, assim também o Coração dulcíssimo de Jesus, antes de iluminar toda a terra, ilustrou algumas almas mais eleitas, que haviam atingido as alturas da perfeição. Agora já esse sol apareceu no horizonte e se eleva majestoso pelas vias do firmamento. Felizes de nós que vivemos sob os seus raios benéficos e nos aquecemos

ao seu fogo! Ainda não chegou, porém, o meio dia; a devoção ao Coração adorável de Jesus não atingiu ainda todo o seu esplendor. Oh! Chegue depressa o dia em que este Coração sacrossanto triunfe em toda a Igreja e no coração de todos os cristãos! Faço ardentes votos para que seja a Ele consagrada a Igreja, antes, e, depois, cada uma das dioceses, comunidades religiosas, mosteiros, famílias cristãs e cada um dos fiéis. (1)

Desçam dos seus tronos os monarcas e deponham o diadema e o cetro aos pés do altar do Sagrado Coração e Lhe consagrem a sua pessoa, os seus estados, os seus súbditos. O Divino Redentor defenderá os seus reinos melhor que os exércitos e as baionetas, consoante o que Ele prometeu à bem-aventurada. Estampe-se sua imagem nas suas bandeiras e o Coração de Jesus lhes dará a vitória sobre os seus inimigos. Feliz a República do Equador que foi dedicada a Ele pelo pio e valoroso presidente Garcia Moreno!

Quão belo será o dia em que a imagem do Coração de Jesus for conservada e honrada em todas as famílias e em todas as Igrejas; em que cada um dos fiéis correr a alistar-se na Guarda de Honra, santificando com a Comunhão a primeira sexta-feira do mês; que a devoção ao Coração de Jesus atingir a plenitude meridiana no coração de cada cristão! Esse dia será para todos o principio de uma nova era de paz e de felicidade.

(1) Estes votos tiveram em parte o seu cumprimento. Todo o mundo cristão foi por ordem do Papa Leão XIII consagrado ao Divino Coração, no dia primeiro do corrente século; e a consagração especial de cada uma das famílias já se difundiu extraordinariamente, sobretudo como resultado do apostolado fervoroso do americano Padre Matheus Crawley-Boevey. (Nota do Editor).

A. M. D. G.

Índice

Prefacio dos Editores

Dados biographicos do Servo de Deus, P. André Beltrami, autor desta obra

Prefacio do autor

Capítulo I — Nascimento da Santa — Primeiras palpitações de amor por Jesus — O berço enflorado de celestes favores — Pureza angélica da sua consciência — Doçuras do seu santo amor

Capítulo II — O castelo solitário de Corcheval — Celestes delicias aos pés do Tabernáculo — O lírio da virgindade — Os instantes de um coração puro — O manto da Virgem Maria

Capítulo III — A escola do sofrimento — Entre as Filhas de S. Clara — A mais bela aurora da vida — O primeiro amplexo de Jesus — Preciosas graças

Capítulo IV — Às portas da eternidade — A SS. Virgem cura-a milagrosamente — Sublime dom de oração. A coroa de espinãos, a cruz e o Calvário

Capítulo V — O médico celeste - Misteriosa sede de sofrimentos — Aparição de Jesus nos mistérios dolorosos da Paixão — A Sagrada Comunhão — Amor seráfico ao SS. Sacramento

Capítulo VI — Mistérios do coração humano — Relaxamento na piedade — Os festins, as flores e os cantos do mundo — Jesus flagelado — Terrível expiação — Luta entre dois amores soberanos

Capítulo VII — Amorosos cuidados com os pobres enfermos — O supremo combate — O amante mais belo e mais perfeito—Triunfo completo da graça — O hino da vitória

Capítulo VIII — As últimas provas — As duas mais belas flores da terra — Um filho do glorioso Patriarca de Assis — Abrem-se de par em par as portas do mosteiro

Capítulo IX — Visita ao mosteiro de Paray Le Monial — O extremo adeus — Angústias da morte — Um jardim de flores celestes — Belezas interiores da diretora e da mestra de noviças

Capítulo X — Maravilhoso segredo da oração — Os limites da obediência — Os esponsais do divino Cordeiro — Continua presença de Deus — A santidade do amor e a santidade da justiça

Capítulo XI — As lições do Esposo Divino — A rainha das virtudes — O Tabor e o Calvário — O Pólo celeste das almas santas

Capítulo XII — O fervor de um serafim — Resistência inútil — Maria e Martha — O encanto continuo do Divino Esposo — As virtudes mais sublimes

Capítulo XIII — A profissão religiosa — Valor infinito da obediência — Dez dias de vida no Céu — As dores da morte e as alegrias da ressurreição

Capítulo XIV — A esposa de Jesus — Desejo ardente de sofrer — Gloriosos triunfos da natureza — Um incêndio de amor com Deus

Capítulo XV — A nova superiora — Devoção soberana de Margarida — Transporte inefáveis de amor — Os dias e as noites diante do SS. Sacramento

Capítulo XVI — Primeira revelação — O Coração de Jesus fulgurante como o sol, coroado de espinhos e encimado por uma cruz — Amor excessivo pêlos homens — Maravilhoso effeito da visão

Capítulo XVII — Segunda revelação — Sentidas queixas — A Comunhão da primeira sexta-feira do mês e a Hora Santa — Da morte á vida — Duvida angustiosa

Capítulo XVIII — O enviado do Céu — Terceira revelação — A festa solene do Sagrado Coração de Jesus — As primícias das adorações ao Coração Divino — A união de três corações

Capítulo XIX — Um segredo das obras divinas — O adeus do venerável P. de la Colombière — O Calvário de Margarida — A fotografia de Jesus crucificado

Capítulo XX — Novas tribulações — Porque tanta singularidade? — Dolorosa expiação publica — O primeiro santuário do Sagrado Coração purificado

Capítulo XXI — A nova Superiora — Os milagres da obediência — O calvário do Venerável Padre de la Colombière — Novamente em Paray

Capítulo XXII — Testamento de Margarida firmado com o seu próprio sangue — O adorável nome de Jesus gravado no coração — Severo castigo de uma leve desobediência — Santa morte do Venerável Padre de la Colombière

Capítulo XXIII — Margarida mestra das noviças — Santos ensinamentos — As homenagens dos serafins ao Divino Coração — A primeira imagem do Sagrado Coração

Capítulo XXIV — O onomástico de Margarida — Um dia de paraíso — A primeira festa do Coração Divino — O ardor do Apostolado — A primeira imagem a óleo — Consagração de todo o mosteiro de Paray

Capítulo XXV — Livro, ofício, missa em honra do Coração de Jesus — Festa pública na diocese de Dijon — Maravilhosas promessas aos devotos do Sagrado Coração — Um penhor da glória eterna

Capítulo XXVI — Os abismos do Coração Divino — Grande revelação a respeito da França — Consagração de Luiz XVI, prisioneiro, ao Sagrado Coração — O templo nacional

Capítulo XXVII — As últimas cintilações de um astro — Amar e sofrer em silêncio — O desejo do olvido — Maravilhosos dons sobrenaturais

Capítulo XXVIII — O apelo ao esposo — Prepara a lâmpada com quarenta dias de retiro — Predição da morte e das suas circunstâncias — Expira num êxtase de amor — Funerais convertidos em triunfo

Capítulo XXIX — A glorificação da humilde virgem — É declarada venerável e mais tarde bem-aventurada — O cérebro incorrupto — O culto do Sagrado Coração

Capítulo XXX — A canonização

Capítulo XXXI — A aurora da devoção ao Coração de Jesus — Os Santos Padres e os Doutores — Alguns santos eleitos — Quando atingirá ao meio-dia? — Um voto ardente.